



DISSERTAÇÃO EM CIÊNCIA POLITICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

VERTENTE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O impacto do Islão no Choque de Civilizações e na Guerra Fria no Médio Oriente



ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO HORTA FERNANDES

ALUNO: JOÃO PEDRO PAULINO NARCISO

NÚMERO: 35649

Outubro, 2015

Índice

Agradecimentos	4
1 – Glossário	5
2 – Introdução	7
2.1 - Objecto e objectivos da tese	10
2.2 – Enquadramento Teórico.....	11
2.3 Desenho de pesquisa.....	14
3 – Metodologia	16
4– Conceitos Operacionais	18
4.1 – Islão versus Islamismo	20
5 – O Fundamentalismo Islâmico	22
5.1 – A <i>jihad</i>	24
5.2 – Doutrinas e doutrinadores do Islamismo	26
5.2.1 – O salafismo	30
5.2.2 – O wahhabismo.....	32
5.2.3 - O Xiismo Revolucionário	34
5.3 – Os grupos islâmicos mais relevantes.....	37
5.3.1 – A al-Qaeda	38
5.3.2 – O Estado Islâmico do Iraque e do Levante	41
5.3.3 – A Frente al-Nusra.....	46
5.3.4 – A Irmandade Muçulmana.....	48
5.3.5 – O Hamas	51
5.3.6 – O Hezbollah	54
6 – Financiamento	57

7 – Conflito no Médio Oriente.....	60
7.1 – SUNITAS VS XIITAS.....	61
7.2 – A GUERRA FRIA NO MÉDIO ORIENTE	64
7.3 – Al-Qaeda vs. ISIS	79
8 – Existe ou não um “Choque de Civilizações”?	82
8.1 – Existe “Choque de Civilizações”	84
8.2 – Não existe “Choque de Civilizações”	88
8.2.1 – Críticas ao “Choque de Civilizações”	90
9 – Conclusões.....	93
10 – Bibliografia.....	101
Internet.....	103

Agradecimentos

Ao professor doutor António Horta Fernandes por ter aceitado orientar a minha dissertação, e pelos conhecimentos que dele directamente colhi quando tive a cadeira de Estratégia, durante a pós graduação, em 2012.

Agradeço também a todos os professores com quem me cruzei ao longo da pós graduação, quer no Instituto de Defesa Nacional, quer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Grato por toda a cultura que me foi transmitida.

Ao meu colega e amigo de longa data José Ribeiro Vasconcelos Raposo, companheiro de várias batalhas académicas ao nesta nossa curta existência. Grato por todos os conselhos que me deu.

À minha professora e amiga Isabel David, que me acompanhou no trajecto académico, desde o meu 2^a ano de faculdade até à importância que teve enquanto minha orientadora do relatório final da licenciatura, durante a minha licenciatura em Relações Internacionais, no ISCSP.

Ao meu amigo Hugo Guerreiro pelo apoio incessante ao longo destes 12 meses, onde a sua palavra de conforto e coragem me fez acreditar que seria possível concretizar o objectivo de ser mestre.

E por fim, um muito obrigado à minha família, que permitiu a estabilidade necessária para poder estudar e aprender, e assim evoluir como aluno, militar, homem, e cidadão.

1 – Glossário

- Adala – Justiça.
- Allah – Deus.
- Apostasia – Renúncia à fé islâmica.
- Asabiyyah – Termo originalmente tribal ou clânico que se refere à solidariedade ou coesão social dentro da comunidade muçulmana.
- Bid`ah – Doutrina herética que significa inovação de qualquer assunto religioso.
- Bay`ah – Juramento de fidelidade a um líder religioso
- Dar al-Islam – Território onde a fé muçulmana é expressa.
- Dar al-Harb – Países fora do jugo islâmico.
- Dajjal – Anti-Messias.
- Dawa – Grupos islâmicos não violentos.
- Dhimma – Contrato social debaixo de um Estado controlado pela lei islâmica.
- Din – A verdadeira religião.
- Faqih – Líder político e jurista supremo em direito canónico islâmico.
- Fiqh – Compreensão humana da *sharia*.
- Fikr – Pensamento islâmico.
- Fitna – Luta entre sunitas e xiitas.
- Gharb – Ocidente.
- Hadith – Conjunto das acções, e ensinamentos do profeta Maomé.
- Hégira – Migração de Meca para Medina para a expandir a fé islâmica.
- Islamita – Aquele que usa o Islão como arma política.

- Jahiliyya – Sociedade do povo árabe antes do aparecimento do Islão. Descrita pelos mais radicais como a “idade da ignorância”.
- *Jihad* – Combate interior de cada muçulmano para cumprir os desígnios da religião islâmica.
- Jizya – Imposto cobrado aos cidadãos não muçulmanos de um Estado islâmico.
- Kaafir – Descrente.
- Madrassa – Escola onde se ensina o Alcorão.
- Mahdi – Chegada de um líder espiritual e temporal que vai governar e restaurar a religião e a justiça, antes do Apocalypse.
- Muçulmano – Pessoa submetida a Deus.
- Mujahidin – Alguém que se empenha na *jihad*.
- Secularismo – Separação do poder do Estado, do poder das instituições religiosas.
- Shahada – Crença na unicidade de Deus, e no profeta Maomé como o seu profeta.
- Shahîd – Significa “*testemunha*”, mas refere-se ao martírio dos muçulmanos.
- *Sharia* – Código moral e lei religiosa pelo qual se rege o mundo islâmico.
- Sufismo – Corrente mística e contemplativa do Islão.
- *Sunna* – Recolha de testemunhos dos companheiros de Maomé. A conduta do Profeta é o modelo a seguir por todos os muçulmanos.
- Takfir – Um muçulmano que renunciou à fé islâmica.
- Taliban – Estudante de uma madrassa.
- Tawhid – Crença na unicidade de Deus.
- Ulema – Teólogo com conhecimento da lei islâmica.
- Zulm – Injustiças cometidas contra a comunidade muçulmana.

2 – Introdução

Os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos da América transformaram a ordem internacional, e colocaram a tese do “Choque de Civilizações” de Samuel P. Huntington na ordem do dia. Esta defende que após o final da “Guerra Fria”¹ as identidades culturais e religiosas das civilizações passaram a ser a principal fonte de conflito do sistema internacional, redefinindo a interacção entre o Ocidente e as civilizações não ocidentais, onde o modelo laicista ocidental foi exportado para a comunidade muçulmana e o Islão se expandiu no Ocidente, acentuando-se a crise no mundo islâmico.

Contudo, e tendo como palco de acção a profusão de atentados terroristas no mundo e o actual conflito no Médio Oriente, questionamo-nos se todas as clivagens culturais e religiosas têm contribuído para acicatar o conflito entre a comunidade islâmica e o mundo ocidental. Relacionaremos as razões que levaram ao ressentimento dos países do Médio Oriente em relação ao domínio colonial por parte das potências ocidentais, e atribuir-lhes a responsabilidade para o acumular de tensão na região², e a forma como este ressentimento se relaciona com os conceitos de Islão e Islamismo, e com o aparecimento do fundamentalismo islâmico, com o uso da *jihad*, e como esta, através da deturpação do alcorão tem contribuído para a instabilidade na região do Médio Oriente. Com o surgimento do Islamismo, e fundamentado por várias teorias políticas e religiosas, como o *salafismo*, *wahhabismo*, e xiismo revolucionário, aparece o terrorismo islâmico moderno, com raízes no século XIX, como uma forma de atingir os objectivos propostos pelos seus praticantes, os islamitas. A revolução iraniana de 1979, o revivalismo religioso islâmico após a “Guerra Fria”, e a retirada

¹ Conflito disputado entre as duas superpotências da altura: Estados Unidos da América e União Soviética

² A forma como a França e a Inglaterra dividiram o mapa do Médio Oriente, após a queda do império Otomano, e disporam dos seus recursos energéticos. Isto, a juntar ao facto dos valores e princípios oriundos do mundo ocidental nunca terem sido aceites na comunidade muçulmana, gerou o ressentimento por parte da comunidade muçulmana.

soviética do Afeganistão, foram eventos responsáveis pela expansão do fundamentalismo religioso, assumindo o rastilho para o aparecimento do terrorismo islâmico. Arábia Saudita e Irão, representantes do ramo sunita e do ramo xiita, respectivamente, são os países mais activos no fomento do radicalismo da religião islâmica.

As doutrinas e os doutrinadores do Islamismo serão também alvo de uma descrição de forma a explicar a actuação dos principais grupos islâmicos, e qual o seu financiamento, para mostrar a relação entre as várias facções que compõem o conflito com os países fortes da região.

O objecto de estudo será o conflito que se manifesta no Médio Oriente, as posições e lealdades das várias facções que aqui se revelam, principalmente as pertencentes aos ramos sunita e xiita, e a forma como os dois países mais fortes da região, a Arábia Saudita e o Irão, usam o seu poderio militar, tecnológico, económico e demográfico para influenciar e expandir o seu poder na região, disseminando a sua vertente ideológica e religiosa, procurando cimentar um maior controlo e domínio sobre a região, agindo em defesa dos seus interesses, como qualquer Estado realista no sistema internacional, confirmando as suas repercussões na região e no mundo ocidental, e aferindo o impacto do “Choque de Civilizações”. Para além dos sectarismos, incidiremos também na questão central da dissertação: “será a actual Guerra Fria no Médio Oriente o resultado de um “Choque de Civilizações?”, de onde surgem duas teses: uma que, embora não negue a identidade islâmica e árabe, não confunde os ataques terroristas com a religião muçulmana no seu todo, atribuindo culpas aos erros políticos das potências ocidentais no Médio Oriente, entre outros; a outra tese sugere que estamos perante um conflito entre o Ocidente e o Islão, argumento defendido por Samuel P. Huntington (1927-2008) no seu livro: *“The Clash of civilizations and the remaking of the world order”*, de 1996.

No capítulo 8 desta dissertação analisaremos esta tese, e iremos comprovar ou refutar o argumento de Samuel Huntigon, explicando a sua contribuição para o estado da região. É com o objecto acima descrito que nos propomos desenvolver ao longo de 8 capítulos uma dissertação que esclareça a relação do Islão com o Islamismo, e comprove o “Choque de Civilizações”, no conflito do Médio Oriente, avançando para uma abordagem histórica do fenómeno que representa a tese de Samuel P.

Huntington, primeiro na revista *Foreign Affairs*, e depois em 1996, e mostrar a relação que esta tese tem com as repercussões no Médio Oriente.

Numa primeira fase definiremos o enquadramento metodológico e a conceptualização da sua análise, onde justificaremos a escolha do tema, bem como o método seleccionado para o estudar. Iremos para tal architectar um quadro conceptual responsável por mostrar a relação entre as organizações terroristas e o fundamentalista islâmico, pendurado na ideia de um regresso aos primórdios do Islão, bem como mostraremos quais as divisões dentro da comunidade muçulmana responsáveis pela instabilidade e violência sectária na região do Médio Oriente.

2.1 - Objecto e objectivos da tese

A presente elaboração teórica advém do meu ingresso na pós graduação em Estudos Estratégicos de Segurança, em 2012, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em conjunto com o Instituto de Defesa Nacional. Devido a um ano enriquecedor, adquiri uma paixão pelos assuntos relacionados com a Defesa Nacional, Segurança Nacional e Internacional, Geopolítica e Geoestratégica, graças a cadeiras como Cooperação Internacional, Processos de Decisão Estratégica, e Geopolítica e Geoestratégica. O resultado de dois semestres de aulas e um bom relacionamento entre colegas e professores permitiram-me definir o objecto de estudo tendente à obtenção do grau de mestre com o tema: “O impacto do Islão no Choque de Civilizações e na Guerra Fria no Médio Oriente”. Depois de investigar, ler artigos académicos, e participar em seminários, o meu interesse pelo tema cresceu e decidi pôr em prática tudo o que aprendi nesta casa.

Pretendemos com esta abordagem oferecer uma reflexão concisa que defina o objecto de estudo, considerando de extrema importância o carácter inovador e a capacidade de relacionar conceitos e factos inerentes à problemática. Centraremos a investigação na resposta à pergunta genérica de partida: “será a actual Guerra Fria no Médio Oriente o resultado de um Choque de Civilizações?”

O fenómeno em estudo incidirá no estudo das alianças desenvolvidas no contexto da “Guerra Fria” no Médio Oriente, e na confirmação das suas repercussões na região e no mundo ocidental, aferindo o impacto do “Choque de Civilizações” na mesma. Os movimentos radicais, os países que os apoiam, as suas relações, motivações e aspirações também foram alvo de um estudo analítico, bem como a forma como o terrorismo pode, em larga medida, ter influência no desenrolar da política da região, permitindo que esta seja condicionada por meios violentos, com vista à obtenção de determinados interesses.

2.2 – Enquadramento Teórico

O quadro teórico escolhido pretende enquadrar a tese do “Choque de Civilizações” que desenvolveremos ao longo dos oito capítulos da dissertação. Como base de entendimento do fenómeno do Islamismo e suas características, definiremos o Islão, Islamismo, Choque de Civilizações, Identidade, Terrorismo, Fundamentalismo Islâmico, Proxy Wars, e as principais doutrinas islamitas.

A tese de Samuel Huntigton³ do “Choque de Civilizações” defende que após a queda do muro de Berlim o mundo deixou de ser caracterizado por clivagens ideológicas⁴, e passou a confrontar-se num contexto cultural e religioso. Huntigton defende uma cisão entre o Islão e o Ocidente, de forma a validar os valores liberais que os ocidentais tentam impor no Médio Oriente. Para os defensores desta tese as principais querelas e clivagens manifestam-se entre civilizações diferentes, constituindo estas diferenças as maiores ameaças à estabilidade e à paz, pois os assuntos religiosos e culturais superam as questões económicas ou políticas. Através do apoio do livro de Huntigton: *“O Choque das civilizações e a Mudança na Ordem Mundial”*, foi possível mostrar um padrão de comportamento de muitos países do Médio Oriente em relação ao mundo ocidental, culpando-o pelo facto do menor desenvolvimento da sua civilização, e ser vítima da ingerência por parte de países ocidentais. A globalização, segundo Huntigton, tornou-se o catalisador do recrudescimento de movimentos radicais na comunidade muçulmana, ao aclarar as diferenças entre o mundo ocidental e o mundo islâmico.

Contudo, o “Choque de civilizações” é uma tese simplista que aborda um duelo entre um Islão reaccionário, obscurantista, milenarista, religioso, com ódio contra o mundo, e um Ocidente laico ou cristão, mas devasso e dominador⁵. A questão prende-se com o facto de saber se esta tese corresponde à complexidade e à verdade dos acontecimentos. Os defensores de uma tese oposta ao “Choque de Civilizações” são

³ Analista político norte-americano que escreveu uma tese sobre o “Choque das Civilizações”.

⁴ Especialmente o comunismo versus o capitalismo.

⁵ PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, p. 316.

personalidades como Amartya Sen⁶ e Benazir Bhutto⁷, que refutam o conceito de “identidade única”, que tem apoio na tese de Huntington. Esta tem o problema de se centrar numa definição dos indivíduos simplista, dividindo milhões de habitantes do planeta em grupos baseados na cultura e na religião, sem antes levantar a questão em redor de um verdadeiro choque civilizacional. Iremos fundamentar a crítica ao “Choque de Civilizações” em livros como *“Identidade e Violência: A ilusão do destino”* de Amartya Sen, e *“Reconciliação: O Islão, a democracia e o Oriente”*, de Benazir Bhutto, que contestam a ideia de que a segurança mundial varia em razão das clivagens religiosas ou culturais de cada civilização. Amartya Sen defende que a tese de Huntington contrasta a civilização ocidental com as civilizações hindus, islâmicas, budistas, entre outras, colocando ênfase nas divisões religiosas e culturais como responsáveis pelos conflitos mundiais. O conflito no Médio Oriente, foco da nossa dissertação, é representado por actores estatais de países muçulmanos, com a mesma religião, e com questões culturais não tão diferentes assim. Colocando as razões para a continuidade deste conflito em aspectos não relacionados com a diferença colossal entre o Ocidente e o Islão. O conflito na Síria é intra-civilizacional.

O 11 de Setembro de 2001 foi o motor do “Choque de Civilizações”. Os Estados Unidos da América invadiram o Afeganistão e o Iraque, invocando a defesa e a segurança da sua população, exacerbando o ressentimento da comunidade muçulmana. Algumas das causas inerentes à tese de Huntington referem factores inerentes ao ressentimento causado pela ocupação dos territórios do Médio Oriente pelas potências ocidentais, após o acordo Skyes-Picot⁸; a tentativa falhada de implementar valores e princípios liberais no mundo muçulmano, como a democracia, para o qual os regimes da região não estão aptos a lidar; o facto das potências ocidentais não serem coerentes em relação aos seus ideais, como os direitos humanos, ou apoiarem ditaduras no Médio Oriente apenas por interesses egoístas; e por fim a ingerência nos assuntos internos dos países muçulmanos⁹.

⁶ Prémio nobel da economia em 1998.

⁷ Antiga primeira ministra do Paquistão.

⁸ Acordo entre França e Inglaterra segundo o qual as potências europeias dividiram entre si os territórios árabes do extinto império Otomano.

⁹ www.csmonitor.com/2001/0927/p1s1-wogi.html

Durante esta dissertação, vamos abordar e tentar provar ou refutar esta teoria, debruçando-nos em duas facções que são hoje as mais representativas da discórdia e conflito na região do Médio Oriente: os sunitas, ramo maioritário do Islão, e os xiitas, uma minoria dentro desta comunidade. Será o “Choque de Civilizações” responsável por este nível de confrontação entre países, e grupos islâmicos, partidos políticos, tribos? Terá o Ocidente responsabilidades na região?

2.3 Desenho de pesquisa

A Guerra Fria no Médio Oriente, e o impacto da tese do “Choque de Civilizações” nesta, será o alvo da nossa análise. Procuraremos provar o sectarismo, as diferenças étnicas e religiosas, e a projecção de poder, de espaço vital e de influência, que motivam este conflito que se desenrola em quase todos os países do Médio Oriente, com incidência na Síria e no Iraque.

Vamos definir o ponto de partida com as respectivas de linhas de hipóteses teóricas:

- a) Que o Islão é uma religião que pratica o bem e o justo, valores consolidados no *alcorão*.
- b) Que é uma religião onde a separação do civil e do religioso não é fácil como no mundo ocidental.
- c) Que a separação dentro do Islão, entre xiitas e sunitas, cria instabilidade e atrito dentro do Médio Oriente.
- d) Que os grupos fundamentalistas são apoiados pelos países que têm interesses em alargar o seu poder e influência na região.

Se Huntington defende que a globalização expõe as diferenças entre as civilizações, aumentando as interações, e intensificando a consciência civilizacional para a disparidade de formas de viver, já Amartya Sen e Benazir Bhutto, defendem que o “Choque de Civilizações” não é um fundamento credível para caracterizar esta onda de ameaças à comunidade ocidental, e que os principais motivos para a “Guerra Fria” no Médio Oriente são a projecção de poder, influência, interesses económicos, e o sectarismo, derivado da rivalidade das duas maiores potências da região: Arábia Saudita e o Irão. A religião e a cultura afiguram-se assim como mais duas causas para um conflito que tem assolado uma área geográfica que historicamente sempre foi instável. Far-se-á uma análise dos pontos de vista favoráveis e desfavoráveis à tese de Huntington, visto esta não ser consensual no universo das relações internacionais.

Esta dissertação pretende ser um esforço interrogativo acerca das hipotéticas relações entre as civilizações, entre os vários ramos do Islão, explicar as diferenças que condizem ao sectarismo, a busca por poder e influência, mostrar o que motiva o estado de guerra, as razões que levam ao fundamentalismo islâmico, quais as doutrinas e os intelectuais que inspiram estes movimentos, e por fim abordar a forma como os grupos radicais e determinados países da região se relacionam, o que têm em comum, e o que os separa, numa tentativa de alcançarem os seus objectivos.

Para analisar quais os principais catalisadores do aparecimento desta violência sectária, é essencial abordar o fundamentalismo islâmico para conhecer as motivações dos grupos radicais, e as suas estratégias para convencer a comunidade muçulmana a aderir aos seus intuitos na região. A influência de doutrinas como o *wahhabismo* ou xiismo revolucionário são o estímulo intelectual para convencer os crentes de que o Islão correcto é aquele que é ministrado pela sua facção islâmica. Estas, baseadas num regresso ao Islão perfeito, contribuem para que a região seja vista pelo Ocidente como um “berço de terroristas”, tamanha é a profusão de violência na região. Assim, o radicalismo contribui para que a comunidade esteja dividida entre aqueles que defendem uma visão mais integrista do Islão, entre aqueles que aplicam o Islão moderado, e aqueles que sendo radicais, conseguem ainda ser mais radicais que outros, como o caso do ISIS em relação à al-Qaeda. Os fundamentalistas islâmicos defendem que até todo o mundo adoptar o Islão, *a jihad* deverá submeter a população mundial ao domínio exclusivo da fé islâmica. O “Choque de Civilizações” está bem vincado na forma como o Islão não é apenas uma religião, mas também uma forma de regular a sociedade. O conceito de secularismo não tem o mesmo peso que no Ocidente, colocando o Islão numa posição de autoridade que define a conduta social a ser desempenhada pelos cidadãos. Quanto mais fortes forem as ligações sociais maior será o controlo da religião sobre os membros da *umma*¹⁰.

¹⁰ ALMEIDA e SILVA, Teresa - *Islão, fundamentalismo islâmico, das origens ao século XXI*, capítulos 7 a 9.

3 – Metodologia

A tomada de um caminho teórico para o investigador é uma condição essencial para um estreitar e delimitar da sua pesquisa, facilitando a maneira de trabalhar e promover a fundamentação da sua questão de partida, ao mesmo tempo que legitima o seu discurso, buscando modelos teóricos que estejam de acordo com as ideias centrais. Ligado a estes modelos teóricos, procuramos juntar a estas linhas orientadoras um conjunto de observações práticas enquadradas na realidade que justifiquem a relevância do tema.

A metodologia é uma disciplina que aborda os processos de racionalidade de um pensamento metódico, sendo através dela que se constituem os conceitos básicos e os instrumentos racionais que um método deve utilizar de modo a atingir o seu fim. A devida utilização destes instrumentos organiza, interpreta, e explica os dados como um todo racional coerente, permitindo à metodologia influenciar a procura de fontes de inúmeras formas. O bom uso destes instrumentos leva a organizar, interpretar e explicar os dados como um todo racionalmente coerente.

Segundo o Professor Carlos Diogo Moreira, a pesquisa puramente empírica é virtualmente impossível, pois o papel da teoria é tornar o invisível, definir padrões e conferir significados aos tipos de observações que normalmente são efectuadas pelos investigadores sociais quando estudam as sociedades e culturas¹¹.

Num ciclo de mestrado enquadrado no contexto de Bolonha, a liberdade teórica do investigador não é por isso alargada a um nível de independência extrema, mantendo-se a busca constante pelas referências que justifiquem todo o enunciado, e exibindo o enquadramento que sirva a intenção definida à partida. As fontes de informação, ferramentas essenciais na persecução de dados para o nosso objecto de estudo, serão passíveis de análise à luz das nossas interrogações, sendo naturalmente neutrais.

¹¹ Moreira, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias de Intervenção Social*, p.19.

Pretendendo-se uma abordagem científica e rigorosa, queremos que os nossos dados sejam os mais fidedignos possíveis, e centrámos a análise nos modelos teóricos disponíveis ligados à concepção e teorização do Islão e do Islamismo, recorrendo em segunda medida, a documentos orientadores de políticas, a nível oficial.

Os dados meramente comprovados da forma empírica são legitimados pelas fontes, cujo valor em termos científicos é inequivocamente mais sólido do que a mera observação do investigador sem suporte. A preparação das fontes a analisar pormenorizadamente, tendo em conta as leituras prévias e o estado da arte do tema em questão facilitam a “economia das fontes” e racionalizam o tempo de pesquisa, concedendo-nos mais disponibilidade para as fontes que verdadeiramente interessam. Para provar a verdadeira consistência das fontes, recorreremos ao cruzamento de dados fornecidos pelas mesmas e faremos uma segunda validação, interrogando sempre mais do que uma vez a fonte original.

Condicionado por não ser possível determinar de forma precisa o peso da política ou religião no Islamismo, optaremos por usar dois métodos de definição conceptual: uma terminologia de carácter religioso que nos ajudará a perceber as origens intelectuais (religiosas e imutáveis) do movimento; e uma análise conceptual feita com base nas formas (estratégicas a curto e médio prazo) e razões de luta dos diversos violentos do espectro islamista.

As fontes documentais mais utilizadas foram os documentos escritos, como o *“O Choque das civilizações e a Mudança na Ordem Mundial”* de Huntington, ou *“Identidade e Violência: A ilusão do destino”* de Amartya Sen; o recurso a publicações online, no qual destacamos a revista do *Instituto Português de Relações Internacionais* - www.ipri.pt, da *Foreign Affairs* - www.foreignaffairs.com; ou a revista *Foreign Policy* - www.foreignaffairs.com. Destacamos também a importância do jornal *“The Observer”* e a revista *“Courrier International”*, cuja importância dos seus conteúdos se revelou preponderante para elaborar esta dissertação. Saliento ainda o recurso ao acervo bibliográfico ligado com as matérias a estudar, em concreto, obras com impacto em assuntos das relações internacionais, recursos em grande parte em língua inglesa, dada alguma falta de bibliografia na nossa língua em relação a estes assuntos.

4– Conceitos Operacionais

Muito embora não sirvam como definição intrínseca de determinado tipo de acção, os conceitos operacionais ajudam de forma extrínseca à sua compreensão. São instrumentos fundamentais ao entendimento e circunscrição do problema de partida sugerido pelo título desta dissertação.

- **Civilização** - É o mais elevado agrupamento cultural de pessoas e o nível mais amplo de identidade que distingue os humanos das outras espécies. É definida por elementos objectivos comuns, como a língua, a história, a religião, os costumes e as instituições, e pelo sentido de pertença das pessoas a essa mesma civilização.
- **Choque de Civilizações** – Tese publicada por Samuel Huntington na revista *Foreign Affairs*, em 1993, que defende que na nova era os Estados continuam a ser os actores mais poderosos das relações internacionais, mas agora são as civilizações que definem as linhas de divisão do futuro. Estas serão responsáveis por reconstruir a geografia da política internacional¹².
- **Estado falhado** – Um estado nominalmente soberano que não é unido politicamente, economicamente viável, não providencia segurança, ordem, ou bem-estar às suas populações. É um estado ingovernável e sem legitimidade aos olhos da comunidade internacional¹³.
- **Identidade** – Categoria de identificação que define a pessoa e a individualiza face às restantes. Traduz o entendimento que temos de quem somos e de

¹² MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 75.

¹³<http://www.foreignaffairs.com/articles/2002-07-01/failed-states-world-terror>. (Consultado a 15 de Junho de 2015).

quem são os outros, e reciprocamente, o entendimento que os outros têm de si e dos demais, onde claro, o “nós” está incluído.

- **Primavera Árabe** – Onda revolucionária de manifestações que originaram alterações em algumas sociedades da comunidade muçulmana. As causas foram a desigual distribuição da riqueza, as violações dos direitos humanos, o desemprego, a pobreza extrema, e a natureza ditatorial dos regimes políticos¹⁴.
- **Proxy Wars** – Segundo Armando Marques Guedes, *“é uma guerra por procuração, onde os oponentes usam partes terceiras como seus substitutos na condução material do conflito”*. A expressão ganhou corréncia durante o período bipolar, onde Estados Unidos da América e a União Soviética evitaram confrontos directos, cujas consequências podiam ser desastrosas em virtude do seu poderio bélico¹⁵.
- **Shatterbelts** – Regiões divididas internamente e que se encontram entre interesses estratégicos das superpotências.
- **Teocracia** – Significa governo de Deus, estando associado a um Estado onde a elite politica dominante é o clero e onde predominam os ideais e os preceitos religiosos.
- **Terrorismo** – É um acto político, que recorre à violência, e incide de forma cega sobre a população civil. Após o 11-09-2001, nos Estados Unidos da América, a noção de terrorismo foi alterada qualitativamente e este assumiu posturas radicais, adquirindo também uma categoria transnacional¹⁶.

¹⁴ MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 422.

¹⁵ http://www.academia.edu/9201902/Proxy_Wars (Consultado a 23 de Julho de 2015)

¹⁶ MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 510.

4.1 – Islão versus Islamismo

Nesta dissertação é essencial distinguir os conceitos de Islão e de Islamismo, pois diferem de forma clara. O Islão é a segunda maior religião do mundo, congregando mais de 1.600.000 crentes, que acreditam em apenas um deus, Allah, e assumem Maomé como seu único profeta, cujos ensinamentos, bem como o alcorão, são aceites pela comunidade muçulmana.

O Islamismo, por sua vez, é um movimento de carácter político com raízes na religião, influenciado pelas circunstâncias sociais que marcaram as comunidades muçulmanas após as suas independências das potências coloniais, e mais tarde em relação ao próprio fracasso do modelo nacionalista-socialista, fruto de ideais laicos de líderes árabes como o egípcio Abdel Nasser. O Islamismo traduz-se pela ambição de conquistar o aparelho de Estado e unir todos os crentes através de uma re-islamização dos costumes. Assenta a sua ideologia numa crítica sobre três questões: Estado, Ocidente, e modernidade. Engloba várias formas de pensamento, actores e organizações, cuja diversidade representa uma resposta à forma como a comunidade muçulmana é vista pelo mundo ocidental. Até à década de 1960 o Islamismo era teórico, passando à prática com o aparecimento de líderes como Sayyid Qutb, que assumiram um confronto contra os regimes políticos árabes e Ocidentais. Na década de 1970, o Islamismo ganhou espaço na comunidade internacional, especialmente devido à Revolução Iraniana de 1979, aos intentos da Arábia Saudita em afirmar o Islão sunita, e à guerra do Afeganistão (1979-1989), incrementando a crença de que somente o Islão pode guiar a sua comunidade à glória condizente com os seus valores e a sua história, originando uma sociedade justa.

Apesar de fortemente conotado com o Irão revolucionário e xiita, este movimento político está particularmente activo nos países sunitas, como a Arábia Saudita, onde as organizações *wahhabitas* gastam 10 mil milhões de dólares por ano na propagação do Islão, e no financiamento de movimentos islâmicos em

consequência da sua oposição à causa israelita e à ocupação norte americana na Arábia Saudita. O Islão fundamentalista odeia o materialismo e a economia de mercado, que identifica com os Estados Unidos da América, cuja política é entendida com parcial¹⁷.

É essencial não confundir *jihadismo* com o Islão. Este é uma referência para aqueles que professam a verdadeira religião, os moderados, distanciando-se dos radicais que defendem a *jihad* como sexto pilar do Islão e alicerçam o seu pensamento numa leitura integral do alcorão, deturpando o seu sentido.

Existe, pois, uma diferença entre os actos associados à prática de uma religião e uma ideologia que busca argumentos religiosos nos textos sagrados para fins políticos. Esta ideologia distorce conceitos religiosos, busca inspiração a conceitos e a ideologias ocidentais, e molda-as às suas pretensões políticas. Neste contexto, o Islão é a base do Islamismo, embora a sua contínua instrumentalização política seja elaborada por um conjunto de teóricos que pretendem reinterpretar o Islão enquanto meio de intervenção social e política.

¹⁷ VAISSE, Maurice – *As relações internacionais desde 1945*, p. 36.

5 – O Fundamentalismo Islâmico

Este termo define o Islão não apenas numa religião, mas num sistema que tutela os imperativos políticos, económicos, culturais e sociais do Estado, quebrando o paradigma dos estados laicos. Para os fundamentalistas islâmicos, o Islão é um sistema global e totalizante onde cabe à religião controlar todos os aspectos da sociedade. Os islamitas defendem que é preciso difundir, expandir, propagar o Islão de forma a erigir uma ordem religiosa islâmica capaz de regular a vida de todos os fiéis¹⁸. Em primeiro lugar defendem o bem da comunidade e só depois a propriedade privada, pois sustentam que toda a propriedade pertence a Allah¹⁹. O livro sagrado sugere a coerção da sociedade, não possuindo os crentes livre arbítrio sobre a conduta social a desempenhar. Quanto mais fortes forem as ligações sociais, maior será o controlo da religião sobre os membros da *umma*²⁰.

A génese do Fundamentalismo Islâmico é explicada pelo ressentimento da comunidade muçulmana em relação ao domínio colonial exercido pelas maiores potências ocidentais, desde o século XIX até à segunda metade do século XX. O orgulho, a história e a cultura destas sociedades foram postos em causa. A tentativa falhada de implementação de valores e princípios liberais ocidentais no mundo muçulmano, especialmente após a queda do muro de Berlim, é outro factor que contribuiu para este ressentimento. Outra causa é o facto das potências ocidentais terem comportamentos políticos que não correspondem aos ideais que advogam, especialmente a sua falta de coerência no apoio a valores como os direitos humanos, e simultaneamente no apoio a países que não os respeitam. Não obstante, apoiam a democracia, permitem eleições, mas não permitem que partidos islâmicos as

¹⁸ A *jihad* tem esse objectivo, pois a soberania de Allah não pode estar em causa, sendo qualquer obstáculo ultrapassado.

¹⁹ Tendo em vista não permitir que os crentes sejam gananciosos.

²⁰ ALMEIDA e SILVA, Teresa - Islão, fundamentalismo islâmico, das origens ao século XXI, capítulos 7 a 9.

vençam²¹. A ingerência nos assuntos internos dos países muçulmanos também tem contribuído para a cisão²², bem como o apoio militar, económico e político a regimes ditatoriais e desrespeitadores dos ideais de liberdade. Huntington crê que este ressentimento islâmico contribui para o nascimento do fundamentalismo islâmico²³.

O Fundamentalismo Islâmico detém uma forte mensagem conservadora, resultado das mudanças políticas e sociais que afectam a comunidade muçulmana. Os islamitas exigem a implementação de um regime político baseado no alcorão, pois a transformação do Islão enquadra-se num contexto histórico específico que deslocou o pensamento islâmico do campo teológico para o social, resultando num sistema sociopolítico próprio. A “renovação espiritual” e um regresso ao estilo de vida puritano dos primeiros muçulmanos, visto como o verdadeiro caminho²⁴ é a grande doutrina dos seguidores mais radicais do Islão.

²¹ Como por exemplo nas eleições de 1992 na Argélia, onde a Frente Islâmica de Salvação havia ganho vantagem na primeira volta, e as eleições foram canceladas por forma a não poderem almejar o poder.

²² A guerra do Golfo de 1990-1991 é um exemplo, tendo a continuidade das tropas americanas e britânicas sido contestada.

²³ <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=31> (Consultado a 12 de Janeiro de 2015).

²⁴ Os denominados salafitas.

5.1 – A *jihad*

A palavra vem da raiz árabe *j-h-d*, que traduzido à letra significa “empenho” ou “esforço”²⁵. Muitas vezes é identificada com um significado muito próximo de “luta”, e a partir daí também de “combate”. Tem sido interpretada como sinónimo de luta moral ou luta armada, e vista pelos radicais como um modo de guerra defensiva, para defender o Islão dos infiéis. O alcorão dá um exemplo: “*combatei, no caminho de Deus, aqueles que vos combatem, mas não sejais nunca os agressores. Deus não ama os agressores*” (sura 11:190)²⁶.

Existem dois tipos de *jihad*: a *jihad* maior, que representa a luta interior empreendida pelos muçulmanos contra as tentações do dia-a-dia, por forma a serem melhores crentes; e a *jihad* menor, que é a luta em defesa de Allah, vista de uma forma colectiva e declarada pelo califa para combater os infiéis em territórios adjacentes à *umma*. Na guerra defensiva, a *jihad* é uma obrigação para todos os muçulmanos adultos, enquanto na guerra ofensiva constitui uma obrigação para toda a comunidade²⁷.

Na história do Islão²⁸, a *jihad* foi relacionada com o avanço e defesa do império muçulmano. A crença islâmica faz uma divisão: a casa do Islão²⁹, onde os governantes muçulmanos têm o poder; e a casa da guerra³⁰, constituída pelo resto do mundo governado pelos infiéis. A obrigação da *jihad* funda-se na universalidade da revelação muçulmana, constituindo dever de toda a comunidade muçulmana converter todos os infiéis³¹. Cada crente contribui para a *jihad* através de orações ou apoio financeiro.³²

²⁵ <http://www.quranicstudies.com/jihad/the-meaning-of-jihad/>. (Consultado a 16 de Janeiro de 2015)

²⁶ MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 278.

²⁷ <http://islamicsupremecouncil.org/understanding-islam/legal-rulings/5-jihad-a-misunderstoodconcept-from-islam.html?start=9>

²⁸ Durante mais de catorze séculos.

²⁹ Dar al-Islam.

³⁰ Dar al-Harb.

³¹ Esta obrigação não tem limites no espaço e no tempo, devendo durar até que o mundo partilhe da fé islâmica, e esteja submetido à autoridade do Estado Islâmico.

³² MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 278.

Na prática a aplicação da *jihad* nem sempre foi feita com o recurso à violência. O estado de guerra, canonicamente obrigatório, podia ser interrompido por aquilo que era designado por tréguas³³, feitas pelo profeta e pelos seus inimigos pagãos, que vieram a ser a base da lei internacional islâmica. A palavra árabe *dhimma* significa um contrato entre o Estado muçulmano e uma comunidade de súbditos não muçulmanos³⁴.

Quem morre numa *jihad* é apelidado de mártir, que tem tradução para o árabe como *shahîd*³⁵, sendo o martírio uma prova da fé do crente perante Allah. A morte numa guerra santa é recompensada com a vida eterna ao lado de setenta e duas virgens de olhos escuros no paraíso³⁶. A *jihad* está assente na *sharia*, constituindo uma obrigação religiosa³⁷, sendo hoje o fundamento legitimador das acções violentas dos grupos radicais. Os fundamentalistas defendem que até o mundo adoptar o Islão, a *jihad* deverá submeter toda a população mundial ao domínio exclusivo da fé muçulmana. O alcorão serve como modelo orientador, apoiado nas *hadiths* e na *sunna*³⁸.

Actualmente, os líderes militantes das principais organizações terroristas proclamaram uma *jihad* dupla, uma contra os infiéis estrangeiros, e outra contra os apóstatas domésticos. As leis islâmicas têm a função de, através do terror, intimidação, tortura, e assassinato, legitimar os actos contra aqueles que, apesar de terem nascido muçulmanos, renegaram a sua religião³⁹.

³³ Tratado de paz.

³⁴ LEWIS, Bernard – *Crise no Islão*, p. 54.

³⁵ Em português a palavra mártir vem do grego *mártir* que significa “testemunha”, ou seja, aquele que está preparado para morrer em benefício da sua fé.

³⁶ <http://palwatch.org/main.aspx?fi=565>. (Consultado a 17 de Janeiro de 2015)

³⁷ LEWIS, Bernard – *A Crise no Islão*, p. 47 a 51.

³⁹ <http://www.raymondibrahim.com/translated/le-nouveau-califat-islamique-declare-le-jihad-contre-des-musulmans/> (Consultado a 17 de Janeiro de 2015)

5.2 – Doutrinas e doutrinadores do Islamismo

Os termos *salafismo*, *wahhabismo*, *xiismo revolucionário*, e *jihadismo* constituem algumas das correntes mais radicais do Islamismo.

O *wahhabismo* de raiz saudita, e o *xiismo revolucionário*, de raiz xiita são os mais visíveis. O primeiro, de cariz sunita, ortodoxo e conservador, pretende restaurar o Islão puro através do regresso aos primórdios do Islão, onde havia o benefício do contacto com o profeta e com os seus companheiros. Este movimento rejeita as escolas jurídicas islâmicas além das três primeiras gerações, considerando-as inovações desnecessárias, preferindo um regresso às primeiras fontes do alcorão e da *hadith*, tendo suporte na escola de jurisprudência Hanbalita. Os *wahhabistas*, sob proteção da casa de Saud, passaram a disseminar a sua mensagem por toda a comunidade muçulmana, usando para tal a força⁴⁰. Deturpam o livro sagrado como suporte da sua ideologia, impondo o seu pensamento a muçulmanos e não muçulmanos⁴¹.

O xiismo revolucionário foi inspirado nas ideologias de Hassan al-Banna e Ala Maududi, e transposto para a prática pelo ayatollah Ruhollah Khomeini. A revolução islâmica do Irão trouxe renovação espiritual à população, apelando a um corte com o imperialismo e o secularismo, defendendo que o poder político devia estar na posse dos líderes religiosos, representando assim um dever destes governar a comunidade muçulmana⁴². O poder político subordinado ao Islão inspira outros movimentos radicais como o Hezbollah ou o Hamas. Tem uma visão maniqueísta, onde de um lado há o Dar al-Islam, e do outro lado o Dar al-Harb⁴³.

Houve muitos teóricos islâmicos, mas destacamos os que consideramos mais relevantes para a dissertação: Ibn Taymiyya (1263-1328), Muhammad ibn al-Wahhab

⁴⁰ Esta ideologia passou a ter espaço perante governos fracos e incapazes de resistir a este tipo de agressões.

⁴¹ <http://www.islamicsupremecouncil.org/understanding-islam/anti-extremism/7-islamic-radicalism-its-wahhabi-roots-and-current-representation.html> (Consultado a 21 de Janeiro de 2015)

⁴² ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p. 113 e 114.

⁴³ Numa alusão ao mundo ocidental.

(1703-1972), Hassan-al Banna (1906-1949), Sayyid Qutb (1906-1966), Ala Maududi (1903-1979), e Ruhollah Khomeini (1902-1989).

Ibn Taymiyya é visto como o pai da revolução islâmica. Viveu no século XIII e deixou um legado que serve de oposição às diferenças culturais, especialmente no período pós colonial. Foi um dos mais controversos pensadores do Islão, preso várias vezes ao longo da sua vida. Viveu num período conturbado, assinalado pelo desmoronamento do império Abássida, derivado da tomada de Bagdade pelo império mongol. Para Taymiyya, estes acontecimentos foram sinais da desaprovação divina da comunidade muçulmana, passando a solução por um regresso aos primórdios do Islão. É referenciado pelo movimento *wahhabista* e por movimentos radicais como a al-Qaeda, de forma a justificar actos de terrorismo e conflitos armados.

Muhammad ibn al-Wahhab foi um teólogo que defendeu o regresso dos muçulmanos aos verdadeiros princípios do Islão. Viveu em Medina, onde fez a sua educação básica, e ensinou durante vários anos no Iraque onde casou com uma mulher influente cuja fortuna herdou após a sua morte. No Irão começou a pregar contra as doutrinas sufistas, que considerava extremistas. Ao retornar a Medina, escreveu o Kitab at-tawhid, “Livro da unidade”, que se mantém como a base da ideologia *wahhabista*. Os seus seguidores autodenominam-se de *muwahhidun*, ou unitários, sendo o termo *wahhabitas* usado pelos não muçulmanos ou facções rivais. A sua doutrina religiosa fundiu-se com a casa de Saud, dando origem a uma força dominante na península arábica, desde 1800. Desde então a disseminação do *wahhabismo* não mais parou.

Hassan al-Banna, que fundou, em 1928, a Irmandade Muçulmana⁴⁴, foi um dos pioneiros dos movimentos islâmicos. A Irmandade Muçulmana surgiu num contexto de crise nacional derivado da subjugação da monarquia egípcia ao poder colonial inglês. Foi um movimento de revivalismo religioso com ambições de reforma social, económica e política. Al-Banna é considerado o embrião das várias milícias armadas e grupos políticos islâmicos como o Hezbollah, o Hamas, e a Al-Qaeda⁴⁵.

Sayyid Qutb, de origem egípcia, viu as suas ideologias proliferarem graças ao fracasso do nacionalismo e do socialismo de inspiração soviética. O *qutbismo*, como

⁴⁴ Em árabe *Ikhwan al-Muslinum*.

⁴⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Hassan_al_Banna. (Consultado a 23 de Janeiro de 2015)

ficou conhecido, passou a ser uma forma da comunidade acreditar em melhores condições de existência. Defende um Islão ofensivo que visa revolucionar o *statuo quo* de todas as nações, e tem como influências o anticolonialismo, e o ideário do anti Ocidente, no qual se inspirou junto de ideologias ocidentais como o fascismo/nazismo e o comunismo. Ao contrário do *wahhabismo*, o *qutbismo* não é um fenómeno da idade média, mas sim da modernidade. Qutb sonhou com uma ordem política islâmica, baseada na criação de uma ordem política internacional que destruía o papel do Ocidente na liderança mundial. É uma ideologia trabalhada do ponto de vista intelectual, capaz de impor às outras interpretações do Islão um conjunto de princípios epistemológicos que validam os discursos e práticas islâmicas, visando manter a autenticidade islâmica e impedir a poluição moral do Ocidente, pois para Qutb, no Ocidente impera a barbárie sexual: “a *sexualidade americana era um sinal de primitivismo*”. Aquando da sua visita aos Estados Unidos da América (1948 – 1950), Qutb ficou desagrado com o que viu: o cosmopolismo, o pluralismo sem um centro religioso único, a liberdade das mulheres, e o individualismo. Aquilo que o desesperava era a comunidade muçulmana se deixar dominar por uma cultura ideologicamente inferior, a *jahiliyya*, a terra da ignorância religiosa e do barbarismo cultural⁴⁶. Para Qutb, o mundo do século XX, liderado pelo Ocidente, vivia uma segunda *Jahiliyya*, mais perigosa do que aquela vivida antes da revelação oferecida a Maomé em 622⁴⁷. Para Qutb, Allah era o único soberano concebível, recusando a ideia de soberania de Estado, e de um sistema político estruturado pelo homem⁴⁸. Do ponto de vista operacional, Sayyid Qutb e seus apoiantes, defendiam a implementação de um Estado Islâmico pela via revolucionária, onde os muçulmanos deveriam viver uma vida pura longe dos infiéis, para derrubar a ordem política vigente. Qutb concluiu que todos os muçulmanos devem aplicar a *jihad* e respeitar a lei islâmica na sociedade, aceitando a legitimidade da revolta dos muçulmanos contra um poder corrupto, e retirando do governo aqueles que não cumprem os propósitos do Estado Islâmico. Desta forma,

⁴⁶ http://www.encyclopedia.com/topic/Sayyid_Qutb.aspx. (Consultado a 17 de Janeiro de 2015)

⁴⁷ A Hégira.

⁴⁸ Estes não podiam agir como seres políticos, mas apenas como seres jurídicos que cumprem as ordenações divinas previamente estabelecidas, assumindo-se o Ocidente como uma “dupla aberração”, pois era constituído por diversos Estados soberanos governados por um sistema político inteiramente feito por leis humanas: a democracia.

Qutb defendeu um estado teocrático numa sociedade convertida ao Islão. Acabaria executado, a mando do Coronel Nasser, em 1966⁴⁹.

Ala Maududi fundou a organização Jamaat-e-islami⁵⁰. Ele defendeu o governo da comunidade muçulmana por todos os muçulmanos, retirando o poder aos ulemas. Mas, inicialmente, Maududi opôs-se à criação de um Estado muçulmano separado do resto do subcontinente, opondo-se aos líderes da Liga Muçulmana que buscavam definir uma maioria muçulmana no novo Estado do Paquistão. Maududi defendeu que um Estado muçulmano teria que ter uma constituição baseada no alcorão, na *sunna*, e na *sharia*.

O ayatollah Khomeini foi o que de forma mais fiel transpôs os ideais de al-Banna para o seio da comunidade, no Irão⁵¹. O seu conservadorismo e ódio ao Ocidente, bem como ao governo do Xá Pahlevi, foram o motor para convencer a população que os destinos políticos da comunidade deveriam estar na posse do clero. O seu carácter radical espelha-se ao considerar que o Islão teria de ser purificado e que a comunidade teria de ser guiada por um ulema, mesmo que ainda não existissem os alicerces sociais para isso.⁵² Khomeini tentou exportar a revolução a outros países muçulmanos, primeiro no Iraque, depois no Líbano. Contudo, só mais tarde, com o apoio do Hezbollah, a Revolução criou os alicerces para a expansão do xiismo, combatendo os infiéis⁵³ e lutando para instituir um Estado Islâmico em todos os países muçulmanos⁵⁴.

Os movimentos *jihadistas* são o rosto visível de uma interpretação unidimensional, sectária e política do Islão. Com a religião por bandeira identitária usam as suas ideologias, alicerçadas pelo alcorão, para sensibilizar a comunidade muçulmana na obtenção dos seus objectivos.

⁴⁹ <http://www.middleeastmonitor.com/articles/middle-east/14418-the-muslim-brotherhood-and-salafist-jihad-isis-different-ideologies-different-methodologies>. (Consultado a 18 de Janeiro de 2015)

⁵⁰ O maior movimento islâmico da Ásia.

⁵¹ A revolução de 1979 conseguiu pela primeira vez no século XX colocar um governo teocrático no poder

⁵² Hassan al-Banna defendia que a Irmandade Muçulmana só deveria chegar ao poder quando a consciência islâmica da população egípcia estivesse suficientemente estabelecida.

⁵³ Estados Unidos da América e Israel.

⁵⁴ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p.114 e 115.

5.2.1 – O salafismo

O *salafismo* tem a sua origem na palavra árabe *salafiyya*, oriunda de um movimento reformista⁵⁵ que remete a ideologia do Islão para uma conciliação entre a pureza da religião praticada pelos companheiros do profeta⁵⁶, com os valores e progressos de ordem científica e tecnológica do mundo ocidental.

O termo *salafismo* aparece pela primeira vez no Egito, no final da década de 1960, após a derrota contra Israel, e no rescaldo do conflito entre a Irmandade Muçulmana e o regime de Nasser, que começou em 1954. É uma ideologia ortodoxa que apela ao regresso às tradições dos devotos ancestrais, às três primeiras gerações de muçulmanos, ao monoteísmo absoluto⁵⁷, e ao emprego exclusivo do alcorão e da *sunna* como fontes teleológicas, sendo a pureza da religião alicerçada no duplo princípio de *jihad*. O desejo comum de retorno aos *salafis*⁵⁸ conduz à pretensão de criar uma comunidade muçulmana governada por um califa, numa sociedade que cumpra o modelo definido nas cidades sagradas de Medina e Meca, governadas pelo profeta Maomé. Para os salafitas, a *salafi dawa* é pura e perfeita, capaz de unir toda a comunidade muçulmana com base na adesão literal ao alcorão e à *sunna*, e transmitida pelos “piedosos ancestrais”, dos quais cabe seguir o caminho correto. A *salafi dawa* baseia-se em três questões fundamentais: A *tawhida*⁵⁹, a *Tarkiya*⁶⁰, e a *Ittiba*⁶¹.

O *salafismo* afirma que os problemas do mundo muçulmano derivam da corrupção oriunda da adopção de ideias e valores contrários ao alcorão e que

⁵⁵ Sob influência de Muhammed Abduh, conhecedor do mundo europeu.

⁵⁶ *Salaf*.

⁵⁷ *Tawhidi*.

⁵⁸ Os grandes ancestrais.

⁵⁹ Absoluta unicidade de Deus.

⁶⁰ Purificação permanente da alma por adesão absoluta aos mandamentos de Deus.

⁶¹ Necessidade de seguir o mais proximamente o modelo corânico.

conduziram ao atraso da civilização muçulmana. Os *salafitas* rejeitam a inovação⁶² e qualquer alteração à linha de filiação dos *piedosos ancestrais*, bem como são opositores de seitas e escolas religiosas, especialmente aquelas que praticam o politeísmo e a idolatria. Desta forma, rejeitam os xiitas e os sufistas por praticarem o esoterismo e o misticismo, e todos os tipos de partidarismos islâmicos ocidentalizados, como o partido norte-americano *Nation of islam*⁶³.

Os *salafitas* concentram a sua atenção em certos elementos da doutrina islâmica, como o conceito de soberania divina e o papel da *jihad*. A crença na soberania divina confere-lhes rigidez intelectual e dogmatismo na medida em que rejeitam as leis humanas e exigem a destruição dos sistemas políticos que as aplicam. Os islamitas argumentam que as leis divinas são a única fonte de lei do Islão e devem dirigir a conduta humana. Na prática, tal posição implica que só Allah exerça soberania sobre os homens e que a *sharia* é a única lei válida para o governo da comunidade.

Em suma, o *salafismo* reconstrói um Islão fixado numa idealização da vida (*sunna*) e dos dizeres (*hadith*) do profeta e dos primeiros califas. É a expressão moderna dos métodos propostos por al-Wahháb, mostrando comprometimento com os seus fundamentos a todos os níveis, representando o ramo mais radical do sunismo em termos teóricos e práticos. Essencialmente, o *salafismo* não viola o *wahhabismo*, é uma tentativa prática de o aplicar, à força se necessário.

⁶² Bid`a.

⁶³ Todos estes grupos são vistos como hereges e apóstatas, cujo culto nada tem a ver com o Islão.

5.2.2 – O wahhabismo

O *wahhabismo* foi fundado por Muhammad Ibn Abd al-Wahhab, nascido em 1703 na região de Nadj, e descendente de uma família de juristas religiosos que lançou as bases do Estado Saudita a partir de uma guerra entre clãs e tribos, respondendo à hegemonia do Império Otomano, levando à formação de três estados puritanos nos séculos XVIII, século XIX, e o último no século XX, que culminaria com a criação do reino da Arábia Saudita em 1932. É hoje a religião oficial da Arábia Saudita.

Al-Wahhab formou um pacto com Muhammad bin Saud, que consistia na divisão do poder religioso para al-Wahhab e do poder político para a sua pessoa, aumentando a autoridade na região. O movimento ajudou a estabelecer o governo saudita, sem se comprometer com a democracia, e sem se preocupar com a legitimidade. De facto, a democracia é vista como blasfémia, sendo a submissão e obediência a Allah a justificação para a sua implementação. Os dois poderes beneficiaram desta aliança legitimada pelas suas autoridades, segurando as suas regras e justificando as suas políticas, com as respectivas convulsões sociais que isto gerou⁶⁴.

Ibn al-Wahhab concluiu que sendo Allah único, a sua natureza divina não pode ser partilhada, pelo que todas as matérias da lei Lhe pertencem. De igual modo, como apenas Allah merece adoração, qualquer outra forma de veneração a um santo quebra a *tawhid*⁶⁵, sendo este um aspecto essencial da sua mensagem, reforçando o 1º pilar do Islão⁶⁶, sendo o movimento conhecido como *ad dawa lil tawhid*, ou “chama para a unicidade”, e seus seguidores conhecidos por *ahl at tawhid*, “as pessoas da unidade”, ou *al-mwahhidum*⁶⁷.

Os *wahhabitas* praticam o Islão defensivo, preocupando-se apenas com a manutenção do seu espaço. Vivem de acordo com as regras que marcavam a vida do

⁶⁴<http://www.islamicsupremecouncil.org/understanding-islam/anti-extremism/7-islamic-radicalism-its-wahhabi-roots-and-current-representation.html>. (Consultado a 27 de Janeiro de 2015)

⁶⁵ GONÇALVES, Francisco – *O Islamismo Radical e o Combate às suas Ameaças: da Dwa à jihad*, p. 29.

⁶⁶ *Tawhid*.

⁶⁷ Unitários.

Médio Oriente há catorze séculos atrás, interpretando de forma rígida o conceito de *sharia* e o regresso à época dourada do Islão. Assim, al-Wahhab separou a população pela crença em Deus, sendo todas as suas acções classificadas segundo a religião. Os *wahhabitas* têm a certeza de ser os únicos representantes do verdadeiro Islão, situando-se na descendência do profeta e dos seus primeiros companheiros. Quem não partilha das suas crenças é politeísta ou impio, sendo rejeitado e considerado herege. Os muçulmanos sunitas que não aplicam o *wahhabismo* são considerados apóstatas, enquanto os xiitas apelidados de conspiradores contra o Islão.

O *wahhabismo* foi introduzido sem previamente ser testado num contexto política. Contudo, incorpora a mensagem intelectual dos defensores do regresso ao Islão puro, aos primórdios da civilização muçulmana, representando uma forma de integralismo estabelecido, ou seja, um conservadorismo que busca prolongar *ad eternum* um *statuo quo* no tempo. É absolutamente muçulmano, e ao invés do movimento qutbista não culpabiliza o mundo ocidental pela crise no Islão.

O *wahhabismo* prega a violência e a *jihad* menor como um pilar da virtude islâmica, a rigidez, o conformismo da prática religiosa, a opressão sobre as mulheres, a rejeição da modernidade, o secularismo, a democracia como algo contrário ao Islão, e a militância proselitica⁶⁸. Contudo, a ideologia *wahhabista* caracteriza-se por um conjunto de crenças doutrinárias e prescrições de comportamento que muitas vezes são hostis aos valores e interesses da comunidade muçulmana.

⁶⁸ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*.

5.2.3 - O Xiismo Revolucionário

O ramo xiita é maioritário no Irão (90% da população), no Iraque (65%), no Azerbaijão (75%) e no Bahrein (75%), no Líbano tem a comunidade mais representada (45%), e tem comunidades importantes no Paquistão (20%), no Afeganistão (19%), no Kuwait (30%), no Qatar (16%), na Arábia Saudita (10%) e nos Emirados Árabes Unidos (6%). São o segundo maior ramo dentro do Islão, constituindo cerca de 30% da comunidade muçulmana⁶⁹.

Os xiitas consideram o quarto califa, Ali, o seu sucessor legítimo, pois sendo genro e primo de Maomé, era hereditariamente o legítimo sucessor do profeta. Nascia a divisão entre sunismo e xiismo. Com o triunfo de Muawiya, após o assassinio de Ali, esta disputa relegou os xiitas para uma posição de dissidência, originando visões diferentes do Islão, com regras e doutrinas opostas. Uma delas é a intermediação entre o crente e Allah. Enquanto no sunismo o clérigo tem um papel diminuto, no xiismo existe uma orientação espiritual do ayatollah sobre o crente, que origina uma hierarquia de foro religioso.

Todo o processo de ascensão do xiismo é reforçado pela sua crescente transnacionalização, onde uma vez mais a religião e a política, e as relações pessoais e familiares se entrecruzam a vários níveis da estrutura social, com impactos geopolíticos. O clero é organizado de forma hierárquica, e desenvolve laços e redes no seu interior, entre mestres e discípulos, que se encontram nas mesmas escolas religiosas, mas que provêm de vários países. O mesmo acontece na relação entre o crente e o seu ayatollahs, dado o facto de o primeiro poder escolher o segundo sem restrições de fronteiras ou nacionalidades, o que origina a liderança do desenvolvimento espiritual e intelectual do xiismo permaneça nas cidades santas do Iraque, originando a transnacionalização do xiismo e a construção de uma vasta rede de aliados, desde operacionais de informações, milícias armadas, até, políticos em vários partidos xiitas iraquianos, remetendo-nos para a dimensão mais geopolítica da

⁶⁹ <http://shianumbers.com/>. (Consultado a 14 de Junho de 2015)

questão. O problema xiita é mais complicado e mais subtil do que o das minorias, pois os xiitas partilham as referências maioritárias de serem muçulmanos e portanto a discriminação está escondida, daí a sua consciência colectiva de injustiça e marginalização. A sua existência questiona o ideal islâmico, mitificado pelos sunitas, da unidade da *umma*, considerando os xiitas heterodoxos. Os xiitas desenvolveram ao longo dos séculos uma forma de quietismo, de dissimulação e de submissão aos poderes instituídos enquanto esperam pelo 12º imã⁷⁰, e pela libertação da injustiça e da desigualdade que o último imã trará.

A revolução islâmica do Irão foi um movimento popular pela democratização e terminou com a criação do primeiro Estado Islâmico. A corrupção entre os governantes, a intromissão de potências estrangeiras nos destinos do país, a desigualdade entre ricos e pobres aprofundou-se na década de 1970. As críticas ao Xá Reza Pahlevi, bem como à sua forma de controlar a economia e o seu carácter autoritário, levaram a oposição a incrementar a sua deposição. O ayatollah Ruhollah Khomeini, exilado em Paris, foi a voz da contestação. Prometeu mudanças na sociedade, e um regresso aos valores tradicionais islâmicos⁷¹. A revolução iraniana de 1979 marcou uma época em que todo o ressentimento em relação aos Estados Unidos da América e a sua cumplicidade com os déspotas corruptos que governavam o seu país veio ao de cima. Pahlevi era considerado não merecedor do título de governante do país. Os ideais de igualdade, anti sionismo, e antiamericanismo foram decisivos na colocação de redes que visam o poder pelos radicais islâmicos. Khomeini implementou a sua visão de um governo islâmico sob a liderança de um “guardião jurisconsulto”, um líder religioso que gerou controvérsia entre os académicos xiitas e que se opôs aos sunitas, que historicamente diferenciam líderes políticos de líderes religiosos. Os ayatollahs xiitas sempre foram os guardiões da fé, defendendo Khomeini que estes devem governar a *umma*, instaurando o Islão, defendendo os seus propósitos, e seguindo os ditames da lei islâmica. O ayatollah introduziu os ideais de fé do tempo do Profeta, pregou à unidade muçulmana, e apoiou grupos islâmicos no Líbano, Iraque, Afeganistão, Bahrein, e Paquistão para disseminar a revolução. A Irmandade

⁷⁰ Mahdi.

⁷¹ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p.114.

Muçulmana e o Hamas, mostraram admiração pelo sucesso de Khomeini, mas não aceitaram a sua liderança, sob pena de suspeitas sectárias⁷².

Com a revolução iraniana do ayatollah Khomeini, a polaridade xiismo vs. sunismo tornou-se tão visível como a de iranianos vs. árabes, muito motivado pelo facto de Saddam Hussein ter deslocado o centro do xiismo do Iraque para o Irão, fomentando a expansão da influência xiita a toda a região.

Ainda hoje minoritários, os xiitas caracterizam-se por serem tradicionalistas, conservando as antigas interpretações do alcorão e da Lei Islâmica⁷³.

⁷²http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/ (Consultado a 11 de Julho de 2015)

⁷³ *Sharia*.

5.3 – Os grupos islâmicos mais relevantes

O aparecimento dos grupos islâmicos radicais dá-se após a queda do império Otomano, após os muçulmanos tomarem conhecimento da opressão dos seus direitos fundamentais, e da submissão dos seus líderes perante os interesses ocidentais.

Algumas organizações, como a Irmandade Muçulmana, aplicaram a *dawa*⁷⁴, mas depressa surgiram grupos mais violentos que se converteram no mais radical que a ordem internacional já viu, como é exemplo da al-Qaeda e do ISIS.

O terrorismo baseia-se em pôr em prática métodos violentos de forma a atingir determinado objectivo político. Desta forma, estes grupos radicais islâmicos mais proeminentes, como a al-Qaeda, o ISIS, a Frente al-Nusra, o Hamas, ou o Hezbollah, definem-se como opositores do anti-imperialismo, do anti-sionismo, e do anti-americanismo, usando a *jihad* para os focar os seus ataques no Ocidente e em Israel, bem como a todos os estados muçulmanos de facções inimigas, como os massacres da al-Qaeda aos civis xiitas no Iraque ou a participação do Hezbollah na guerra civil síria⁷⁵. Assumem também todas as formas de sectarismo religioso e étnico, ao mostrarem fidelidade não às estruturas de governo do Estado a que pertencem, mas às facções condizentes quer com o seu ramo do Islão, quer com os países que melhor lhes servem os interesses. Al-Qaeda, ISIS, e Frente al-Nusra apoiam o ramo sunita, estando mais próximas da Arábia Saudita, enquanto o Hezbollah e o Hamas estão relacionados com o Irão, beneficiando do seu apoio a todos os níveis⁷⁶. Falaremos também da Irmandade Muçulmana, como contribuição ideológica para a causa *jihadista*, sendo o seu anti-ocidentalismo pioneiro, e a herança de al-Banna e Qutb importante para reforçar a crença neste confronto.

⁷⁴ A Dawa, que à letra significa “convidar”, baseia num tipo de proselitismo que prefere o diálogo acerca da religião, ao missionismo que procura angariar crentes.

⁷⁵ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#! (Consultado a 11 de Julho de 2015)

⁷⁶ As novas tecnologias e a comunicação social têm revolucionado a capacidade de recrutamento, não necessitando os fundamentalistas de se infiltrar em mesquitas ou atrair pessoas de forma sub-reptícia, pois a mensagem da *jihad* é transmitida por formas mais eficazes.

5.3.1 – A al-Qaeda

O 11 de Setembro de 2001 é essencial para entender a mudança no funcionamento do sistema internacional. Os Estados Unidos da América ao invadirem o Afeganistão e o Iraque, invocando a defesa e a segurança da sua população, elegeram o radicalismo islâmico como a principal ameaça à segurança do mundo ocidental. A al-Qaeda foi quem reivindicou a autoria destes atentados.

Olhando para os atentados perpetrados pela organização, é possível verificar que tem uma arquitectura nova. A organização, tendo em conta os seus objectivos, reorganizou-se, actuando actualmente num rede cujas células estão dispersas e são independentes, muitas vezes sem sequer ter conhecimento de outras células a operar na área ou com os mesmos objectivos. Torna-se difícil capturar a célula e estabelecer ligações hierárquicas.

A Al-Qaeda é um movimento do Islamismo, cuja criação remonta aos anos 1980. Preconiza um conjunto difuso de redes de homens de todas as proveniências, com capacidade de fácil reagrupamento, que compartilham a crença de alcançar o “Islão Perfeito”, a idade de ouro da civilização islâmica. A Al-Qaeda, é segundo Alain Bauer e Xavier Raufer, *“uma entidade biológica, um protoplasma flexível, amorfo, móvel, nómada, transnacional, e desterritorializado, dinâmico e imprevisível”*. Ou seja, uma organização com várias ramificações, de vários grupos ou indivíduos, relativamente pouco estruturados, diferentes do estilo ocidental. É uma entidade baseada numa fraternidade, de várias sub-entidades maiores e menores, exclusivamente sunitas, juntas pela crença no martírio e da cultura da *jihad*.

As suas reivindicações têm um contexto político, utilizando a religião para atingir os objectivos, que passam por, actuando como um movimento político subterrâneo expulsar os não muçulmanos da península arábica, a abolição do Estado

de Israel, e o fim do suporte de ditaduras no espaço muçulmano⁷⁷. Os seus líderes pretendem, a longo prazo, obter um califado islâmico mundial que reúna todos os países muçulmanos, devendo obediência à *sharia*. Esse califado será exercido a partir da Arábia saudita⁷⁸, encarada como o “*interior de uma vasta mesquita*”, que tem de se libertar de todos os apóstatas. Esta libertação vai permitir o reencontro com os seus valores islâmicos e o regresso ao papel de líder da comunidade muçulmana⁷⁹. Para isso é preciso encetar um projecto de reconquista islâmica, começando, segundo os seus planos, pela Europa, numa primeira fase⁸⁰.

Bin Laden e a Al-Qaeda são as franjas radicais de um movimento muito mais vasto, a militância islamita moderna. As suas razões de queixa são de natureza política, mas articulam-se em termos religiosos e em referência a uma visão religiosa do mundo. Nos últimos quinze anos, milhares de jovens passaram pelos campos de treino do Afeganistão para concretizar o sonho de uma acção violenta contra o ocidente⁸¹. Os seus militantes estão habituados à guerra, quer no Afeganistão, Chechénia, Caxemira, Bósnia ou sul das Filipinas, e a viver na clandestinidade. Existe entre eles um forte sentido de obediência, capacidade para sofrer e conspirar, e “*desenrolar um pensamento de grandes circunstâncias*”. A al-Qaeda alicerça a sua ideologia nas características tribais, medievais, absolutistas, e messiânicas⁸².

O terrorismo é usado como um contrapoder, uma forma de orientar uma reacção nos Estados com o qual possa beneficiar, na prossecução dos seus objectivos, quase sempre de foro político ou religioso⁸³.

Hoje em dia os extremistas são considerados como válidos no moderno activismo político do Islão, assumindo-se como um padrão ideológico para os jovens muçulmanos em fúria⁸⁴. Depois do 11 de Setembro, a al-Qaeda politizou-se deixando

⁷⁷ <http://foreignpolicy.com/2014/03/17/al-qaeda-core-a-short-history/>. (Consultada no dia 22 de Fevereiro de 2015).

⁷⁸ É terra onde o profeta Maomé iniciou a pregação da mensagem profética.

⁷⁹ BAUER, Alain – *A globalização do terrorismo*, p. 35.

⁸⁰ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p. 129.

⁸¹ BURKE, Jason – *Al Qaeda – A história do Islamismo Radical*, p.23

⁸² <http://foreignpolicy.com/2014/03/17/al-qaeda-core-a-short-history/> (Consultado a 13 de Julho de 2015)

⁸³ DOUGHERTY, James E. – *Relações internacionais – As teorias em confronto*, p. 495.

⁸⁴ BURKE, Jason – *Al Qaeda – A história do Islamismo Radical*, p.32.

para trás o seu discurso milenarista, definindo objectivos, meios, e estratégias para adquirir mais poder⁸⁵.

A teologia da al-Qaeda, e similares organizações terroristas, combina aspectos do *wahhabismo* e do Islamismo activista actual, considerando a democracia como apóstata, pois coloca os caprichos do povo acima de Deus.

“ O amor da morte no caminho para Allah é a arma que aniquilará o império maligno da América, assim Allah o permita”.

Ayman al-Zawahiri

⁸⁵PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, p. 320.

5.3.2 – O Estado Islâmico do Iraque e do Levante

O Estado Islâmico do Iraque e do Levante⁸⁶ está envolto numa série de mistérios. Para uns, é uma organização que combina eficiência burocrática e perícia militar com uma sofisticada capacidade tecnológica e informática, para outros um Estado dito capaz de governar⁸⁷.

O ISIS empreende um movimento territorial com a missão de expandir, através da força e do terror, as interpretações literais do alcorão. Procura recriar os primórdios do Islão, reproduzindo fielmente as suas normas religiosas⁸⁸. Os seus líderes têm punições de estilo medieval para crimes morais, como chicotadas aquando da ingestão de demasiado álcool, fornicação, ou apedrejamento em caso de adultério. Muitas organizações muçulmanas tradicionais afirmam que o ISIS é não islâmico. Muitos opositores da natureza religiosa do ISIS estão enraizados num absurdo de guerra, *Islão vs Mundo Cristão*. De acordo com Bernard Haykel⁸⁹, *“as fileiras do ISIS estão profundamente imiscuídas com vigor religioso”*. Ele refere ainda: *“o ISIS distorce os textos do Islão, e considera que a sua ideologia é assente na ignorância, sendo o Islão uma religião de paz”*.

O ISIS considera essencial instaurar um califado, um território para toda a comunidade muçulmana, restituindo-o depois do seu fim em 1923, aquando Mustafa Kemal Atatürk secularizou a actual Turquia⁹⁰. O califado é um veículo para a salvação, passando as leis islâmicas a ser postas em prática, obrigando a comunidade muçulmana a emigrar para o território conquistado, para aí erigir a sociedade islâmica pretendida. O califa pede e exige obediência, sendo considerados apóstatas os que

⁸⁶ ISIS.

⁸⁷ <http://www.foreignpolicy.com/2015/07/24/is-the-rise-of-isis-really-such-a-mystery> . (Consultado a 09 de Abril de 2015)

⁸⁸ Bernard Lewis referiu: *“há uma assídua seriedade obsessiva sobre a dedicação do EI aos textos sagrados do alcorão”*.

⁸⁹ Islamólogo da Universidade de Princeton.

⁹⁰ Em Junho de 2014, o ISIS autoproclamou o califado. O seu líder, Baghdadi⁹⁰ disse que *“reviver o califado era uma obrigação dos muçulmanos, e recupera-lo dos infiéis é uma missão que a comunidade muçulmana deve estabelecer”*.

persistem em apoiar governos não muçulmanos. A propaganda do ISIS relata promessas de *baya`a*⁹¹ dentro dos grupos *jiihadistas* de todo o mundo muçulmano. É dentro deste califado que todos os que se opõem aos valores do alcorão serão aniquilados, sob a voz do Islão⁹². Será em Dabiq que irá decorrer a batalha final do Islão, onde a versão islâmica do Anticristo, *Dajjal*, será derrotado por Jesus Cristo, restaurando desta forma a religião e a justiça⁹³. As crenças do ISIS sobre o caminho para o dia do juízo final contribuem para a sua estratégia de obtenção de realidade alternativa distópica, por forma a exercer o poder absoluto sobre milhões de pessoas.

O ISIS é liderado por Abu Bakr al-Baghdadi, um antigo professor de estudos islâmicos e imã num mesquita em Bagdad e Falluja, antes de ser detido pelas forças norte americanas a 4 de Junho de 2004. Após a sua libertação, estabeleceu uma milícia sunita e juntou-se à al-Qaeda⁹⁴, fazendo do Iraque um inferno, especialmente no ano de 2013. Na Síria, cidades na fronteira com a Turquia são mini califados do ISIS, bloqueando a ajuda humanitária e pulverizando as restantes posições⁹⁵.

O ISIS é constituído por radicais salafitas sunitas, devotos religiosos, mas também *jiihadistas* oriundos de outros estados, baseando-se o seu comando no antigo corpo de oficiais do exército de Saddam Hussein. Aliado a uma ideia de purificar o Islão, o Baath⁹⁶ procurou monopolizar e erradicar qualquer ameaça ao poder na região. A influência do Baath é evidente na natureza das acções do ISIS: redes de espionagem, hierárquica vincada, tácticas de combate, e elaborados planos financeiros e logísticos, similares aos usados pelo antigo ditador durante os cerca de 35 anos de poder no Iraque⁹⁷. Esta influência remonta à altura em que Saddam começou a sua campanha para consolidar o poder do Baath. Esta reflectiu desafios geopolíticos e prioridades para o Iraque logo após a revolução iraniana de 1979, a guerra Iraque-Irão (1980-1989), e a tentativa de Saddam controlar a ameaça xiita, vinda do Irão. Neste sentido, Saddam procurou controlar todas as instituições religiosas do Iraque, criar

⁹¹ Fidelidade.

⁹² PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, p. 316.

⁹³ http://www.huffingtonpost.com/pietros-maneos/the-great-battle-of-dabiq_b_6696936.html. Consultado a 09 de Abril de 2015)

⁹⁴ Baghdadi tornou a *al-Nusra* uma facção moderada da *jiihad* síria, se comparada com o ISIS.

⁹⁵ LIMA, Bernardo Pires – *A Síria em pedaços*, p. 206.

⁹⁶ Partido de Saddam Hussein.

⁹⁷ <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/baathists-behind-the-islamic-state.html#> (Consultado a 11 de Abril de 2015)

estruturas islâmicas, recrutar redes de espiões e actividades islâmicas para servir o regime, e munir o Baath de estruturas, membros e órgãos de segurança dentro dos círculos religiosos⁹⁸.

O ISIS é uma força de guerrilha extremamente móvel, sem uma infra-estrutura organizacional dividida em quartel-general, bases militares ou unidades de aprovisionamento não passíveis de serem destruídas por mísseis e bombas, tornando desta forma a utilidade dos drones e aviões tripulados insignificantes para atingir resultados satisfatórios. Destruir as suas refinarias de petróleo, bem como os silos de cereais, que constituem a sua infra-estrutura económica, também não é solução pois vai empobrecer os civis, e aumentar a hostilidade em relação aos Estados Unidos.

A religião pregada pelos seus seguidores deriva de interpretações eruditas do Islão. Cada lei promulgada pelo ISIS adere à chamada “metodologia profética”, que significa seguir a profecia e tradição do profeta Maomé⁹⁹. A grande diferença para os *wahhabistas*, que conquistaram a maior parte do que hoje é a Arábia Saudita, é que estes conquistaram territórios que já eram islâmicos, enquanto o ISIS, pelo contrário, defende o regresso aos primórdios do Islão, onde os muçulmanos estavam rodeados por não muçulmanos e recorreram à força para os expulsar. Desta forma, o ISIS aplica a *jihad* ofensiva, atacando o território dos infiéis com o objectivo de se expandir e disseminar a sua fé fora da comunidade muçulmana. Contudo, também pratica a *jihad* menor, ou *jihad* marcial, pois luta contra os agressores em nome da religião¹⁰⁰.

O ISIS considera o xiismo como uma inovação. Afirmar que as práticas xiitas comuns, tais como o culto dos túmulos dos imãs e a autoflagelação pública não têm base no alcorão, nem na tradição do profeta. O que determina que 200 milhões de xiitas¹⁰¹ estejam destinados a morrer, bem como os chefes de Estado de todos os países muçulmanos que deturpem a lei islâmica, com o intuito de tomar o poder sem a aprovação de Allah.

⁹⁸ <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/baathists-behind-the-islamic-state.html#ixzz3jeRNwsp2> (Consultado a 11 de Abril de 2015).

⁹⁹ Antes do aparecimento do ISIS, nenhum grupo nos últimos séculos tinha sido mais fiel ao modelo profético que os *wahhabistas* do século XVIII, na Arábia Saudita.

¹⁰⁰ MENDES, Nuno Canas – Enciclopédia das relações internacionais, p.220.

¹⁰¹ A totalidade dentro da comunidade muçulmana.

Há fortes indícios que o ISIS é apoiado pela Turquia¹⁰². Os militantes de Baghdadi controlam os campos de petróleo no Iraque e na Síria, produzindo cerca de 120 mil barris por dia. O petróleo é transportado para a Turquia, onde é vendido com um desconto de 70%, especialmente para o mercado asiático. A relação entre o ISIS e a Turquia explica-se pelo movimento de milhares de cidadãos europeus da Turquia para o Iraque e a Síria. O fluxo de homens e material de e para o ISIS tem sido intenso, sendo de acreditar que existe um centro não oficial de recrutamento de *jihadistas* na Turquia, segundo a emissora alemã ARD. Esta refere ainda que há campos de treino e hospitais na Turquia, junto à fronteira com a Síria. O ISIS apoia a guerra da Turquia contra os curdos, especialmente no norte, o que os torna aliados dos turcos nesta situação, bem como na luta pelo domínio regional com o Irão¹⁰³.

O ISIS tem vindo a atrair a atenção de muitos jovens de populações descontentes do Médio Oriente e da Europa. Da Noruega, Egipto, Tunísia, França, Líbano, e Canadá vêm jovens, que independentemente de pertencerem a democracias prósperas ou ditaduras pobres acreditam nas ideias do grupo. Estes jovens, partem para o terreno em busca de um espaço onde se sintam dominadores em vez de dominados, funcionando a violência como um símbolo de comprometimento com esta causa, a pertença a este califado¹⁰⁴. As mulheres têm sido também recrutadas para a organização, representando um papel importante, especialmente nas redes sociais e nos *media*, jurando fidelidade aos seus maridos, e incentivando o alistamento de mais pessoas. O seu número exacto não é preciso, mas analistas de terrorismo estimam que são cerca de trinta as mulheres que vieram desde a Europa para a Síria para lutar junto aos seus maridos, sem demonstrar intenções de regressar. Esta tendência pode vir a crescer, sendo até de crer que mais mulheres possam vir procurar marido dentro da organização. Algumas situações onde as mulheres são importantes são na vigilância das outras mulheres do ISIS, para garantir que cumprem a *sharia*, ou para vigiar e

¹⁰² <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/09/turkey-iraq-syria-krq-isis-oil-hostages.html> (Consultado a 11 de Junho de 2015)

¹⁰³ <http://blogs.timesofisrael.com/is-turkey-behind-isis/> (Consultado a 11 de Julho de 2015)

¹⁰⁴ PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, p. 304.

controlar as outras mulheres nos “checkpoints”, garantindo que não entregam armas à oposição, e em funções de procriação, aumentando a natalidade dentro do ISIS¹⁰⁵.

Alguns séculos se passaram desde que as guerras religiosas deixaram de assolar a Europa, tornando assim difícil de entender as notícias das práticas do ISIS. No passado os ocidentais, que acusaram os muçulmanos de seguir cegamente as escrituras antigas, receberam da parte de notáveis académicos¹⁰⁶, a reprovação e crítica por tentarem fazer passar o Islão como uma religião retrógrada. Em vez disso, terão de ser apontadas as condições em que estas circunstâncias surgiram, tais como o mau governo, a flutuação dos costumes sociais, a humilhação de viver em terras valorizadas apenas pelo seu petróleo. Sem o reconhecimento desses factores nenhuma explicação da origem do ISIS poderia estar completa.

Para os *jihadistas* do ISIS, o Ocidente representa um conjunto de afrontas ao Islão, desde o imperialismo, o consumismo, a submissão dos regimes árabes perante estados mais poderosos, e a forma interesseira como as maiores potências mundiais utilizam os recursos dos países muçulmanos.

¹⁰⁵ <http://www.time.com/3276567/how-isis-is-recruiting-women-from-around-the-world/>. (Consultado a 11 de Julho de 2015)

¹⁰⁶ Como Edward Said.

5.3.3 – A Frente al-Nusra

A Frente al-Nusra, também conhecida como Jabhat al-Nusra¹⁰⁷, é uma milícia islâmica de orientação sunita e *jihadista*, criada em 2012, com o propósito de integrar as forças da oposição ao governo sírio de Baschar al-Assad. É um grupo com contornos agressivos, considerado pelos Estados Unidos da América uma organização terrorista. Em 2013, a al-Nusra jurou fidelidade à al-Qaeda, com o qual partilha ligações ideológicas estreitas.

A organização impõe uma visão estrita da lei islâmica nos territórios que ocupa militarmente, a favor do combate ao governo alauita residente no poder. O seu principal dirigente é Abu Mohammad al-Golani. Considerada bem treinada, e bem-sucedida no campo de batalha, a organização ganhou o respeito e apoio de muitos grupos rebeldes, incluindo aqueles ligados ao Exército de libertação da Síria. Apesar de não ser tão radical como outros grupos, como a al-Qaeda no Iraque, a al-Nusra sofre forte oposição por parte de facções sírias, por impor a lei islâmica nas regiões que controla. Foi inclusivamente a primeira organização de libertação da Síria que reivindicou ataques terroristas sobre a população civil. A al-Nusra pretende derrubar o governo de al-Assad e substituí-lo por um estado islâmico sunita. Contudo, ao invés do seu rival ISIS, reclama que isso apenas será possível com a colaboração de outros grupos islâmicos.

A al-Nusra é um dos mais bem equipados grupos rebeldes na guerra civil da Síria, sendo que grande parte dos recursos para a guerra vêm do exterior, como armas e explosivos. Antes do conflito entre a al-Qaeda no Iraque, esta reclamava que apoiava a organização de Abu Mohammad al-Golani.

Segundo o ISIS, a al-Nusra recruta a maior parte dos seus *jihadistas* entre os rebeldes da guerra na Síria, oriundos do Médio Oriente, e de alguns países europeus.

¹⁰⁷ Significa “a Frente da vitória para o povo da grande Síria”.

Inicialmente, a organização recebia ordens da al-Qaeda e da al-Qaeda no Iraque. Após a separação, em 2013, o comandante da al-Nusra, al-Julani prometeu fidelidade à al-Qaeda. Tal como o ISIS, a al-Nusra governa grande parte do território que detém. Estabeleceu tribunais islâmicos, fornece serviços básicos à sua população, como electricidade e distribuição de comida, o que lhe tem motivado o respeito por parte da população, e em certos casos até fomentado a dependência. A organização emite vídeos de propaganda à comunidade muçulmana desde o seu grupo televisivo, al-Manara al-Baida, ou o “The White Minaret”. Estes são publicados pelos *jiihadistas*, através da comunicação social, e partilhados na internet. Apesar de alguma oposição, algumas porções da população local são fortes apoiantes da al-Nusra, e muitos cidadãos protestaram aquando da designação de grupo terrorista pelos Estados Unidos da América.

Tal como muitas organizações que compõem o conflito sírio, a al-Nusra mantém relações complexas com outros grupos. A relação com o Exército de libertação da Síria não é fácil, pois estes são seculares e moderados ao contrário dos apelidados de terroristas, sendo os seus objectivos diferentes para o futuro da Síria, colidindo nas suas formas de actuar. Os conflitos entre os grupos resultam muitas vezes em deserções, procurando os rebeldes da Frente de libertação Síria ingressar no mais bem equipado e preparado movimento *jiihadista*, al-Nusra¹⁰⁸.

¹⁰⁸ <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/493>. (Consultado a 11 de Agosto de 2015).

5.3.4 – A Irmandade Muçulmana

A Irmandade Muçulmana foi fundada em 1928 sob a égide de um homem chamado Hassan al-Banna. De natureza conservadora, o jovem professor disseminou a mensagem do alcorão, e denunciou a forma como a comunidade muçulmana estava a ser vítima de injustiças, e de contaminação social e cultural por parte do mundo ocidental. Desta forma, a Irmandade Muçulmana expandiu-se por todos os países do Médio Oriente, chegando a ser influente na transformação social em países como o Sudão e a Palestina¹⁰⁹.

A Irmandade Muçulmana é considerada um dos movimentos islâmicos mais moderados ao nível do pensamento. Mantém um forte compromisso com a renovação da identidade islâmica, conciliando a tradição com a modernidade. Manteve-se, contudo, fiel à ideia de acção da religião nos assuntos políticos, de forma a construir e definir as instituições do Estado, com o intuito de erigir uma nação livre e digna para o povo egípcio. A união da nação, bem como a democracia contra a tirania, e o nacionalismo contra o isolacionismo¹¹⁰, são lutas assumidas pelo movimento islâmico. Esta organização aparece como resposta à queda do império Otomano e à extinção do último califado muçulmano¹¹¹, de onde surgiram vários movimentos nacionalistas que visavam expulsar o imperialismo da região¹¹².

Para além de Hassan al-Banna, outra figura que personaliza a organização é Sayyid Qutb¹¹³, um escritor que ascendeu na hierarquia da organização nas décadas de 1950 e 1960, defendendo um Islão forte e coeso, capaz de transformar a sociedade e

¹⁰⁹ <http://www.middleeastmonitor.com/articles/middle-east/14418-the-muslim-brotherhood-and-salafist-jihad-isis-different-ideologies-different-methodologies> (Consultado a 17 de Julho de 2015).

¹¹⁰ <http://www.middleeastmonitor.com/articles/middle-east/14418-the-muslim-brotherhood-and-salafist-jihad-isis-different-ideologies-different-methodologies>. (Consultado a 15 de Julho de 2015).

¹¹¹ O império Otomano, em 1924.

¹¹² Imperialismo britânico e francês.

¹¹³ 1906-1966.

voltar aos tempos do profeta Maomé. A *jihad moderna*¹¹⁴ é muito influenciada por ele. Acabaria executado, em 1966, pelo regime do Coronel Gamal Abdel-Nasser. O grupo sobreviveu aos inúmeros actos de repressão por partes dos regimes vigentes no poder. Na sua fase mais jovem, a organização esteve envolvida na morte de políticos coloniais, e também de autoridades do Egipto, o que levou o coronel Nasser a proibir a Irmandade Muçulmana. A aplicação incondicional da *sharia* foi defendida por Qutb.

Enquanto partido, a Irmandade Muçulmana invoca um estado civil democrático de base islâmica, onde os preceitos de democracia liberal, liberdade de eleições, separação de poderes entre os órgãos eleitos, e a liberdade de associação são aceites. A sua hierarquia de comando é vincada, estando no topo da pirâmide um guia geral, e sendo a sua liderança executiva exercida pelo conselho de orientação, composto por 16 a 19 membros¹¹⁵. Na base da pirâmide estão os *usra*, um grupo que permite a criação de fortes laços entre os membros. A caridade é algo que o grupo privilegia, desde a prestação de cuidados médicos, à alimentação e ajuda aos pobres¹¹⁶.

Na primeira década do século XXI, depois da perseguição pelos governos militares, a Irmandade Muçulmana tornou-se um grupo de base com aspirações sociais, como criação de escolas, mesquitas, ou associações de caridade, e voltou em força à militância activa, colocando candidatos nas eleições parlamentares. A facção mais moderada da organização defende que têm de ser aceites os princípios da democracia, pois esta será a forma de competirem livremente com os poderes instituídos. Contudo, Hosni Mubarak quebrou promessas que havia feito ao grupo, resultando uma revolta, maioritariamente feita por jovens de esquerda e defensores do secularismo, cujos protestos em massa contra o presidente do Egipto originaram a queda do estadista. Logo após, foi criado o primeiro partido democrático, o partido Liberdade e Justiça¹¹⁷.

Em suma, a Irmandade Muçulmana luta para transformar o Islão numa forma de vida total, um fio condutor para o individuo, para a comunidade e para a política. As suas acções pautam-se pela rejeição de toda a contradição do alcorão, pela promoção

¹¹⁴ O uso de meios combativos para difundir a paz e a justiça das áreas islâmicas para áreas que não estejam sob influência do profeta Maomé.

¹¹⁵ <http://www.ikhwanweb.com/article.php?id=817>. (Consultado a 04 de Fevereiro de 2015)

¹¹⁶ <http://www.jihadwatch.org/2014/04/muslim-brotherhood-launches-its-own-u-s-political-party>.

¹¹⁷ Liderado por Mohamed Morsi. (Consultado a 30 de Julho de 2015).

da saúde do corpo e do espírito, pelo incremento da fraternidade entre muçulmanos, pela utilização da política como meio de disseminar a religião, e por fim, à construção de um Estado muçulmano. Insere-se hoje no modelo “islâmico democrático e pluralista” da Turquia, fazendo da organização uma garantia contra o regresso do terrorismo ao Egipto e à região¹¹⁸.

O Islão da Irmandade Muçulmana não é apenas uma religião, mas um modo de vida, uma constituição política, um exemplo e um modelo de organização social.

“O estado não pode ser soberano, visto que Deus é o único soberano aceitável”.

Sayyid Qutb

¹¹⁸ ROGEIRO, Nuno - *Na rua Árabe – Causas e Consequências das revoltas no Médio Oriente*, p.201.

5.3.5 – O Hamas

A Palestina tem uma história longa e tumultuosa, pois está situada numa localização estratégica entre o Egito, a Síria, e a Península Arábica, onde se entrecruzam diferentes religiões, culturas, e etnias. A região constitui o berço das três principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo, e o Islão.

Em 1948, aquando da criação do Estado de Israel, o Sionismo¹¹⁹ difundiu-se entre os judeus da Diáspora, incentivando o regresso destes à região. Após a saída dos britânicos, e a transferência do problema do território para a responsabilidade da Organização das Nações Unidas, foi elaborado um plano com vista à criação de dois estados separados: um judeu e um palestino, o que não sucedeu, motivando o descontentamento dos muçulmanos, que para além de não possuírem um Estado árabe, se tinham tornado refugiados.

A Organização para a Libertação da Palestina¹²⁰ foi a primeira organização criada para lutar pela autodeterminação dos árabes por um território autónomo, através do recurso à luta armada. Após a guerra de 1967¹²¹, a organização transferiu as suas actividades para a Jordânia dedicando-se à guerrilha e ao terrorismo. Em 1968, foram adoptadas resoluções que reconheciam os “direitos inalienáveis” do povo palestino à autodeterminação. Até 1991, foi considerada pela maioria dos países ocidentais uma organização terrorista, antes dos acordos de Oslo que vieram trazer alguma abertura em relação ao conflito aberto desde os anos 1940¹²².

O Hamas, uma organização palestina islâmica, com um braço armado associado, as brigadas *Izz ad-Din al-Qassam*, é designado uma organização terrorista pela União Europeia, Canadá, Israel, Japão, Estados Unidos, Austrália e Reino Unido. A

¹¹⁹ Movimento político que defende o regresso do povo judeu a um território estabelecido na Palestina, estabelecendo aí um Estado soberano.

¹²⁰ Fundada em 1964, no Cairo, e conhecida por OLP.

¹²¹ Guerra dos seis dias.

¹²² <http://www.economist.com/node/1922472>. (Consultado a 30 de Agosto de 2015).

sua criação deu-se em 1988, logo após a primeira intifada¹²³, e com forte influência da Irmandade Muçulmana, do Egito, sempre exibindo uma face radical do Islamismo, inspirado na revolução iraniana de 1979.

Um dos seus fundadores foi o Sheik Ahmed Yassin, que defendeu a obrigação do Hamas libertar a Palestina da ocupação do Estado de Israel, e estabelecer um Estado Islâmico na área que é hoje Israel, na Cisjordânia, e na Faixa de Gaza. O regresso às fronteiras de 1967, e o retorno dos refugiados ao território foram outras das suas exigências. Na génese, o Hamas adoptou uma linha de acção radical que incluía a realização de atentados suicidas, entre 1994 e 2004, o que lhe permitiu crescer e revelar-se uma solução válida para a causa palestiniana.

Na sequência do conflito com o outro partido palestino, a Fatah, o Hamas tomou o controlo do território, dividindo a Autoridade Nacional Palestiniana em dois sistemas políticos, cada um alegando ser o representante dos palestinos, motivando o aumento das hostilidades entre Israel e a Faixa de Gaza. Em 2006, o Hamas saiu vencedor das eleições legislativas para a Autoridade Nacional Palestiniana, embora os Estados Unidos da América e Israel tenham feito tudo para lhes retirar legitimidade e dividir o povo palestino. O governo do povo foi fragmentado em dois, o Hamas na Faixa de Gaza, e a Organização para a Libertação da Palestina na Cisjordânia, o que gerou um desunião na luta pela criação de um Estado Palestino autónomo e soberano. O grande ponto de divergência entre ambos é a forma de governo que cada um quer para a Palestina. O primeiro pretende implantar um estado de raiz islâmica na região da Palestina, enquanto a OLP é uma instituição laica que luta pela criação de um estado democrático e idêntico ao estilo ocidental. Outra fonte de divergência é a relação dos dois partidos com o estado de Israel. Enquanto a OLP opta pela diplomacia e pela negociação, visíveis nos acordos de Oslo que originaram a Autoridade Nacional Palestiniana¹²⁴, o Hamas defende nos seus estatutos internos a destruição do estado de Israel, rejeitando os acordos de Oslo e a Autoridade Nacional Palestiniana¹²⁵.

A *jihad* islâmica é outra das facções palestinas, surgida na década de 1970, na Faixa de Gaza. O grupo, ao contrário do Hamas, não tem qualquer papel social ou

¹²³ Revolta espontânea da população palestina contra o Estado de Israel.

¹²⁴ Um projecto de estado da Palestina que nunca chegou a acontecer.

¹²⁵ <http://www.RevistaForum.com.br>. (Consultado a 21 de Abril de 2015).

político. A sua base está sediada na Síria, e os seus recursos financeiros vêm do Irão. Pretendem a criação de um Estado palestino islâmico e a aniquilação do Estado de Israel, por meio de uma guerra religiosa¹²⁶. O combate à corrupção dos governos árabes também faz parte da agenda do grupo¹²⁷.

Em 2009, Benjamim Netanyahu, declarou que pode haver condições para um Estado palestino, mas com três princípios essenciais: o reconhecimento de Israel como Estado-Nação do povo judeu, a desmilitarização de um futuro Estado palestino, e a adesão a garantias adicionais de segurança, incluindo as fronteiras defensáveis para Israel¹²⁸.

Em 2012, a ONU reconheceu a Faixa de Gaza como parte do Estado da Palestina.

¹²⁶ Por tradição, realiza acções contra alvos israelitas no aniversário da morte do seu líder, Fathi Shaqaqi, morto em Outubro de 1995.

¹²⁷ http://www.archive.adl.org/terrorism/symbols/palestinian_islamic_jihad.html (Consultado a 10 de Agosto de 2015).

¹²⁸ MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, p. 373 e 374.

5.3.6 – O Hezbollah

A devastadora guerra civil no Líbano (1975-1990) dividiu o país em várias comunidades sectárias. Em 1982, Israel invade o Líbano e a sua ocupação do sul do país criou espaço para que os diplomatas iranianos pudessem fundar o Hezbollah, baseado num conjunto heterogéneo de facções e grupos xiitas.

O Hezbollah nasceu em 1982, e foi sediado no sul do Líbano sob forte influência da Revolução islâmica no Irão, de 1979. A sua criação visou a implementação de um governo de foro islâmico, para disseminar e exportar a revolução islâmica aos países muçulmanos da região. Foi constituído um Estado dentro de um Estado, face ao vazio criado pela retirada síria, e perante a passividade internacional.

O xiismo libanês é o motor ideológico do Hezbollah. Teerão apoiou militarmente, financeiramente, e politicamente esta organização. Assim, foi criado um poderoso grupo paramilitar xiita oriundo de grupos mais pequenos. Cada facção libanesa procurou ajuda internacional no respeitante a apoio financeiro, militar, e diplomático. A abertura sectária, base do sistema político libanês, contribuiu para um inevitável sectarismo¹²⁹. Com o tempo, os interesses conjuntos do Hezbollah e do Irão em expulsar as forças estrangeiras do Líbano transformaram-se em ataques contra os interesses ocidentais em território libanês e noutros países da região, impondo o espaço vital xiita a par do avanço da revolução¹³⁰.

Em 1985, durante um período de 9 meses, a CIA¹³¹ calculou que os grupos libaneses apoiados pelo Irão foram responsáveis por, no mínimo, 24 atentados terroristas a nível internacional, servindo os interesses do Irão na dissuasão dos países

¹²⁹ <http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Papers/2014/07/22%20beyond%20sectarianism%20cold%20war%20gause/English%20PDF.pdf> (Consultado a 30 de Julho de 2015)

¹³⁰ <http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/10/the-origins-of-hezbollah/280809/> (Consultado a 30 de Agosto de 2015)

¹³¹ Central Intelligence Agency.

da região de armar e apoiar o Iraque na guerra que decorria contra a República Islâmica do Irão¹³².

O seu líder ideológico, o Sheikh Fadlalla, opõem-se a qualquer reconciliação com o Ocidente, principalmente com Israel. Numa primeira fase, este movimento tinha como objectivo os inimigos internos, que eram o *Amal* secular e os cristãos maronitas que estavam no poder, o que veio a mudar aquando da invasão do Líbano por tropas estrangeiras, entre as quais o Estado de Israel apoiado pela Organização das Nações Unidas, tornando assim Israel e os Estados Unidos da América os principais inimigos da organização islâmica.

A primeira grande acção do Hezbollah foi o ataque de 23 de Outubro de 1983 contra as tropas americanas e francesas que compunham uma força de paz das Nações Unidas.¹³³ Estes atentados suicidas obtiveram 241 baixas entre os fuzileiros norte americanos e 58 entre os pára-quedistas franceses, o que originou a sua retirada, e deu à Síria a hegemonia do território, e ao Hezbollah um enorme *status*, não apenas no seio xiita, mas junto a todos aqueles que se opunham a Israel e ao Ocidente. Na década de 1990, o Hezbollah continuou a sua senda de atentados contra alvos israelitas, não apenas em solo judaico, mas em todo o mundo¹³⁴. Nos últimos anos reforçou a sua participação política, sendo o mais importante actor no cenário libanês e recebendo forte apoio da população. Em 2006, Israel respondeu aos ataques de foguete do Hezbollah contra o seu território invadindo com pesadas tropas terrestres o Líbano. O objectivo da sua acção era destruir a capacidade operacional do grupo e capturar ou matar os seus líderes. O conflito durou cerca de dois meses, porém, e apesar da sua superioridade numérica e tecnológica, o exército israelita encontrou grandes dificuldades para enfrentar os militantes do Hezbollah entrincheirados nas montanhas do sul do Líbano, revelando-se estes últimos bem preparados, equipados e comandados.

Com os atentados de 11 de Setembro de 2001 e a guerra do Afeganistão houve um regresso da diplomacia iraniana ao concerto internacional. Deu-se uma

¹³² 1980-1988.

¹³³ Enviada ao Líbano com o objectivo de evitar que se repetissem as atrocidades cometidas pelas milícias cristãs nos massacres de *Sabra* e *Chatila*.

¹³⁴ Como os atentados contra a embaixada de Israel em Buenos Aires em 1992.

aproximação com Washington¹³⁵. Contudo, o Irão continua a privilegiar o apoio militar ao Hezbollah, e a outras organizações terroristas, contra o estado de Israel¹³⁶.

O ministro dos negócios estrangeiros francês, Laurent Fabius, disse que “ *os seus serviços de informações estimam que entre 3000 a 4000 militantes do Hezbollah operam na Síria desde Maio de 2013*”. Mas o impacto do envolvimento do Hezbollah na guerra civil síria não se faz sentir apenas no campo de batalha, mas também no Líbano onde as tensões sectárias aumentam e fazem crescer a insegurança e a instabilidade. Tem havido uma série de ataques sectários contra as fortalezas do Hezbollah desde que o grupo se expandiu para a Síria. O seu líder, Nasrallah, continua a caracterizar o envolvimento do grupo na Síria como um confronto com Israel, o Ocidente, e os extremistas sunitas¹³⁷.

¹³⁵ Interrompida apenas quando o presidente norte-americano colocou o Irão no “Eixo do Mal”.

¹³⁶ RAMONET, Ignacio – *Guerras do século XXI, novos medos, novas ameaças*, p.76.

¹³⁷ <http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/10/the-origins-of-hezbollah/280809/>. (Consultado a 30 de Agosto de 2015)

6 – Financiamento

O fenómeno do terrorismo internacional tem vários mecanismos de análise ao nível da constituição psicológica dos indivíduos, e sistemas de crenças religiosas e ideológicas das várias facções que se desagregam politicamente dentro de certos Estados, e relativamente aos governos dos países visados e dos Estados que patrocina, apoiam, albergam, treinam e protegem organizações terroristas. Muitas destas estão activas em regiões específicas e têm tirado proveito das modernas tecnologias de armamento, comunicações electrónicas, transporte e operações informatizadas.

Arábia Saudita e Irão, representando o ramo sunita e o xiita, são os países que mais contribuem activamente para o apoio a organizações terroristas. A Arábia Saudita cede milhões de dólares em ajuda financeira para grupos rebeldes sunitas que lutam na guerra civil da Síria, ao mesmo tempo que organizações terroristas como a al-Qaeda também são apoiadas, desde que combatem o inimigo comum: o regime alauita de Bashar al-Assad¹³⁸. Entre 1975 e 1987, os sauditas admitem ter gasto 48 milhões de dólares por ano em “*ajuda ao desenvolvimento*”, que cresceu em mais de 70 mil milhões¹³⁹. No entanto, embora se afirme que estes fundos são usados para ajuda ao desenvolvimento, estes fundos patrocina actividades radicais islâmicas. Um exemplo, é o facto de uma fundação, de nome *Haramain*, ter imprimido 13 mil livros islâmicos, lançado seis sítios da internet, empregado mais de 6 mil proselitistas, fundado 1100 mesquitas, escolas, e centros islâmicos culturais, e enviado mais de 350 cartas de convite à conversão do Islão, sob o pretexto de apoio à comunidade. Esta fundação tem sido conotada com actividades terroristas pelas autoridades dos Estados Unidos da América, opera directamente com embaixadas sauditas em todos os países onde

¹³⁸ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/ (Consultado a 28 de Julho de 2015)

¹³⁹ Estas somas de dinheiro podem ter paralelo com o bilião de dólares gastos por ano em propaganda externa pela União Soviética no auge da guerra fria, nos anos 1970.

não têm os seus próprios gabinetes. O dinheiro saudita é gasto de acordo com um plano cuidadosamente concebido para reforçar a influência *wahhabista* e o controlo sob a comunidade muçulmana.

As autoridades sauditas já declararam que não pretendem alterar a imagem de antiocidentais, ou parar o financiamento às supostas instituições de caridade. No entanto, a evidência de subversão que é perpetrada pelo reino da Arábia Saudita sobre o mundo ocidental é óbvia e intolerável. A falta de um confronto perante isto resulta num impasse, o que não permite que a guerra ao terrorismo fique perto de um fim¹⁴⁰.

Os sauditas mostram-se mais cautelosos e patrocina a coligação nacional síria, uma tentativa de fidelizar oposições moderadas com o apoio do ocidente e da Liga Árabe que se veio a revelar frustrada¹⁴¹. O financiamento saudita desempenha um papel essencial na emergência do islamismo radical como fenómeno global¹⁴².

O Qatar também financia grupos radicalizados na frente leste síria, enquanto dá guarida aos membros da Irmandade Muçulmana exilados. O Qatar é um país que tem feito uso dos seus petrodólares¹⁴³ para fomentar e financiar divisões e movimentos, especialmente no que respeita ao arco “Líbano – Síria – Iraque”.

O Irão, em resposta ao apoio saudita aos sunitas, na guerra síria, enviou biliões de dólares em forma de ajuda e empréstimo ao governo de al-Assad, bem como armou, equipou, e treinou as milícias xiitas libanesas do Hezbollah no Iraque e na Síria para combaterem todas as facções que tentam destronar al-Assad do governo¹⁴⁴. O Hezbollah, inspirado pela revolução xiita do Irão em 1979, procura instaurar no Líbano um estado islâmico. O seu apoio é quase na totalidade permitido pelo governo de Teerão, fazendo deste grupo uma milícia poderosa e forte dentro de outros grupos mais pequenos¹⁴⁵.

¹⁴⁰ <http://www.au.af.mil>. (Consultado a 28 de Julho de 2015).

¹⁴¹ LIMA, Bernardo Pires – *A Síria em pedaços*, p. 204.

¹⁴² Sem as quantias exorbitantes de dinheiros cedidos pelo reino saudita às redes e actividades extremistas do Islão a ameaça do terrorismo seria algo insignificante perante os olhos da comunidade internacional.

¹⁴³ Está a preparar o maior acontecimento desportivo no mundo do futebol, o mundial de 2022, onde serão investidos mais de 200 milhões de dólares.

¹⁴⁴ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/ (Consultado a 28 de Julho de 2015)

¹⁴⁵ <http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/10/the-origins-of-hezbollah/280809/> (Consultado a 29 de Julho de 2015).

No entanto, e apesar dos apoios dos países mais fortes de cada lado desta Guerra Fria na região, Irão e Arábia Saudita, o petróleo é a fonte de maior financiamento das maiores organizações terroristas, especialmente no caso do ISIS. Estes controlam alguns dos campos de petróleo da Síria e do Iraque, estimando-se que a sua produção ronde os 44 mil barris por dia na Síria, e 4 mil diariamente no Iraque. A sua táctica baseia-se na venda de petróleo por preços abaixo do ditado pelo mercado, o que origina uma maior procura. As receitas andam à volta do milhão de dólares por dia. Mas o petróleo não é a única fonte de rendimento. Quando o ISIS necessitou de capital para adquirir equipamento militar e treinar pessoal, algum desse dinheiro veio dos países do Golfo, importantes na fundação do movimento. Outras fontes de financiamento do ISIS são o contrabando, rapto de pessoas, extorsão, e roubo. Em alguns casos chegam a receber largas quantias de dinheiro aquando do pedido de resgate de algumas pessoas, ou então pedem e não é concedido. A venda de cigarros falsificados, medicamentos, telemóveis, antiguidades, e passaportes estrangeiros são outras formas de se financiarem. Hoje, o ISIS pode ser comparado a um negócio legítimo. Tem diversas fontes de receita, e procura desenvolver novas linhas de lucro e produção focando-se nos seus produtos de maior sucesso e nas suas vantagens competitivas. O ISIS já fazia contrabando de petróleo na Síria antes de entrarem no Iraque, sendo isso que gerou a expansão das suas operações. A organização manteve-se empreendedora, respeitando um modelo de pequenas refinarias, de baixo custo, pouca capacidade, e móveis, procurando a melhor relação custo-benefício, focando-se em gerar a maior recompensa com risco inerente, e munindo-se de tecnologia avançada capaz de recrutar espaço no sistema internacional. O ISIS continua a ter intactas as suas fontes de financiamento.¹⁴⁶

¹⁴⁶ <http://www.foreignaffairs.com/articles/142403/louise-shelley/blood-money>. (Consultado a 28 de Julho de 2015).

7 – Conflito no Médio Oriente

Hoje, o Egipto, a Arábia Saudita, Israel e o Irão têm uma capacidade bélica idêntica à dos países ocidentais, Rússia ou China. Alguns dos últimos conflitos no Médio Oriente originaram milhões de vítimas, onde se incluem civis, e onde destacamos o aparecimento de grupos islâmicos radicais, de separatistas, de defensores do secularismo, o reacender de questões tribais, a disputa por recursos naturais, e conflitos históricos que resultaram em tentativas de anexação.¹⁴⁷

Apesar da vasta maioria dos muçulmanos ser moderada e contrária ao pensamento salafita, muitos ficam restritos a um modo de pensar e agir que induz à morte dos “infiéis ocidentais”, o que tem fomentado a instabilidade na região, acicatando o Islamismo radical, e dando uma visão negativa perante o Ocidente. Estas facções fundamentalistas pretendem eliminar os muçulmanos que não adotem a sua visão apocalíptica, optando por comportamentos contrários aos ensinamentos corânicos. Contudo, apesar dos conflitos e tensões entre sunitas e xiitas estarem a aumentar dentro da comunidade muçulmana, esta não é uma mera questão religiosa ou étnica. O poder, e o acesso a recursos e a espaço vital, têm igual peso no decorrer do conflito que se vive no Médio Oriente. Há duas superpotências capazes de empreender um feroz duelo por uma vantagem hegemónica na região, a Arábia Saudita e o Irão. A possibilidade de que, pela primeira vez, um país árabe possa ser governado por xiitas¹⁴⁸, o declínio das potências árabes sunitas na região¹⁴⁹, e a violência interétnica que se observa no Iraque, são factores que colocam a oposição sunismo vs. xiismo no centro da geopolítica e da conflitualidade do Médio Oriente.

¹⁴⁷ Um exemplo disso é a invasão do Kuwait pelo Iraque.

¹⁴⁸ Através de uma crescente afirmação do Irão xiita em tornar-se uma potência regional.

¹⁴⁹ O Egipto e a Arábia Saudita.

7.1 – SUNITAS VS XIITAS

Os sunitas e os xiitas viveram pacificamente durante séculos. Repartem a mesma fé no alcorão, aceitam os cinco pilares no Islão, mas diferem nos rituais e na interpretação da lei islâmica.

A principal razão da cisão entre ambos está relacionada com a sucessão do profeta Maomé. Após a sua morte houve uma disputa para decidir o novo líder do califado, onde os sunitas defenderam a escolha de Abu Bakr e os xiitas defenderam a escolha de Ali, genro e primo do profeta, com base na hereditariedade¹⁵⁰.

Aquando da conquista do Médio Oriente pelos árabes, e disseminação do Islão, os persas não se arabizaram, exibindo uma superioridade cultural¹⁵¹ que os colocou numa posição dissidente perante o sunismo. O xiismo reuniu os crentes oprimidos, relacionado com a vocação messiânica, baseada no ocultamento do 12º imã¹⁵². Os xiitas acreditam que Allah providencia um guia¹⁵³ com capacidade para interpretar o alcorão, enquanto os sunitas estudiosos do Islão têm menos autoridade sobre os seus crentes que os seus homólogos xiitas¹⁵⁴, sendo a intermediação entre o crente e Allah uma das diferenças entre os dois. Com a chegada de Khomeini ao poder, em 1979, o ayatollah passou a governar a política e a sociedade, seguindo os ditames da lei islâmica, confundindo-se a polaridade xiismo vs. sunismo com iranianos vs. árabes, e ficando esta a dever-se ao deslocamento da população xiita do Iraque para o Irão, durante a ditadura de Saddam Hussein¹⁵⁵. Todo o processo de ascensão do xiismo é reforçado pela sua crescente transnacionalização, onde a religião e a política, e as relações pessoais e familiares se entrecruzam a vários níveis da estrutura social e com

¹⁵⁰ LUNDE, Paul – *O Islão – Fé, Cultura, História*, p. 48 a 49.

¹⁵¹ A designação de Irão é adoptada em 1953, pelo Xá Reza Pahlevi, com o intuito de salientar a origem ariana dos persas em relação a outras civilizações como os árabes, vistos como simples “nómadas cameleiros”.

¹⁵² Mahdi.

¹⁵³ Primeiro o imã, depois o ayatollah.

¹⁵⁴ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/

¹⁵⁵ Como reacção, os xiitas desenvolveram ao longo dos séculos uma forma de quietismo e de submissão aos poderes instituídos.

impacto geopolítico. O clero organizado de forma hierárquica desenvolve laços e redes no seu interior, entre mestres e discípulos que se encontram nas mesmas escolas religiosas, mas que provêm de vários países. O mesmo acontece na relação entre o crente e o seu ayatollah, onde o primeiro escolhe o segundo sem restrições de fronteiras ou nacionalidades, originando que as cidades santas iraquianas passem a liderar o desenvolvimento espiritual e intelectual do xiismo. Desta forma, o xiismo tem construído uma vasta rede de aliados e clientelas, que vão desde operacionais de informações, milícias armadas, até, políticos em vários partidos xiitas iraquianos, remetendo-os para uma dimensão geopolítica da questão. Os xiitas partilham as referências maioritárias de serem árabes e muçulmanos, estando a discriminação escondida, daí a sua intensa consciência colectiva de injustiça e marginalização. É um tema sensível porque a sua existência questiona o ideal islâmico, mitificado pelos sunitas de unidade da *umma*, e portanto existe o preconceito histórico de considerar os xiitas heterodoxos que desafiam essa unidade.

A revolução iraniana de 1979, a ascensão ao poder dos xiitas no Iraque após a queda de Saddam Hussein, e o princípio democrático tão propagado pelo Ocidente de uma pessoa um voto, tem contribuído para que os xiitas árabes invertam a relação entre os sunitas dominantes e os xiitas dominados. A extrema complexidade das variáveis presentes nesta equação fazem com que seja difícil qualquer prospecção sobre a evolução da geopolítica e da conflitualidade no Médio Oriente, sendo que tudo vai depender do alargamento do conflito iraquiano a toda a religião. Os xiitas do Iraque sentem-se ameaçados pelos sunitas, pelo que poderão projectar o Irão junto das massas árabes, através dos temas: “*Libertação de Jerusalém*”, e da resistência ao “*Imperialismo norte-americano*”, capazes de unir a comunidade muçulmana¹⁵⁶. Actualmente, e por influência do derrube de Saddam Hussein e da crescente afirmação do Irão, as populações xiitas estão a assumir atitudes mais reivindicativas, e procuram conquistar mais poder político, numa tentativa de reverter o tradicional equilíbrio no mundo árabe em que os sunitas governam e os xiitas são governados. Foram os acontecimentos políticos recentes que lançaram o rastilho para a tensão no Médio

¹⁵⁶ A queda de Saddam Hussein em 2003 veio aumentar bastante a influência no Iraque, pois a maioria da população pertence ao ramo xiita.

Oriente, pois os muçulmanos sunitas e xiitas tiveram um *modus vivendi* que lhes permitiu estar em harmonia na maior parte dos 1400 anos de civilização do Islão¹⁵⁷.

Dentro do ramo xiita há outros sub-ramos, onde convém numerar: os xiitas duodecimanos, os ismaelitas e os zaiditas¹⁵⁸. Todos concordam com os quatro primeiros imãs, mas discordam em relação ao quinto. Uns acreditam que o quinto imã é o neto de Hussein. Al-Baquir, outros que foi Zayd bin Ali, denominados zaidistas. Após a morte do 6º imã houve nova cisão, onde uns reconheceram como legítimo o sétimo imã, o filho de Jafar al-Sadiq, enquanto outros escolheram o seu filho mais novo Musa al-Kazim. Este último grupo continuou a seguir uma cadeia de imãs até ao 12º, que seria Mahdi, que vai regressar no fim do mundo. Os duodecimanos são hoje majoritários no Islão¹⁵⁹.

Nos últimos três séculos as diferenças religiosas e a luta pela influência no Médio Oriente têm agravado a tensão na região. A Revolução Islâmica de 1979, no Irão, aumentou as diferenças religiosas, dando início a um processo de propagação dos seus ideais, assumindo um combate aos valores sauditas. A guerra Irão vs. Iraque (1980-1988) afastou os dois países de forma definitiva, ao ponto da Arábia Saudita expressar o seu apoio ao governo de Saddam Hussein. Em resposta, o Irão motivou os seus cidadãos a manifestarem-se contra os sauditas, aquando da peregrinação anual a Meca.

Há dois países que personificam o ramo sunita e o ramo xiita: Arábia Saudita e o Irão. O primeiro é de maioria sunita, com 95%, e o segundo de maioria xiita, com 89%. Estas divisões religiosas, a par das diferenças de regimes, o Irão é uma República Islâmica, e a Arábia Saudita é uma monarquia não parlamentar, constituem as causas de maior rivalidade, e impedem relações diplomáticas capazes de estabilizar o Médio Oriente¹⁶⁰.

¹⁵⁷ <http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Papers/2014/07/22%20beyond%20sectarianism%20cold%20war%20gause/English%20PDF.pdf> (Consultada a 03 de Agosto de 2015).

¹⁵⁸ A maioria dos xiitas acredita que o neto de Hussein, Muhammad al-Baquir, era o imã legítimo, enquanto outros seguem o irmão de al-Baquir, Zayd bin Ali (zaiditas).

¹⁵⁹ http://www.espiritualismo.info/orientalismo_islamismo.html (Consultado dia 27 de Setembro de 2015)

¹⁶⁰ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p. 156.

7.2 – A GUERRA FRIA NO MÉDIO ORIENTE

A compreensão da dinâmica do novo modelo de “Guerra Fria” no Médio Oriente necessita de uma análise de alternativas para explicar a política regional que reina na região. O conflito tem por base a luta entre estados, especialmente a Arábia Saudita e o Irão, com vista à expansão do seu poder e influência na região, através de um apoio, directo ou indirecto, a aliados seus à frente de países sem qualquer coesão governativa, em estado de guerra continua, e sem condições de garantir a qualidade de vida da sua população, os chamados estados fracos¹⁶¹. Estes, cujo governo central exerce um controlo pouco efectivo sobre o seu território e a sua sociedade, não têm autoridade sobre certas parcelas do seu território, nem capacidade de providenciar condições básicas de serviços à sua população, controlo sobre as fronteiras, originado que os cidadãos considerem ceder a sua lealdade e obediência a grupos sectários como forma de obterem essas condições. Isto explica a saliência do sectarismo, justificado como uma forma de aproximação desses dois estados às partes que apoiam, onde a lealdade religiosa funciona como um elo de união natural entre as várias facções. Este recuo do Estado enquanto garante da soberania territorial tornou possível, para o Irão e a Arábia Saudita, um papel de actor principal no jogo das guerras civis do Líbano (desde 2003) e Síria (desde 2011). O sectarismo define desta forma as suas lutas, buscando parcerias nos seus correligionários: Irão para os xiitas, e Arábia Saudita para os sunitas.

Contudo, este sectarismo não pode ser apenas classificado como um conflito de sunitas contra xiitas, pois quer a Arábia Saudita, quer o Irão jogam um equilíbrio de poderes, e o seu conflito não representa na totalidade as complexidades que pairam no Médio Oriente. A luta pelo poder na região sucede também dentro do ramo sunita, onde os moderados divergem com os que têm uma visão integrista do Islão, sendo que a ascensão de ideologias islâmicas tem contribuído para isso.

¹⁶¹ Estados como estes são propícios à intervenção de outros países mais fortes.

Dentro do ramo sunita temos uma facção liderada pela Arábia Saudita e constituída por outros aliados como a Irmandade Muçulmana,¹⁶² o AKP¹⁶³, a al-Qaeda e seus afiliados, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante, e outros grupos islâmicos sunitas. Todos partilham do mesmo ideal de Islão, onde a *hadith* e a *sunna* devem ser respeitadas pela *umma*. A Arábia Saudita tem uma minoria xiita de cerca de 10% da população, sendo a restante população constituída por crentes do ramo sunita¹⁶⁴. A transformação do Irão num poder xiita, depois da revolução islâmica de 1979, induziu a Arábia Saudita a acelerar a propagação do *wahhabismo*, tendo em conta que ambos os países viveram séculos de rivalidade ao nível da interpretação do Islão. Duas situações onde se viu esta rivalidade foi a guerra Iraque vs. Irão (1980-1988), onde a Arábia Saudita apoiou o Iraque, e a reprimiu os movimentos xiitas de disseminação da revolução de Khomeini¹⁶⁵. Os sauditas apoiam as minorias sunitas em todos os países do Médio Oriente, especialmente no conflito actual na Síria, onde pretendem enfraquecer o Irão através do derrube do governo de Bashar Al-Assad.

Dentro do ramo xiita, temos a facção liderada pela República Islâmica do Irão e o partido Baath.¹⁶⁶ O regime de Bashar al-Assad governa desde 1970, e assenta numa minoria xiita, alauita, que representa 13% da população da Síria. Esta minoria domina as forças de defesa e de segurança do regime, e é o garante da resistência face aos intentos rebeldes para depor o seu líder. A revolução de 1979¹⁶⁷ despoletou um renascimento do fenómeno xiita na região do Médio Oriente com impacto em países como Afeganistão, Paquistão, Arábia Saudita, Kuwait, Bahrein, Iraque e Líbano. A partir daqui, os xiitas deixaram de apoiar o nacionalismo árabe e lutaram para impor teocracias no Médio Oriente. Os xiitas têm designado o movimento *jihadista* sunita como o seu principal inimigo, ameaçando a comunidade árabe do Golfo Pérsico. A maior comunidade xiita está no Irão, e a sunita está na Arábia Saudita, sendo hoje as potências regionais que disputam o poder geopolítico e geoestratégico da região. Os

¹⁶² No Egipto.

¹⁶³ Partido para a Justiça e o Desenvolvimento.

¹⁶⁴ http://www.indexmundi.com/saudi_arabia/demographics_profile.html. (Consultada a 27 de Agosto de 2015).

¹⁶⁵ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/ (Consultada a 23 de Julho de 2015).

¹⁶⁶ Em vigor na Síria desde 1970.

¹⁶⁷ Em persa Velayat-e faqih.

sauditas seguem a ideologia *wahhabista*, com a missão de guardar e preservar os lugares mais sagrados do Islão¹⁶⁸, e o Irão representa o único governo teocrático do mundo¹⁶⁹.

O Irão tem a 5ª maior população muçulmana do mundo, com 80 milhões de pessoas e o 29º maior Produto Interno Bruto do mundo, com um crescimento de 6% nos últimos 5 anos¹⁷⁰. Em termos geográficos, o Irão está colocado numa situação crítica para obter recursos, onde a leste tem o Afeganistão e a norte tem o Iraque, onde embate com uma política de contra medidas por parte dos Estados Unidos da América e dos sauditas¹⁷¹. Tem uma grande superfície territorial, e é um dos maiores exportadores de petróleo do planeta¹⁷². Com a Primavera Árabe, e as quedas de regimes secularistas, como no Egipto e na Tunísia, houve um sentimento triunfalista em Teerão. O governo atribuiu ao Islão o mérito, em detrimento do movimento árabe. O Irão já ganhou preeminência em Bagdad, Damasco e Beirute, estando neste momento Saná a cair debaixo da influência persa.¹⁷³ Juntamente com a Turquia é o único Estado não árabe da região. Contra o Irão joga o facto de ser um Estado totalitário, centralizado e complexo, sem condições de “sofrer os ventos de mudança” da Primavera Árabe¹⁷⁴. A questão do programa nuclear iraniano é um tema central no Médio Oriente. O Irão argumenta que as armas nucleares, bem como todas as armas de destruição massiva, são para uso interno, mas a comunidade internacional teme pela segurança mundial, pois a corrida ao armamento pode originar que os actores não estatais fiquem em posse de armas de destruição massiva, o que motivará derramamento de sangue.¹⁷⁵ O Irão tem em sua posse mísseis “Scud” de longo alcance norte-coreanos, e mísseis chineses CSS-8. Possui igualmente armas químicas, como o gás mostarda e de nervos, bem como agentes sanguíneos¹⁷⁶. Contudo, foi negociado

¹⁶⁸ Meca e Medina.

¹⁶⁹ Alicerçado no xiismo revolucionário oriundo da revolução de 1979.

¹⁷⁰ http://www.indexmundi.com/iran/demographics_profile.html. (Consultada a 03 de Julho de 2015)

¹⁷¹ FRIEDMAN, George – *The next 100 years*, p. 120.

¹⁷² O Irão mantém relações próximas com a Rússia, Coreia do Norte, e a Venezuela.

¹⁷³ Como noticiou a emissora *Al Jazeera*: “O Irão quer com todas as forças propagar a vertente xiita, defendendo e apoiando os xiitas em todos os países, com o objectivo de tornar o Irão uma potência, não apenas na região, mas num patamar internacional”.

¹⁷⁴ *Na rua Árabe – Causas e Consequências das revoltas no Médio Oriente*, p. 202.

¹⁷⁵ <http://www.foreignpolicy.com/2009/08/07/the-worlds-10-most-dangerous-countries/>. (Consultada a 19 de Junho de 2015).

¹⁷⁶ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p. 157.

pelo Irão, e pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas e pela Alemanha um levantamento progressivo das sanções internacionais aplicadas ao Irão¹⁷⁷, desde que este se comprometa a não se munir de armas de destruição massiva¹⁷⁸. Há o risco do regime Islâmico de Teerão usar esses biliões de dólares para intensificar a sua expansão territorial e ideológica, bem como investir e incrementar as suas guerras por procuração. Contudo, um Irão mais cooperativo, independentemente de avançar ou não com o programa nuclear, pode ser importante na redução da amplitude do conflito na Síria, onde desempenha um papel predominante. No que toca ao conflito no Iraque, Lémen e Líbia a situação é diferente, sendo o papel do Irão mais diminuto para a resolução do impasse¹⁷⁹.

Dentro de um quadro teórico, as facções sunitas deveriam unir-se contra as facções xiitas. Contudo não é assim. Os sunitas procuram uma nova ordem política. A Arábia Saudita, poder sunita mais forte da região, é um forte opositor de movimentos *salafitas*, como o ISIS, classificando-os de terroristas. Fazem distinção entre grupos *salafitas* bons e maus, e proíbem sauditas de lutarem na guerra civil Síria ou em outros países. Os governos sunitas, especialmente a Arábia Saudita, estão preocupados com a preocupação com as manifestações de liberdade nos países de maioria sunita, e no aumento do poder xiita em países cuja maioria é sunita (Síria). A incapacidade da Turquia e Arábia Saudita formarem um poderoso eixo de oposição ao governo de Assad na Síria é um exemplo das divergências dentro do ramo sunita. O AKP, que governa a Turquia desde 2002, representa um Islamismo moderado, tem um pensamento próximo da Irmandade Muçulmana, o que gerou um bloqueio em relação à situação vivida na Síria e no resto da região¹⁸⁰. Mesmo dentro da comunidade *salafita* há divisões. Os *salafitas* democráticos, no Egipto e em outros estados árabes, apresentam-se como um desafio ideológico à monarquia saudita, e a al-Qaeda e os seus afiliados regionais são vistos como uma ameaça à sua estabilidade interna. O combate da Arábia Saudita contra o grupo radical de Bin Laden foi encurralado no

¹⁷⁷ Desde 2006.

¹⁷⁸ <http://www.publico.pt/mundo/noticia/ja-ha-acordo-sobre-o-nuclear-iraniano-1701956>. (Consultada a 26 de Agosto de 2015).

¹⁷⁹ <http://www.foreignpolicy.com/2015/07/21/are-we-witnessing-the-birth-of-a-new-mideast-order>. (Consultada a 29 de Julho de 2015).

¹⁸⁰ Diferenças que levaram a uma crise diplomática entre os dois países.

lémen, onde se mantem como responsável pela instabilidade caótica do país¹⁸¹. Enquanto cidadãos sauditas se alistam na al-Qaeda na Síria, o governo saudita apoia a Jabhat al-Nusra¹⁸² e o ISIS, devido ao inimigo comum: o partido Baath.

A guerra civil síria é um terreno fértil para as guerras por procuração¹⁸³. Com o início da guerra em 2011, o carácter sectário intensificou-se. De um lado: o regime de Bashar al-Assad, apoiado pela minoria alauita¹⁸⁴, pelo Irão, pelo Hezbollah, por outras minorias religiosas; do outro lado: a Arábia Saudita, os grupos sunitas que apelam à democracia e queda da ditadura, como o Exército Livre da Síria¹⁸⁵, grupos islâmicos armados que pretendem instaurar um Estado Islâmico, como a Frente de Libertação da Síria, a al-Qaeda, a Frente al-Nusra, e o ISIS. A revolta síria contra Bashar al-Assad foi a oportunidade da Arábia Saudita se superiorizar ao Irão na luta pela influência neste país. No início, os sauditas apoiaram o Exército Livre da Síria, enquanto a Turquia e o Qatar apoiaram grupos islâmicos no norte do país. Como a incapacidade do Exército Livre da Síria impediu a progressão militar, a Turquia e o Qatar recuaram nas suas posições iniciais e escolherem passar para a oposição. Os sauditas recentraram-se no apoio aos movimentos fundamentalistas como o ISIS, al-Qaeda e o Jabhat al-Nusra. Já o governo de Assad consolidou-se na parte mediterrânea, na capital Damasco e na cidade de Homs, que se liga às bases do Hezbollah, ameaçando a integridade territorial do Líbano. O resto do território é controlado por grupos rebeldes e islâmicos, como o ISIS, que domina o leste do país para o ligar com o Iraque. No norte do país temos os grupos curdos, que lutam por um estado curdo independente. Neste conflito temos um conflito intracivilizacional: *“os grupos anti-Assad enfrentam duas frentes de guerra, uma contra o regime, onde o Hezbollah e milícias iranianas estão incluídos, e outra contra o ISIS.”*¹⁸⁶ Os exemplos de sectarismo vão desde a revolta popular contra a ditadura de Assad, ao aproveitamento dos curdos para estabelecer um Estado autónomo, à guerra entre sunitas moderados e radicais, à luta de sunitas

¹⁸¹ <http://foreignpolicy.com/2015/08/26/the-human-carnage-of-saudi-arabias-war-in-yemen/>. (Consultada a 30 de Junho de 2015).

¹⁸² Milícia islâmica de orientação sunita e *jihadista*.

¹⁸³ Proxy wars.

¹⁸⁴ Ramo do xiismo.

¹⁸⁵ https://www.google.pt/search?q=free+siria+army&rlz=1C1OPRB_enPT552PT552&oq=free+siria+army&aqs=chrome..69i57.5807j0j7&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8. (Consultada a 13 de Julho de 2015).

¹⁸⁶ LIMA, Bernardo Pires – *A Síria em pedaços*, p. 206.

contra os alauitas, enfatizando a teoria das facções, onde Arábia Saudita e estados sunitas estão de um lado, e o Irão e as milícias xiitas libaneses do Hezbollah, apoiando o regime de Assad, no outro¹⁸⁷. O combate ao ISIS apenas pode ser possível com a mediação dos Estados Unidos da América, pois o ódio entre as facções é demasiado grande. Uma trégua entre o governo e os rebeldes moderados pode permitir às partes utilizarem todos os seus recursos na luta contra o ISIS. Contudo, enquanto continuarem as guerras no Iraque e na Síria, a solução para derrubar grupos extremistas como o ISIS será difícil, sobrepondo-se o radicalismo.¹⁸⁸ Esta guerra apresenta-se como uma ameaça para a aliança estratégica entre o Irão, a Síria e o Hezbollah. O governo sírio, condutor vital entre iranianos e Hezbollah, está em perigo de ser destronado, e o Irão não pode perder a sua base de operações na região, bem como o Hezbollah não pode arriscar perder o acesso ao apoio destes dois países. A Síria é assim crucial para o Hezbollah, pois é aqui que o “Partido de Deus” treina as suas tropas, e tem o espólio de armamento. Desde o início de 2013 que os militantes do Hezbollah operam de forma significativa nas fronteiras com o Iraque e Síria, e com os seus homólogos. Eles permitiram ao regime de Assad manter o controlo das áreas reivindicadas pelos rebeldes e mantiveram a efectividade das forças do regime alauita. O conflito começou por ser um importante teste ao eixo responsável por preservar o poder de Assad, onde a habilidade do Irão e do Hezbollah para estender as tropas ao longo das fronteiras com a Síria sustentou as operações em vários terrenos que deram ao Irão e aos seus aliados uma importante ferramenta para os seus interesses. Assim, o papel do Hezbollah na Síria é essencial na manutenção do poder pelo governo de Assad¹⁸⁹.

Este conflito já excedeu o total de baixas da guerra do Iraque nos seus três primeiros anos, e ampliou as tensões sectárias. Esta guerra atraiu mais militantes de mais países que outros conflitos como o Afeganistão, Chechénia ou Bósnia juntos¹⁹⁰. O seu fim pode determinar o vencedor desta guerra no Médio Oriente, ou pelo menos

¹⁸⁷ COCKBURN, Patrick – *O novo estado islâmico*, p. 161.

¹⁸⁸ COCKBURN, Patrick – *O novo estado islâmico*, p. 180.

¹⁸⁹ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!. (Consultada a 28 de Julho de 2015)

¹⁹⁰ http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!. (Consultada a 10 de Julho de 2015)

vai dar essa percepção. O Irão dá mostras de dominar o conflito, e Bashar al-Assad parece hoje mais seguro que em tempos anteriores.

A invasão do Iraque, em 2003, por parte dos Estados Unidos da América veio redefinir a geopolítica do Médio Oriente. O Iraque, já fragilizado após a guerra do Golfo¹⁹¹, viu agravado ainda mais o seu estado após a segunda invasão norte americana¹⁹² contribuir para a dispersão do poder, aproveitando o Irão para expandir os seus ideais revolucionários e garantir mais poder e influência na região. Os fundamentalistas sunitas, inspirados pela al-Qaeda, vieram de vários países muçulmanos para atacar a forças de coligação responsáveis por garantir o poder em Bagdad, mas também atacar os civis xiitas. Abu Musab al-Zarqawi, fundador da al-Qaeda no Iraque, evocou antigas *fatwas* anti-xiitas para lançar o rastilho na comunidade civil, para dessa forma impedir a escalada de poder dos xiitas.¹⁹³ O país sempre teve facções diversas, mas estavam mitigadas por outras identidades e lealdades, quer ao Estado, quer às suas instituições. Depois da primeira guerra do Golfo, Saddam Hussein confiou na minoria sunita e na lealdade tribal para fortalecer o Estado. Com o colapso do deste em 2003, os curdos apareceram na luta pelo poder, os partidos xiitas procuraram apoio no Irão, e os partidos sunitas o mesmo na Arábia Saudita. Após a queda de Saddam Hussein, enquanto o Irão consolidava a sua influência junto às populações xiitas, a Arábia Saudita mostrava-se incapaz de auxiliar os seus aliados naturais no território: os sunitas. Estes encontravam-se envolvidos numa rebelião contra os Estados Unidos da América, cujas relações com a Arábia Saudita eram frágeis desde o 11 de Setembro. Quando o movimento al-Sahwa¹⁹⁴ emergiu, em 2006, a Arábia Saudita encontrou um aliado no Iraque, hostil à influência iraniana no Iraque, mas cooperativo com o apoio dado pelos Estados Unidos da América e Arábia Saudita. Com as primeiras eleições pós Saddam, em 2005, intensificaram-se as provocações contra alvos xiitas, uma vez que os sunitas boicotaram a democracia e apostaram na violência para ganhar peso nas negociações

¹⁹¹ 1990-1991.

¹⁹² 2003.

¹⁹³ A comunidade xiita do Iraque sofreu milhares de mortes, ao que as suas milícias sectárias responderam com um nível de violência similar.

¹⁹⁴ Movimento salafita sunita árabe.

posteriores.¹⁹⁵ Esta evolução da situação tem agravado as relações entre as duas comunidades, exacerbando o radicalismo. Contudo, para desafiar o peso demográfico da maioria xiita do Iraque, e respectiva vitória, o governo de Riad apoiou o partido Iraqiya, liderado por Lyad Allawi, que foi o primeiro-ministro numa fase de transição do governo em 2004-2005. Apesar de xiita, Allawi construiu o seu partido numa base multiétnica, apoiando-se no nacionalismo iraquiano. Os sauditas apoiaram-no financeiramente, mas apesar da vitória nas eleições o partido Iraqiya foi superado pelo partido de Nuri al-Maliki¹⁹⁶, graças ao apoio do Irão. Os países vizinhos vêem a escalada de poder iraniano com desconfiança pois é considerada como a “*ascensão de uma religião rival*”, como refere Guido Steinberg¹⁹⁷. Nuri al-Maliki procura consolidar o domínio xiita através de uma política de exclusão dos sunitas dos principais cargos governativos e das principais instituições do país, bem como através do rótulo de terroristas dados aos sunitas.

Outro dos palcos desta Guerra Fria é o conflito no Iémen. Este país é um exemplo de uma nação nunca conseguiu desenvolver um Estado forte e autoritário. Após a união entre o Norte e o Sul, em 1990, o poder de Ali Abdullah Saleh no norte foi aumentado para sul devido às pressões centrífugas que originaram as políticas iémitas actuais. Contudo, a coesão não foi conseguida por muito tempo, pois as duas regiões sempre tiveram profundas clivagens étnicas e religiosas, com o norte a ser dominado pelos Houthis, e o sul pelos sunitas¹⁹⁸. Os Houthis são um movimento xiita, de vertente zaidista, que se desenvolveram no início de 2000, para defender os seus direitos em relação ao aumento de sunitas *salafitas* no território. Os Houthis adoptaram parte da retórica do regime iraniano, como o antiamericanismo ou o ódio a Israel. Os Houthis, com o apoio do Irão¹⁹⁹, pretendem o regresso ao poder de Ali Abdulhah Saleh, que liderou os destinos do país entre 1978 e 2011, altura em que foi deposto aquando da Primavera Árabe. Apesar dos rebeldes rejeitarem o apoio militar e financeiro do Irão,

¹⁹⁵ No Iraque não se tratou de uma disputa religiosa mas de uma competição secular pela proeminência e poder no país.

¹⁹⁶ Actual primeiro ministro do Iraque.

¹⁹⁷ Especialista em assuntos do Médio Oriente do instituto alemão de assuntos internacionais e de segurança.

¹⁹⁸ <http://www.observador.pt/2015/06/12/2-500-mortos-conflito-no-iemen-destroi-monumentos-reconhecidos-pela-unesco/> (Consultada a 09 de Julho de 2015).

¹⁹⁹ Quando tomaram a capital abriram voos directos para Teerão.

há fortes indícios que os persas têm vindo a armar os rebeldes xiitas do Iémen pelo menos desde 2009²⁰⁰. Em Fevereiro de 2015, os Xiitas rebeldes tomaram a capital do país, Saná, no centro do território. No sul, estão os sunitas apoiados pela Arábia Saudita e pela al-Qaeda, sendo que o ISIS também está no terreno²⁰¹. Em 2009, a Arábia Saudita, que tem desenvolvido relações com os sheiks tribais, com os líderes islâmicos, e com as facções religiosas e políticos, empreendeu uma operação militar na sua fronteira com o Iémen de forma a punir os Houthis por estes invadirem o seu território. Esta campanha militar foi usada para mostrar ao Médio Oriente que o Irão pode ser derrotado. Apesar de criticada pela comunidade internacional, os sauditas foram os mentores do bloqueio naval ao Iémen²⁰², responsável por agudizar o ódio entre os iémitas xiitas do país contra a casa de Saud. A Arábia Saudita começou a liderar ataques aéreos contra os rebeldes xiitas, agravando mais o conflito. Cerca de 2500 pessoas já morreram, e 1100 ficaram feridas²⁰³. A Arábia Saudita tem vindo a lançar esta guerra ao povo iémite com violência excessiva, com o argumento que não podem arriscar estar rodeados por um “anel de fogo” xiita, inimigos dos árabes²⁰⁴. Contudo, os problemas no Iémen não se resumem ao conflito entre sunitas e xiitas. Os problemas também são de origem tribal, de vários séculos atrás. Em 1990, um acordo de paz foi assinado entre as partes interessadas e resultou na reunificação do Iémen. Este que durou cerca de duas décadas e foi mediado por uma milícia oriunda da Eritreia, autoproclamada Frente de Libertação do Povo da Eritreia.

No Egipto, a queda de Mubarak representou um abalo nos interesses sauditas, pois o Egipto partilha de igual intenção em parar a projecção de poder xiita no Médio Oriente. A Primavera Árabe trouxe um líder com ideais islâmicos, Mohamed Morsi, que pôs em causa a casa de Saud e a sua liderança da comunidade sunita no Médio Oriente. Ainda mais desafiante para as ambições sauditas a longo prazo foi a rapidez com que os *salafitas* do Egipto entraram na corrida eleitoral, provando que mesmo

²⁰⁰ Segundo relatório do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

²⁰¹ <http://www.brookings.edu/research/topics/yemen> (Consultada a 01 de Julho de 2015).

²⁰² O povo depara-se com um desastre humanitário, vendo-se privado de alimentação, recursos energéticos e outras necessidades.

²⁰³ Segundo dados da Organização Mundial de Saúde.

²⁰⁴ <http://www.counterpunch.org/2015/04/02/yemen-saudi-arabias-vietnam/> (Consultada a 14 de Julho de 2015).

dentro da sua própria ideologia integrante os argumentos antidemocráticos podem ser postos em causa. A Irmandade Muçulmana, devido à grande participação na revolução de 2011, obteve o apoio da população. Ganhou as eleições parlamentares e as presidenciais, sendo Morsi eleito o primeiro presidente civil. Isto não agradou aos ditadores por todo o mundo árabe e governos ocidentais, que apoiaram a contra-revolução que trouxe os militares de volta ao poder²⁰⁵. Dentro de uma lógica de política externa, os sauditas não chegaram a um acordo com o governo de Morsi, apoiando um golpe de Estado perpetrado pelo general Abdel al-Fattah al-Sisi, com a colaboração dos países do Conselho de Cooperação do Golfo²⁰⁶. Recentemente, em Julho de 2015, aconteceram uma série de ataques na província do Sinai, que exibiram mais uma vez a importância das alianças e facções na região. Um grupo que presta fidelidade ao ISIS, o Estado Islâmico da província do Sinai, avançou no território procurando o seu controlo, embora contrariado pelo organizado exército egípcio.²⁰⁷

A Turquia é, para George Friedman, o mais bem-sucedido centro de poder da comunidade muçulmana, desde 1299 a 1923²⁰⁸, numa alusão ao império Otomano. Os turcos são uma nação modernizada que pode vir a ter muita influência no futuro da região²⁰⁹. A Turquia tem a quarta maior população muçulmana do mundo, com 71 milhões de pessoas, e o 17º maior Produto Interno Bruto²¹⁰, com uma economia a crescer 5 a 8 % ao ano. O seu posicionamento estratégico entre a Europa, o Médio Oriente e a Rússia, dá ao país capacidade para se mover em várias direcções. O facto de não colidir com os interesses americanos na região e ser um Estado secular, pode ajudar a Turquia a projectar-se como o Estado forte da região. Contudo, a Turquia tem um problema interno para resolver, a questão curda. A maior nação do mundo sem um estado luta por um território, mas conta com a resistência de todos os países onde

²⁰⁵ <http://www.middleeastmonitor.com/articles/middle-east/14418-the-muslim-brotherhood-and-salafist-jihad-isis-different-ideologies-different-methodologies> (Consultada a 26 de Julho de 2015).

²⁰⁶ Constituído por todos os Estados árabes do Golfo Pérsico, com excepção do Iraque, como os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait.

²⁰⁷ <http://time.com/3969596/egypt-isis-sinai/#3969596/egypt-isis-sinai/>. (Consultada a 06 de Agosto de 2015).

²⁰⁸ No século XVI a Turquia dominava o poder mediterrâneo, controlava o Norte de África e o Levante, e também o Sudeste europeu, o Cáucaso, e a Península Ibérica.

²⁰⁹ FRIEDMAN, George – *The next 100 years*, p. 101.

²¹⁰ PIB.

se localizam os mais de 25 milhões de curdos do Médio Oriente²¹¹, não dispostos a ceder parte do seu espaço para a formação um Estado curdo. Os curdos têm lutado pela sua autodeterminação de forma corajosa, especialmente através do seu Partido Trabalhista Curdo²¹², fundado em 1978 e considerado uma organização terrorista pelos países ocidentais e pela Turquia²¹³. Esta questão coloca a nação turca num dilema: por um lado não quer permitir a criação de um estado curdo, mas por outro tem o ISIS cada vez mais próximo das suas fronteiras. Esta “guerra a duas frentes” é gerida de forma inteligente por Erdogan, pois consegue atacar o ISIS na Síria ao mesmo tempo que atinge as bases logísticas do PKK no Iraque, gerando mais instabilidade na região, pois os curdos são considerados pelos Estados Unidos da América fortes aliados no combate ao ISIS, um dos grandes causadores de instabilidade na Síria e no Iraque²¹⁴. Se a Turquia e o Irão saírem desta ronda de conflitos com vantagem estratégica, haverá um novo xadrez de alianças no Médio Oriente, englobando o nascimento de novas instabilidades. A questão coloca-se em saber para que lados penderão a Arábia Saudita, o Egipto, a Síria, a Líbia, ou o Iémen²¹⁵.

Na Palestina, apesar de etnicamente não se registarem grandes diferenças, existem facções ligadas ao Irão, e outras ligadas à Arábia Saudita. Depois das eleições ganhas em 2006 pelo Hamas, sendo o poder da Autoridade Nacional Palestiniana dividido por estes e pela Fatah houve uma procura de apoios por ambos de forma a lograr os seus objectivos. O Hamas viu no Irão, não um aliado sectário, mas um aliado ideológico com um inimigo comum – Israel. A resposta da Arábia Saudita veio de forma diplomática com um encontro em Meca para chegar a um acordo. Com as duas facções palestinianas em confronto, a relação do Hamas com o Irão consolidou-se, enquanto a Arábia Saudita procura combater esta influência, procurando diminuir o acesso do Irão à questão Israelo-Árabe.

No Líbano, as tensões sectárias no Médio Oriente contribuíram para a insegurança no seio da população. Aqui, registaram-se alguns ataques dirigidos às

²¹¹ Turquia, Iraque, Irão, Síria, Arménia e Azerbaijão.

²¹² Conhecido por PKK.

²¹³ <http://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/1998-11-01/turkeys-kurdish-question>. (Consultada a 28 de Julho de 2015).

²¹⁴ <http://www.publico.pt/mundo/noticia/erdogan-e-a-sua-guerra-em-duas-frentes-1703343>. (Consultada a 23 de Agosto de 2015).

²¹⁵ ROGEIRO, Nuno - *Na rua Árabe – Causas e Consequências das revoltas no Médio Oriente*, p. 262.

bases do Hezbollah, desde que o grupo incrementou o seu envolvimento na guerra da Síria. A 26 de Maio de 2013, dois rockets atingiram os subúrbios de Beirute, Dahiyeh, um dia depois do líder do Hezbollah, Nasrallah, se ter comprometido a lutar no conflito do país vizinho. Este, e mais atentados do género, são evidências de que o Hezbollah será determinante no conflito que decorre no Médio Oriente, embora esteja a perder influência interna²¹⁶. O ramo sunita está a ganhar peso na região, contrariando a influência iraniana. Um milhão de refugiados sunitas da Síria representa 20% da sua população, dobrando a comunidade sunita.

Na Jordânia, a recente entrada de refugiados sírios é de cerca de um milhão de pessoas. Desta forma, a percentagem de palestinianos no país baixou, ao ponto de não constituírem a maioria da população, o que tem contribuído para fortes mudanças políticas, reduzindo o potencial da ameaça palestiniana à monarquia Hachemita, e enfraquecido o argumento de que a Jordânia é uma extensão da Palestina²¹⁷.

No Bahrein, país que durante muito tempo foi território persa, existe também uma forte disputa pela influência do território, onde os xiitas representam a maioria e combatem a família real sunita pelo acesso ao poder. A Arábia Saudita interveio militarmente no território, de forma a impedir o avanço do Irão. Representa outra tensão no Médio Oriente²¹⁸.

Na Líbia, a queda do coronel Khadafi não alterou o xadrez do Médio Oriente em prol do reino da Arábia Saudita. Estes apoiaram a intervenção militar da NATO contra o governo de Khadafi²¹⁹. O crescimento do Islamismo e dos grupos *salafitas* tem dominado a cena política após a queda do antigo ditador, mas a emergência do general Khalifa Hafter tem contribuído para expulsar as milícias islamitas. O general tem criticado o papel do Qatar na Líbia, e já expulsou turcos do país. Apesar de não se saber quais os seus aliados, nem fonte de apoio, os Emirados Árabes Unidos, Egipto e Arábia Saudita são próximos da Líbia. A Líbia parece ter entrado na guerra intra-sunita, que está a definir o que o Islão entende por políticas no Médio Oriente.

²¹⁶ <http://pt.danielpipes.org/15576/guerra-siria-demografia>. (Consultada a 10 de Setembro de 2015).

²¹⁷ <http://pt.danielpipes.org/15576/guerra-siria-demografia>. (Consultada a 10 de Setembro de 2015).

²¹⁸ <http://www.stratfor.com/weekly/20110307-bahrain-and-battle-between-iran-and-saudi-arabia>. (Consultada a 20 de Agosto de 2015).

²¹⁹ Embora tenha sido visto como algo mais pessoal mercê das décadas de insultos do coronel, acusado de financiar uma tentativa de assassinio do rei Abdullah.

Alguns exemplos de actos que perpetuam a guerra fria no Médio Oriente são os atentados terroristas, que fomentam a divisão entre sunitas e xiitas. Os três atentados no final de Junho de 2015, na estação balnear de Sousse na Tunísia, na localidade de Saint-Quentin-Fallavier, perto de Lyon, e numa mesquita no Kuwait, são quanto a José Manuel Anes²²⁰, concertados. O especialista em relações internacionais acredita que é o ISIS que está por trás destes atentados terroristas, pois consideram os xiitas mais infiéis do que qualquer outro grupo *jiihadista*. Na capital do Kuwait, em finais de Junho de 2015, uma explosão causada por um bombista suicida atingiu a mesquita xiita Imam Sadiq, após as orações de sexta-feira. O ataque foi reivindicado pelo Estado Islâmico²²¹. O autor, Abu Sleiman al Mouahed, terá utilizado um cinto suicida²²². O Kuwait fica num perigoso enclave do Golfo Pérsico, entre o Iraque, o Irão e a Arábia Saudita. Pela sua riqueza²²³ e localização geográfica, é um país acessível e desejado pelos vários grupos *jiihadistas*, especialmente a al-Qaeda e o ISIS²²⁴. Já o atentado na Tunísia, também em finais de Junho de 2015, teve um objectivo puramente económico e o alvo foram os turistas. No Kuwait o alvo é político e religioso²²⁵. Ana Santos Pinto, doutorada em relações internacionais pela universidade Nova de Lisboa, acredita que para além do terrorismo, o objectivo dos sunitas radicais era também “*enviar um sinal aos líderes europeus, um sinal de terror*”²²⁶.

Este conflito no Médio Oriente já fez deslocar milhões de pessoas das suas zonas de residência, sendo que cerca de 3 milhões de sírios, a maioria sunitas, são refugiados no Líbano, Jordânia, Iraque, e Turquia. O influxo de mais de um milhão de sírios no Líbano, um Estado com uma histórica mistura religiosa capaz de resultar em violência, tem sobrecarregado o governo com gastos de dinheiro e pressionado a comunidade a receber refugiados. A Jordânia e o Iraque estão ainda a lutar para providenciar cuidados de saúde e guarida para uma população traumatizada e

²²⁰ Fundador do Observatório para a segurança crime organizado e terrorismo.

²²¹ Segundo a agência France-Press.

²²² Até agora foram contabilizados 25 mortos e pelo menos 202 feridos, reporta a agência Reuters.

²²³ Principalmente petróleo.

²²⁴ <http://observador.pt/2015/06/26/motivou-os-ataques-na-tunisia-franca-no-kuwait/> (Consultada a 10 de Junho de 2015).

²²⁵ <http://www.publico.pt/mundo/noticia/tunisia-detem-grupo-de-suspeitos-com-ligacoes-ao-atentado-em-sousse-1700516> (Consultada a 10 de Junho de 2015).

²²⁶ <http://www.observador.pt/2015/06/26/motivou-os-ataques-na-tunisia-franca-no-kuwait/> (Consultada a 10 de Junho de 2015).

empobrecida. A Turquia tem mais capacidade para prover ajuda humanitária, contudo o seu governo tem gerido o seu apoio tendo em conta o mal-estar que pode causar em algumas franjas da sua sociedade. Estes movimentos de pessoas que a guerra na Síria está a originar vêm alterar a composição demográfica, religiosa, linguística e étnica da região. Na Síria, estima-se que metade da população do país, cerca de 22 milhões de habitantes, passou a ser refugiada, sendo que 3 milhões de pessoas fugiram do país devido ao estado de guerra e de terem perdido a cidadania por decisão do regime de Assad. Estima-se também que o controlo na fronteira com a Jordânia diminuiu, de forma a incentivar a fuga da população sunita para outros países. De forma a aumentar a população xiita, a Síria recebeu e integrou cerca de 500.000 iraquianos xiitas, concedendo-lhes a cidadania síria. No Iraque, este conflito proporcionou ao ISIS a oportunidade de entrar no país, capturar duas das principais cidades, Falluja e Mossul, permitindo um êxodo de cidadãos não sunitas, delineando o Iraque em termos étnicos. Em suma, os países no Médio Oriente estão a redefinir as suas partes religiosas e étnicas, o Líbano mais sunita e a Jordânia menos palestina. O custo de vidas humanas é enorme, e o seu impacto vai transformar o Médio Oriente numa contínua zona de conflito e desrespeito pelos valores universais dos direitos do Homem²²⁷.

Este conflito no Médio Oriente é caracterizado por uma instabilidade assente em todos os Estados fracos e respectivas identidades sectárias, que não foram criadas pelo Irão, nem pela Arábia Saudita, mas que estas potências regionais souberam tirar proveitos, medindo os seus interesses numa clássica balança de poderes. O objectivo da Guerra Fria entre Irão e Arábia Saudita e outros poderes regionais não é derrotar os seus rivais regionais no campo de batalha, mas antes promover o sucesso dos seus partidários nas guerras internas entre estes estados fracos ou falhados, e criar uma influência regional hegemónica. Arábia Saudita²²⁸ e Irão poderão substituir os papéis dos Estados Unidos da América e União Soviética como actores principais na região, depois da queda do muro de Berlim.

²²⁷ http://www.nytimes.com/2015/04/25/world/middleeast/un-refugee-official-calls-situation-in-syria-and-iraq-unsustainable.html?_r=0. (Consultada a 10 de Junho de 2015).

²²⁸ Para os sauditas vive-se hoje uma atmosfera de ataque iminente por ambas as partes, como comentou o jornal "Asharqi al-Awsat"²²⁸.

A escalada de sectarismo neste conflito no Médio Oriente vai originar uma redefinição do mapa político de alguns Estados árabes. A situação da Síria é a mais concreta. Se uma negociação entre Assad e seus aliados e a oposição não acontecer, o líder alauita pode avançar para uma cisão do território, formando um enclave, separado da maioria sunita²²⁹. Como afirmou George Friedman: “o ódio não faz a história, o poder sim”. E o poder pode ser suportado pelo ódio, mas deriva de outras realidades fundamentais como a geografia, demografia, tecnologia e cultura. Tudo isto será importante para definir quem terá o poder no Médio Oriente”.

Como disse Ahmed Abbadi, líder islâmico e secretário-geral da Liga dos Ulemas: *“No passado, os cristãos e os muçulmanos lutavam regularmente, mas hoje, com o tipo de armas que temos, se entrarmos num confronto de civilizações, talvez no fim não sobre nada. É o grande perigo de tudo isto”*.

²²⁹ <http://edition.cnn.com/2013/06/07/opinion/abdo-shia-sunni-tension/index.html> (Consultada a 10 de Setembro de 2015)

7.3 – Al-Qaeda vs. ISIS

Apesar de ambas as organizações se oporem ao Ocidente e adoptarem visões extremistas e eruditas do Islão, elas diferem significativamente em diversas áreas, especialmente no tocante à violência utilizada e à forma como capitalizam o seu sentimento antiocidental, enquanto organizações terroristas.

Os maiores problemas entre os movimentos são de carácter teórico. A al-Qaeda possui um pensamento estratégico que distingue a religião da política, precisamente o contrário do ISIS. Devido a isto, Ayman al-Zawahiri²³⁰ criticou a forma como Musab al-Zarqawi, chefe da al-Qaeda no Iraque, hostilizou e excomungou as massas xiitas nesse país, algo que tornou a al-Qaeda e os seus chefes moderados aos olhos dos líderes do ISIS. Esta oposição entre ambos teve tradução em alguns conflitos, sobretudo na Síria, onde forças da Jabhat al-Nusra, pró al-Qaeda, e o ISIS mediram forças.

A al-Qaeda Interpreta o alcorão de forma diferente do ISIS. Os *salafitas* referem que a *Baya'a* não significa fidelidade a um califa, Abu Bakr al-Baghdadi, mas sim fidelidade a um contrato social religioso que é um compromisso com a sociedade muçulmana, seja governada por um califa ou não. Os *salafistas* defendem que os muçulmanos devem direccionar as suas energias para o aperfeiçoamento da vida pessoal, como a oração, ritual e higiene. Os *salafistas* são uma alternativa ultra conservadora à versão radical do ISIS, uma outra forma de ser islâmico²³¹.

O ISIS possui um território próprio, onde instaurou a *sharia*, demarcando-se assim da matriz da al-Qaeda, e do simples milenarismo do *jihadismo clássico*, para se familiarizar com experiências ocidentais mais heréticas²³². Enquanto a al-Qaeda pretende instaurar uma *jihad* permanente e expandir-se a nível mundial, bem como encara o terrorismo como o prólogo de um califado que não conta ver realizado

²³⁰ Líder da Al-Qaeda e nº 2 no tempo de Bin Laden.

²³¹ [http:// www.theatlantic.com/features/archive/2015/02/what-isis-really-wants/384980/](http://www.theatlantic.com/features/archive/2015/02/what-isis-really-wants/384980/) (Consultada a 10 de Abril de 2015)

²³² Como a dos anabaptistas.

durante o seu tempo de vida. A sua organização é flexível e opera como uma rede geograficamente dispersa de células autónomas. Já o ISIS pretende conquistar território, e num espaço de tempo, para se legitimar e dotar-se de uma estrutura hierarquizada que o governe²³³.

A al-Qaeda sempre se definiu como um grupo militante empenhado em preparar-se de forma organizada e continuidade às investidas violentas ao mundo ocidental. Bin Laden sempre procurou concentrar a sua missão no *jihadismo internacional*, tendo nos Estados Unidos da América, em Israel, e na Europa, o seu verdadeiro foque de atenção, sabendo que o sectarismo poderia comprometer os seus verdadeiros objectivos. Já o ISIS estipula como alvos primários os “regimes apóstatas xiitas”, como o governo de Bashar al-Assad na Síria, e o de Haider al-Abidi’s no Iraque, que impedem a criação de um Estado Islâmico puro e sectário²³⁴.

A distinção entre apostasia e pecado é um ponto-chave da disputa entre a Al-Qaeda e o ISIS. A apostasia é a negação da santidade do alcorão ou das profecias de Maomé. Existem acções que podem levar à excomunicação de um muçulmano, como o consumo de álcool, drogas, o facto de vestir roupas ocidentais ou fazer a barba. Segundo a doutrina baseada no *takfir*²³⁵, o ISIS pretende purificar o mundo exterminando os “infiéis²³⁶”. Contudo, aos cristãos é permitido viver consoante o pagamento de um imposto especial, a *jizya*, que encontra aval na *surah Al-Tawba*²³⁷, que instrui os muçulmanos a lutar contra os cristãos e os judeus até que paguem a respectiva submissão.

Outra diferença entre as duas organizações é a forma de recrutamento para as suas organizações. Enquanto o ISIS faz proveito dos meios de comunicação social e propaganda na internet para aumentar o seu número de efectivos, a al-Qaeda sempre repeliu estas formas de violência, considerando-as prejudiciais para o recrutamento de militantes para a sua causa. Em Novembro de 2014, houve tentativas de parar com as hostilidades entre os dois movimentos *jihadistas*. Contudo, com um território seu e

²³³ <http://www.publico.pt/mundo/noticia/o-que-e-o-estado-islamico-1690458> (Consultada a 16 de Maio de 2015)

²³⁴ <http://www.businessinsider.com/difference-between-isis-and-al-qaeda-2015-5> (Consultada a 10 de Abril de 2015)

²³⁵ Um muçulmano que renunciou à fé islâmica.

²³⁶ Os muçulmanos apóstatas são as vítimas mais comuns.

²³⁷ O nono capítulo do alcorão.

forte propaganda agressiva, e mais moderna, o ISIS está em melhor posição para se superiorizar à al-Qaeda em termos de recrutamento²³⁸.

A grande vantagem do ISIS em relação à al-Qaeda é a sua capacidade de se auto financiar, não estando refém dos apoios e recursos oriundos dos países árabes, como a Arábia Saudita, a Omã ou o Qatar. Já a al-Qaeda tem nos países do Golfo a sua forma de subsistência, bem como através do apoio de magnatas e monarcas do mundo árabe²³⁹.

Ambos têm interesses comuns: afirmar as suas posições e impedir reformas democráticas na região; lutar contra a presença ocidental, em particular americana, no Médio Oriente; pressionar Israel; e distrair as atenções da comunidade internacional, nomeadamente da influência síria no Líbano e, sobretudo neste momento, da questão nuclear iraniana. O ISIS usa a violência com um fim instrumental, considerando essencial chocar o mundo. A sua estratégia é de afirmação incondicional, não temendo o confronto com a própria al-Qaeda.

Não podemos hoje comparar o *ISIS* com mais nenhuma organização terrorista, pois o *jihadismo* que pratica evoluiu desde o auge da *Al-Qaeda*, e muitos membros desdenham prioridades do grupo e liderança atual.

²³⁸ PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, p. 320.

²³⁹ <http://www.jornalismob.com/2014/10/10/isis-contra-al-qaeda-e-o-jogo-duplo-das-monarquias-arabes/>. (Consultada a 10 de Junho de 2015)

8 – Existe ou não um “Choque de Civilizações”?

O mundo islâmico vê o Ocidente como ofensivo para a sua comunidade, e o Ocidente analisa o mundo muçulmano medindo as suas acções mais radicais²⁴⁰.

O emergir do fundamentalismo islâmico e movimentos radicais tem ameaçado a segurança nacional dos países ocidentais e feito crescer as hostilidades em relação à comunidade muçulmana. Há duas teses antagónicas: uma que, não nega a identidade islâmica e árabe, mas não confunde ataques terroristas com a religião muçulmana. Os erros políticos das potências ocidentais no Médio Oriente, e os problemas económicos e sociais que afectam as sociedades muçulmanas explicam este fenómeno, negando qualquer relação entre o Islamismo e o terrorismo, considerando que a única guerra permitida pelo Islão é a defesa da sua religião. Os partidários desta tese distanciam-se das correntes islamóforas, criticando a criminalização da fé muçulmana, reiterando que o Islão não é naturalmente violento, mas o produto da interpretação do discurso islâmico de legitimação da violência²⁴¹.

A outra tese sugere que vivemos um conflito entre o Ocidente e o Islão, argumento defendido por Samuel Huntington no seu livro: *“The Clash of civilizations and the remaking of the world order”*, de 1996²⁴². Huntington defende que após o final da “Guerra Fria”, entre Estados Unidos da América e União Soviética, o mundo deixou de ser caracterizado pelas clivagens ideológicas e passou a confrontar-se num plano cultural e religioso²⁴³, situando-se o fundamentalismo islâmico como a principal ameaça ao mundo ocidental. Para os adeptos desta tese a queda do muro de Berlim, e o fim da União Soviética veio definir o mundo islâmico como próximo inimigo dos Estados Unidos da América e dos países ocidentais, capaz de obstruir o domínio destes

²⁴⁰ Como as acções recentes do ISIS.

²⁴¹ LEWIS, Bernard – *A Crise no Islão*, p.133.

²⁴² <http://www.washingtonpost.com/wpsrv/style/longterm/books/chap1/clashofcivilizations.htm>
(Consultada a 13 de Agosto de 2015)

²⁴³ <http://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1993-06-01/clash-civilizations>. (Consultada a 13 de Agosto de 2015)

no mundo. O enfoque desta ameaça vem do Médio Oriente, região que, pelas razões apontadas, constitui estados e movimentos radicais, que visam atingir de forma violenta o Ocidente. A hipótese de uma cisão histórica na comunidade internacional entre o Ocidente e o Islão, manifestada entre civilizações diferentes, constitui as maiores ameaças para a segurança mundial, resultante do fim da validade universal dos valores políticos liberais, equacionada pelos defensores do “Choque de Civilizações”. A identificação do Ocidente como uma civilização cristã, não foi, contudo, uma ideia de Samuel Huntington. Era algo já enraizado na divisão existente no período do conflito bipolar, entre 1945 e 1989.

Os críticos da tese de Huntington que se destacam são Amartya Sen²⁴⁴ e Benazir Bhutto²⁴⁵, que refutam o conceito de “identidade única²⁴⁶”, pois esta limita a categorização dos povos apenas em dois pressupostos de identidade: a cultura e a religião, ignorando aspectos como a profissão, a língua, a política, ou o género.

O século onde estamos é palco de um confronto entre fundamentalismo e tolerância cosmopolita. Se por um lado os cosmopolitas adoptam e aceitam a complexidade cultural que põe a claro as diferenças entre as várias civilizações, os fundamentalistas defendem que esta complexidade cultural é perigosa e perturbadora para o bem da sua comunidade e adoptam um comportamento baseado na tradição renovada.

²⁴⁴ Prémio nobel da economia em 1998.

²⁴⁵ Antiga primeira ministra do Paquistão.

²⁴⁶ A tese da “identidade única” refere que os seres humanos se definem exclusivamente, ou sobretudo, a partir de uma única identidade, como se o mundo fosse constituído por uma federação de religiões, ou de culturas, ou de civilizações, ignorando-se a relevância de aspectos como o género, a profissão, a língua, a ciência, ou a política.

8.1 – Existe “Choque de Civilizações”.

O conflito entre a civilização cristã e a islâmica tem mais de 1300 anos. O Islão apareceu no século VII e nunca mais parou de se expandir, embora tenha sido travado por várias ocasiões, destacando-se Tours²⁴⁷, as cruzadas nos séculos XI, XII, e XIII, e os dois cercos a Viena²⁴⁸, que pararam o avanço Otomano sobre o império Habsburgo. Após a segunda guerra mundial houve um recuo das potências ocidentais, e um crescimento do nacionalismo árabe, que originou o fundamentalismo islâmico, derivado das guerras travadas entre países ocidentais e países muçulmanos, como as guerras israelo-palestinianas, a guerra da independência da Argélia, a invasão dos Estados Unidos da América no Líbano, e os confrontos com o Irão.

A tese sobre o “Choque de Civilizações”, de Samuel Huntington, previu o futuro do sistema internacional depois da “Guerra Fria”. A teoria foi originalmente formulada em 1993, num artigo da “*Foreign Affairs*” denominado “*The Clash of civilizations?*”, e refere que as identidades culturais e religiosas dos povos serão a principal fonte de conflito no mundo pós-Guerra Fria. Foi traduzido em português para “*O Choque de Civilizações*”, e escrito em reacção ao livro de Francis Fukuyama: “*The end of history and the last man*”, de 1992, que defende a presença de duas poderosas forças na história da humanidade, a primeira que impele ao processo económico racional, e a segunda que é o próprio motor da história²⁴⁹. Huntington expandiu a sua tese num livro publicado, em 1996, com o título “*The Clash of civilizations and the remaking of the world order*”, onde referiu que as clivagens civilizacionais representam os conflitos mais graves do sistema internacional, à frente dos conflitos pela posse do território,

²⁴⁷ Batalha entre o exército do Reino Franco e o exército do Califado de Córdoba, que marca o final da expansão muçulmana na Europa medieval, em 732 DC.

²⁴⁸ Em 1529 e 1683.

²⁴⁹ FUKUYAMA, Francis - *O fim da história e o último homem*, Lisboa, Gradiva, 1992.

conflitos económicos, problemas de sucessão, ou doutrinas políticas²⁵⁰. Para perceber o que motivou este “Choque de Civilizações” é importante referir os 46 anos de “Guerra Fria”, entre as duas superpotências da altura, Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cuja zona de demarcação era feita por países de religião islâmica, outrora repúblicas soviéticas, como o Azerbaijão, o Uzbequistão, o Turquemenistão, o Quirguistão, e o Cazaquistão²⁵¹. Após o fim da “Guerra Fria” a política internacional passou ter o seu epicentro na querela Ocidente vs Islão, gerando um desvanecimento da divisão ideológica na Europa. Huntington previu que a próxima guerra mundial irá obrigar as culturas a uma maior tolerância, sendo as principais querelas e clivagens entre civilizações diferentes²⁵². A proliferação do conflito étnico no continente euro-asiático não tem sucedido ao acaso, tendo por diversas ocasiões sido mais frequente e violenta entre civilizações distintas, como o Ocidente e o mundo muçulmano²⁵³.

Um país que serviu de comprovação a esta tese foi o Líbano. A guerra civil do Líbano, entre 1975 e 1990, é um exemplo de conflito onde se verificou uma medição de forças entre pessoas de religiões e culturas opostas. Influenciado pelo afluxo de refugiados palestinianos, pelas disputas inter-religiosas entre facções cristãs e muçulmanas, bem como envolvimento da Síria, Israel e da OLP, o conflito marcou um período de grande instabilidade e violência, sobretudo na parte sul do país. As atrocidades praticaram por parte de todas as facções envolvidas, falanges libanesas, Israel, e pelos grupos palestinianos envolvidos na contenda. Contudo, as diferenças étnicas e religiosas geraram ódio e os massacres de Damour, com a morte de centenas de cristãos por parte de palestinianos, e o massacre de Sabra e Shatila, onde cerca de 3 mil civis palestinianos foram mortos por parte de falanges cristãs, atestam o choque civilizacional, onde o motor do sectarismo foi a religião, sobretudo. Depois de 1990, principalmente após a invasão do Kuwait pelo Iraque, as tensões reduziram-se até ao

²⁵⁰ R.R. Palmer, historiador norte-americano, disse que “*as guerras entre reis acabaram e começaram as guerras entre povos*”.

²⁵¹ Ainda hoje a Federação Russa tem uma grande população de fé islâmica na Chechénia.

²⁵² Um exemplo disso são as questões económicas entre os Estados Unidos e a Europa não terem a mesma importância política e intensidade emocional, porque as diferenças entre a cultura americana e a europeia são muito menores do que as existentes entre a civilização americana e japonesa.

²⁵³ Isto é especialmente verdade junto às fronteiras dos países de fé islâmica, desde Marrocos até ao Afeganistão.

seu final no mesmo ano. Contudo, forças israelitas continuam no território, que consideram um estado-tampão na região, importante para impedir ataques sobre o espaço norte de Israel²⁵⁴.

Actualmente, as pessoas definem a sua identidade em termos étnicos e religiosos, e é provável que vejam que existe um “nós” versus “eles” em relação a povos de uma etnia ou religião diferente, criando assim diferenças sobre questões políticas, que vão dos direitos humanos à imigração e do comércio ao ambiente. Os esforços do Ocidente para manter a sua predominância militar e colocar à frente os seus interesses económicos originam respostas das outras civilizações. Os governos e os grupos, cada vez menos capazes de mobilizarem apoio e de formarem coligações na base da ideologia, apelam à religião comum e à identidade civilizacional. O “Choque de Civilizações” vai ocorrer, assim, em dois níveis: através de grupos adjacentes que vivem ao longo das linhas divisórias das civilizações e que lutam entre si, normalmente com violência, pelo controlo do território, o caso do actual conflito no Médio Oriente; e o outro nível será o nível em que estados de civilizações diferentes entram em competição pelo poder militar e económico, pelo controlo de instituições internacionais e de terceiras partes e, promovendo os seus próprios valores políticos e religiosos. A religião, em virtude da globalização e de um aumento da interacção e intensificação da consciência civilizacional, tem procurado preencher o vazio de valores no Médio Oriente, criando espaço para o aparecimento de movimentos fundamentalistas, que embora se encontrem em todas as religiões monoteístas, destacam-se pelas razões que vimos, actualmente, no Islão. O conflito dá-se entre o Ocidente e Islão devido à concepção de vida muçulmana que transcende e une religião e política, contra a concepção cristã ocidental da separação da religião e poder político. Tem havido uma clara tensão entre a comunidade islâmica e o ocidente, que não existe entre as outras civilizações. Desta forma, Huntington afirma que este choque civilizacional é diferente de outras disputas anteriores como a “Guerra-Fria”, ou lutas entre potências continentais e marítimas. Nuno Rogeiro fala mais num *“mal-estar profundo e permanente que pode degenerar em batalhas extremas”*. O cientista político acredita que é difícil evitar este choque cultural, mas pelo menos devemos

²⁵⁴ <http://www.globalsecurity.org/military/world/war/lebanon.htm>. (Consultada a 10 de Maio de 2015).

percebe-lo²⁵⁵. A eleição do radicalismo islâmico como causador de instabilidade regional e internacional gerou uma panóplia de estudos, com destaque para o conceito de *jihad* que é o fundamento legitimador das acções violentas dos vários grupos radicais.

A que pode ser considerada a primeira barreira do “Choque de Civilizações” é a questão de Israel, pois é a primeira fronteira entre o Médio Oriente e as ideologias ocidentais, encontrando-se o país envolvido num diferendo territorial com a Palestina, mas cuja indefinição se define pelas diferenças religiosas. Uma das funções internacionais da Palestina tem sido, com efeito, empurrar a opinião pública e os próprios governos de Israel para a “direita”, isolando os Estados Unidos da América e os seus aliados da opinião pública nas democracias europeias pacifistas, rendidas à tolerância civilizacional e ao alegado “multiculturalismo”, ao mesmo tempo que tornava impossível as intervenções da OTAN na Síria e em situações transnacionais como o ISIS. Paradoxalmente cresce o xenofobismo e as extremas-direitas na Europa²⁵⁶.

Para Huntington, pessoas de civilizações diferentes têm pontos de vista diferentes sobre as relações entre Deus e o homem, o indivíduo e o grupo, o cidadão e o Estado, os pais e os filhos, o marido e a mulher, bem como perspectivas diferentes sobre a importância relativa dos direitos e das responsabilidades, a liberdade e a autoridade, a igualdade e a hierarquia. Estas diferenças são o produto do trabalho de séculos, e não desaparecerão de um dia para o outro²⁵⁷.

Em suma, Huntington considera que existe uma concepção absoluta de religião e cultura, comuns às diferentes civilizações, constituindo esta a principal razão do “Choque de Civilizações”.

²⁵⁵ ROGEIRO, Nuno - *Na rua Árabe – Causas e Consequências das revoltas no Médio Oriente*, p. 307.

²⁵⁶ <http://observador.pt/opiniao/choque-de-civilizacoes/>. (Consultada a 10 de Abril de 2015)

²⁵⁷ HUNTINGTON, SAMUEL – *O Choque das civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*.

8.2 – Não existe “Choque de Civilizações”

A ideologia democrática exige que sejam concedidas liberdades e direitos às oposições de vertente islâmica. Contudo, estas aquando no poder não se sentem obrigadas a isso. Os seus princípios exigem a supressão das actividades que consideram impias e subversivas. É evidente que, quer no mundo islâmico quer no mundo ocidental, eleições livres e justas são o culminar do caminho para a evolução democrática²⁵⁸.

O Islão é visto pelo Ocidente como possuidor de uma “identidade única”, onde a religião e a cultura definem mais de 1,6 biliões de crentes., impondo limites à percepção das pessoas, não permitindo às pessoas reger-se pelos valores e normas da sua comunidade. Isto torna difícil compreender e aceitar as normas de comportamento e instituições de diferentes culturas e sociedades, prejudicando a possibilidade de um intercâmbio cultural²⁵⁹, como por a forma como as mulheres são tratadas em países muçulmanos²⁶⁰.

O modo do Ocidente olhar o mundo islâmico, e exercer o seu poder nessa região, resultou numa análise de como a cultura dominante se apodera da outra e a assimila. Edward Said considera o Orientalismo como uma forma de os ocidentais pensarem e estudarem o Oriente através de um conjunto de categorias e valores baseados nas necessidades políticas e sociais do Ocidente em detrimento das realidades concretas do Oriente.

Pouco tempo após os atentados em Madrid e Istambul nasceu a “Aliança das Civilizações”. Foi uma resposta à obra-prima de Samuel Huntington, e propunha uma reconciliação entre o mundo ocidental e o mundo islâmico. A questão é saber quem são os aliados, os adversários, e quais os valores e interesses comuns. Nuno Rogeiro refere que *“dentro da mesma civilização aparente pode haver choques de mundos*

²⁵⁸ LEWIS, Bernard – *A Crise no Islão*, Lisboa, pp. 97 a 102.

²⁵⁹ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 65.

²⁶⁰ Apedrejadas em caso de adultério.

*mais extremos do que a luta contra o que é estranho*²⁶¹". Para o português, os inimigos comuns das civilizações são prementes e conhecidos, são aqueles que querem transformar as diferenças culturais em conflitos, os conflitos em guerras, e as guerras em guerras de extermínio.

Ahmed Abbadi²⁶² defende a complementaridade entre as duas civilizações, colocando ênfase no reconhecimento mútuo para permitir uma maior proximidade às civilizações, para que estas usufruam destas experiências ao longo dos séculos. Contudo, o líder islâmico escolhe o medo como destruidor das civilizações, originando reacções negativas. Por conseguinte, há sempre quem legitime os mesmos.

Amartya Sen, Benazir Bhutto e outros escritores e políticos notáveis defendem é que é errado acreditar no pressuposto de que as pessoas podem ser classificadas unicamente com base na cultura ou na religião, contribuindo com teorias que combatem o "Choque de Civilizações", de Huntington.

²⁶¹ Ele aponta o exemplo de que podem haver civilizações diferentes dentro da universidade de Oxford ou no Grande Porto, enquanto os capatazes de fábricas de lanifícios modernas na Rússia ou na Índia são capazes de pertencer à mesma civilização

²⁶² Líder islâmico e secretário-geral da liga dos ulemas.

8.2.1 – Críticas ao “Choque de Civilizações”

O prémio nobel da paz Amartya Sen critica o “Choque de Civilizações”, e as políticas multiculturalistas, pois partilham o mesmo problema epistemológico, elevando a comunidade à condição de “identidade única” dos homens, não respeitando todas as restantes identidades, como a classe social, a profissão, as ideias políticas e as ideias morais. Amartya Sen defende que Samuel Huntington compartimenta as pessoas de uma civilização dentro de apenas um grupo, distinguindo os seus membros pela religião e pela cultura, e partindo do pressuposto que uma classificação singular é mais relevante do que outra qualquer. O indiano defende que a maior parte dos conflitos mundiais são alicerçados pela crença numa única identidade, sobrepondo-se a qualquer outro tipo de afiliação.

Para os críticos de Huntington, o “Choque de Civilizações” não abrange a extensão das diferenças intra-civilizacionais, nem as influências que as relações entre civilizações acarretam, o que pode originar em alguma manifestação de fundamentalismo islâmico. Para além disso, Amartya Sen refere que a herança muçulmana é mais que a mera crença religiosa, constituindo a matemática e a ciência contribuições para a riqueza da história do Islão. Para ele, as relações entre as pessoas não se devem basear apenas na partilha da mesma cultura ou religião, ostracizando outros grupos a que as pessoas possam pertencer, desde grupos políticos, económicos, ou sociais, sob dos indivíduos serem conotados de forma simplista²⁶³. Esta redução da dimensão do ser humano a uma única identidade vai destruir a diversidade de relações que tem permitido a interacção entre civilizações²⁶⁴.

A teoria que advoga o “Choque de Civilizações” esbarra com a tese do poder de identidades concorrentes, que se baseia numa “humanidade partilhada”, e outras identidades que nos caracterizam ao mesmo tempo²⁶⁵. Aqui realça-se o papel da

²⁶³ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 20.

²⁶⁴ Em áreas como as artes, a literatura, a ciência, a matemática, o comércio, ou a política.

²⁶⁵ Um exemplo disso é um hutu, que é ao mesmo tempo Kigaliano, ruandês, africano, e ser humano. Isto apesar de ser incitado a matar tutsis.

“escolha”, que defini a identidade a tomar, partindo do pressuposto que existem identidades inevitavelmente diversas²⁶⁶. Durante a separação política na Índia, na década de 1940, o autor refere que foi adoptado um “comportamento colectivo”, que levou as pessoas a “descobrir as suas identidades beligerantes”, sem o recurso a um respectivo exame crítico. Os massacres que se seguiram foram resultado disso. Pessoas que outrora partilhavam o mesmo espaço, e a mesma sociedade, optaram subitamente por identidades diferentes²⁶⁷.

A identidade singular tem contribuído para dividir a população mundial em civilizações, onde cultura e religião fazem a diferença. Contudo, Sen refere que “*somos membros de uma série de grupos e pertencemos a todos eles*”. É preciso ter em conta que a “cidadania, local de residência, origem geográfica, o género, a classe, a política, a profissão, o emprego, os hábitos alimentares, os interesses desportivos, o gosto musical, e os compromissos sociais fazem com que possamos integrar diversos grupos”, onde cada um deles nos torna capazes de nos podermos identificar com várias civilizações. Muitos conflitos, genocídios, e crimes hediondos têm sido perpetrados por campanhas que pretendem mudar auto-identidades, transformando amigos em inimigos, e colocam o sectarismo em posição de liderar politicamente.

Para Amartya Sen, a “*miniaturização das pessoas pode alimentar o fundamentalismo islâmico*”, pois um sentimento forte de presença a um grupo pode criar distanciamento e conflito de um grupo a outros grupos²⁶⁸, tendo em conta que as pessoas se vêem a si mesmas de formas muito variadas²⁶⁹. Isto vem de encontro ao facto de os muçulmanos serem vistos pelo Ocidente como fundamentalistas islâmicos, quando os muçulmanos têm várias identidades que os definem. Os islâmicos radicais pretendem que a única identidade dos muçulmanos seja com base na religião, e os mais moderados não têm sido capazes de ver os muçulmanos de outra forma,

²⁶⁶ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 32.

²⁶⁷ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 38.

²⁶⁸ Um exemplo disso foi o genocídio na Bósnia, perpetrado pelos sérvios sob os muçulmanos, onde um sentimento exclusivo de pertença a um só grupo pode degenerar em crimes hediondos para a humanidade.

²⁶⁹ Um exemplo disso é o caso de um muçulmano do Bangladesh, que é ao mesmo tempo bengali, e bangladechiano, defensor da língua, literatura, e música bengalis, assim como profissão, classe, género, ocupação, políticas e por aí adiante.

exigindo-se desta forma uma redefinição do Islão, ao invés da *“análise da natureza multidimensional de seres humanos diferentes, os muçulmanos”*²⁷⁰.

Para Sen, a *“nossa humanidade comum é barbaramente desafiada a partir do momento em que as múltiplas divisões do mundo são unificadas num só sistema de classificação supostamente dominante”*. Um mundo assim dividido torna-se mais desagregado do que o universo das categorias plurais e diversas que efectivamente moldam o mundo em que vivemos.²⁷¹

²⁷⁰ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 44.

²⁷¹ SEN, Amartya – *Identidade e violência: A ilusão do destino*, p.16.

9 – Conclusões

O ideal de Estado Nação²⁷² foi implementado no mundo ocidental, sem contudo ter a adesão esperada no Médio Oriente. O sentido de nação nesta região não é o mesmo para o Ocidente. A fidelidade que os cidadãos europeus ou norte americanos dão ao seu líder político, não é a mesma que os muçulmanos²⁷³. A fidelidade é dada a Allah ou ao líder tribal, constituindo uma diferença substancial entre Ocidente e Médio Oriente. Os sistemas políticos, eleitorais, e judiciais estão numa fase muito prematura, permitindo que a autocracia se imponha na região²⁷⁴ através do militarismo, tribalismo, o partidarismo, acções que têm contribuído para o sectarismo na região.

O Islão, contudo, serviu de catalisador para o aparecimento do Islamismo, que como movimento político tem combatido os regimes opressores, ter acesso aos direitos básicos e a uma condição de vida digna. Este movimento utiliza o livro sagrado como forma de mobilizar os muçulmanos para que se juntem às causas dos seus partidários, quer sejam estados, quer sejam grupos islâmicos.

O alcorão ao não possuir uma estrutura narrativa lógica, impõe que se recorra ao contexto da revelação da mensagem de Allah a Maomé para entender o seu verdadeiro significado. Logo, uma mera interpretação literal dá azo a conclusões radicais e descontextualizadas. Por vezes existe uma sobrevalorização da *hadith*, manipulada por interesses políticos, bem como a falta de contextualização contribui para uma incompreensão da mensagem verdadeira. Cabe aos sábios do Islão denunciar essa descontextualização e manipulação do *hadith*, e especialmente aos muçulmanos enfrentar estes embustes de interpretação e de execução.

Durante a dissertação, achamos importante definir conceitos importantes para responder à pergunta chave e decifrar o objecto de estudo. Dessa forma, “Choque de

²⁷² Nascido após o tratado de Vestefália.

²⁷³ Um exemplo é o caso do Iraque, onde Saddam Hussein governava um país com uma maioria de habitantes xiitas, sendo ele sunita.

²⁷⁴ Os 19 Estados da região são governados pela ditadura.

Civilizações”, “Identidade”, “Proxy Wars”, “Terrorismo”, e “Fundamentalismo Islâmico” foram sendo analisados ao longo do trabalho. Também consideramos importante definir as diferenças entre Islão e Islamismo, de forma a entender que não se pode tomar uma parte por um todo, pois é crucial separar a religião islâmica, com mais de 1,6 bilhões de crentes em todo o mundo, cuja comunidade luta por cumprir os propósitos do seu livro sagrado, incluindo os 5 pilares do Islão, com um movimento político que se inspira na religião para influenciar o rumo da sociedade a seu favor, defendendo a sua própria agenda política, muitas vezes com recurso à violência ou ao terrorismo. Os actos associados à prática de uma religião não são comparáveis à ideologia que se sustenta na base de argumentos religiosos inspirados no alcorão. O Islamismo distorce a realidade, usando a religião como instrumento para atingir o controlo social e político da comunidade muçulmana. No capítulo 5, explicamos como o fundamentalismo islâmico funciona como um sistema que tutela os imperativos políticos, económicos, culturais e sociais do Estado, contrastando com o paradigma dos estados laicos, cabendo à religião controlar toda a comunidade muçulmana. A forma como nasceu o fundamentalismo, e como todas essas causas contribuíram para que ele crescesse e se tornasse responsável pela profusão de atentados terroristas, quer no Ocidente, quer nos países muçulmanos, e também aumentasse a instabilidade, insegurança, sectarismo, e estado de permanente conflito no Médio Oriente, também foram escrutinados. No mesmo capítulo, mas no 5.1, debruçamo-nos sobre a *jihad*, e como esta tem uma interpretação errada por parte da maioria do mundo ocidental. O seu verdadeiro significado é “esforço” e “luta”, cabendo-nos distinguir entre *jihad* maior e *jihad* menor, onde a primeira representa a luta do dia-a-dia no intuito dos crentes se tornarem melhores devotos de Allah, enquanto a segunda representa o combate dos muçulmanos aos infiéis, nos territórios próximos à comunidade muçulmana. A *jihad* é hoje interpretada de forma errada, e constitui o fundamento legitimador das acções violentas dos grupos radicais. No mesmo capítulo abordamos as principais doutrinas que sustentam a base ideológica do fundamentalismo islâmico, como o *wahhabismo*, de raiz sunita, e o xiismo revolucionário de vertente xiita. Procuramos aqui lançar as bases para a “Guerra Fria”, com destaque para as duas superpotências: Arábia Saudita e Irão. Com vista a escarpelizar este conflito é importante também perceber quem foram os intelectuais

que inspiraram estas doutrinas, casos de homens como Ibn Taymiyya, al-Wahhab, Hassan al-Banna, Sayyid Qutb, Ala Maududi, e Ruhollah Khomeini. São vistos como os impulsionadores ideológicos dos vários movimentos que sustentam o Islamismo, e grupos radicais como a al-Qaeda, ISIS, a Frente al-Nusra, a Irmandade Muçulmana, todos apoiantes da facção sunita, e o Hamas e o Hezbollah como apoiantes da facção xiita. Explicamos em que contexto espacial e temporal apareceram, e quais foram as razões que levaram ao seu aparecimento, bem como a forma como se organizam, como se financiam, e como actuam. No capítulo 6 vamos abordar a importância que o financiamento tem para o que os grupos radicais possam florescer nas suas actividades e intuítos. A maior parte do apoio que os movimentos fundamentalistas recebem é oriundo de países do Médio Oriente, principalmente a Arábia Saudita e o Irão. Estes apoiam os radicais no sentido de combater inimigos comuns, na luta por poder e influência na região. O petróleo é, contudo, a forma mais profícua dos grupos radicais se auto financiarem.

Em relação à actual “Guerra Fria” no Médio Oriente, a instabilidade deve-se em muito às divergências religiosas entre sunitas e xiitas, geradoras de facções, que vão dificultar o convívio dos países, aumentando a tensão, inimiga da paz e dos valores democráticos. Estas diferenças de identidade têm vindo ao de cima nos últimos anos, principalmente após a invasão do Iraque pelos Estados Unidos da América. A minoria sunita, que governou o Iraque durante mais de quatro décadas, está agora em guerra aberta com a maioria xiita, um conflito sectário que foi exacerbado principalmente após o atentado à bomba que ocorreu em Samara, em 2006, que causou uma onda de tensão que vigora ainda nos dias de hoje. Este conflito tem em vista a expansão da influência e do poder da Arábia Saudita e do Irão na região e na comunidade muçulmana, ambas alicerçadas em ideologias religiosas opostas, dispostas a ser disseminadas a outras áreas de influência. Outra característica é o apoio de países mais fortes a países mais fracos, tendo por base o sectarismo religioso, e havendo um aproveitamento da fragilidade da maioria dos países da região, os estados Fracos. O conceito de Saul Cohen de *shatterbelt* é aqui bem empregue pois os países que compõem esta região estão divididos internamente, e encontram-se à mercê dos interesses estratégicos das superpotências. A região tem sido palco de uma incessante política de alianças entre países, cuja direcção e futuras fronteiras é bastante difícil de

prever. Se a Arábia Saudita tem apoiado a al-Qaeda e as suas afiliações, o Irão apoia o Hezbollah, numa luta por aumentar o seu espaço de acção. O conflito centra-se na luta por poder, espaço e influência entre os estados mais fortes da região, Arábia Saudita e Irão, através de um apoio, directo ou indirecto, a aliados seus que governam países sem qualquer coesão governativa, em estado de guerra continua, e sem condições de garantir a qualidade de vida da sua população, os chamados estados fracos²⁷⁵. O sectarismo é uma característica do conflito. Os países mais fortes, Arábia Saudita e o Irão, procuram aliar-se de facções que partilhem dos mesmos interesses e objectivos. Contudo são as semelhanças étnicas e religiosas que, quase sempre, definem a composição das alianças, em prol das duas facções dominantes, os sunitas e os xiitas. A situação na Síria e no Iraque é um exemplo desta guerra sectária que assola a região, que para além da crise humanitária que tem gerado, tem criado as condições para que haja a necessidade de transformar o mapa região, dividindo e fragmentando estes países. Estes conflitos sectários resultaram em outras consequências para a região, como o aparecimento de uma rede *jihadista* transnacional que ameaça para a região²⁷⁶, bem como contribuíram com reacções económicas e a geoestratégica que ajudam a compreender as tensões na região e a moldar o equilíbrio de forças entre as duas comunidades muçulmanas, o futuro da região, na Síria, no Iraque, no Líbano, no Bahrein, e no Lémen. Juntamente com a *proxy war*²⁷⁷, está o renovado fervor de militantes armados, que é motivado pelas ideias *salafitas* de retorno à fé verdadeira, onde dezenas de milhares de militantes sectários estão preparados para o conflito e defender a sua respectiva facção.

Contudo, a luta por poder na região acontece também dentro do ramo do Islão mais numeroso: o sunita, onde há diversas facções dentro do ramo, as que vêem o Islão de forma moderada, e aquelas que defendem uma visão mais integrista da religião. Os sunitas mais radicais têm-se digladiado ao longo da história, mais recentemente nas sublevações protagonizadas pela Irmandade Muçulmana no Egipto, a invasão do Kuwait pelo Iraque, e as batalhas travadas entre o reino da Arábia Saudita e a al-Qaeda. Partilhar uma identidade sunita não elimina as lutas por poder entre

²⁷⁵ Estados como estes são propícios à intervenção de outros países mais fortes.

²⁷⁶ www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/ (Consultada a 22 de Junho de 2015).

²⁷⁷ Guerra por procuração.

estes, sejam eles religiosos ou seculares. Dentro dos mais radicais convém destacar a al-Qaeda, que no pós 11 de Setembro dividiu em dois grupos maiores: al-Qaeda e seus afiliados, sob o comando de Bin Laden e agora Zawahiri, e todos os outros movimentos, uma mistura heterogénea de grupos insurgentes e terroristas à volta do mundo que mantiveram a sua independência, embora muitos se tivessem mantido próximos da al-Qaeda e partilhado recursos. Dentro destes grupos destacamos o ISIS, que recentemente viu a al-Qaeda declarar-lhe guerra através do seu líder, Ayman al-Zawahiri, que referiu que as diferenças são irreconciliáveis.

O Médio Oriente está em mudança, e esta poderá ter consequências na comunidade internacional, pois a maior parte do petróleo vem desta região, e a instabilidade da mesma pode gerar subidas dos preços dos combustíveis, dos alimentos e as subsequentes dificuldades económicas e sociais. A juntar a isto, esta instabilidade na região pode ter repercussões na segurança e na estabilidade europeias, dada a proximidade geográfica com a Europa. Por fim, com o Irão em fase de negociações para ter o seu programa nuclear, é legítimo que a Arábia Saudita também pense nisso, o que a juntar ao facto de Israel e o Paquistão também terem armas nucleares, torna o Médio Oriente numa zona cada vez propensa ao conflito. O que a juntar ao já referido sectarismo, guerras por procuração, e existência de países a querer expandir o seu poder, temos encontradas razões para que a comunidade internacional esteja atenta aos acontecimentos na região²⁷⁸.

Este conflito no Médio Oriente pode aumentar a instabilidade política e económica internacional, permitindo um aumento do preço do petróleo, e terminar com a divisão do espaço de alguns países como o Iraque, em função das agendas das facções sunitas, xiitas, e curdas. A ameaça de uma intervenção ocidental também não está fora de hipótese, apesar do envio de tropas terrestres ser complicado²⁷⁹.

O fundamentalismo islâmico e o terrorismo são difíceis de desassociar e reflectem uma obsessão que se sobrepõe a todas as prioridades²⁸⁰. A procura do “muçulmano moderado”, por parte do Ocidente vai gerar um conflito entre moderação política e religiosa. Outras identidades para além da religião também

²⁷⁸ ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, p. 158.

²⁷⁹ <http://www.smithsonianmag.com/ist/?next=/people-places/iraqs-oppressed-majority-95250996/> - (Consultada a 23 de Setembro de 2015).

²⁸⁰ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 140.

definem e valorizam as pessoas, como a classe social, o género, a profissão, a língua, a ciência, a moral, ou a política. O Ocidente faz da questão com o ISIS ou al-Qaeda, ou do laicismo com o fundamentalismo islâmico uma guerra religiosa, levando-nos a crer que o “Choque de Civilizações” é inevitável²⁸¹. Contudo, é necessário entender a religião, em virtude da globalização e de um aumento da interação e intensificação da consciência civilizacional, que originou o aparecimento de movimentos fundamentalistas, que embora se encontrem em todas as religiões monoteístas, há hoje uma predominância na defesa da cultura islâmica. O “Choque de Civilizações” vai ocorrer, assim, em dois níveis: através de grupos adjacentes que vivem ao longo das linhas divisórias das civilizações e que lutam entre si, normalmente com violência, pelo controlo do território, o caso do actual conflito no Médio Oriente; baseando-se o segundo nível nos estados de civilizações diferentes que competem pelo poder militar e económico, e pelo controlo de instituições internacionais e de terceiras partes e, em concorrência, promovem os seus próprios valores políticos e religiosos. A concepção de vida muçulmana, de que política e religião devem ser uma só, não serve de razão para as querelas entre as diversas facções, pois no conflito do Médio Oriente não há países democratas, nem com aspirações a permitir que o secularismo se dominante. Nesta região, o “Choque de Civilizações” não abrange a extensão das diferenças intra civilizacionais, nem as influências que as relações entre civilizações acarretam, o que pode originar o aparecimento do fundamentalismo islâmico. A lógica fragmentária é alimentada para que este sentimento único de pertença seja transformado num instrumento assassino capaz de ignorar a importância de todas as outras afiliações e redefinir as exigências de identidade única de maneira conflitual²⁸².

A proliferação do conflito étnico e religioso tem sido verificada nesta “Guerra Fria” no Médio Oriente, onde as diversas vertentes do Islão se têm digladiado buscando projecção de poder, espaço, recursos e influência na região. A tese do “Choque das Civilizações”, contudo, não consegue explicar as relações entre os países ocidentais e os países muçulmanos na luta contra os grupos islâmicos radicais.

Para os críticos do “Choque de Civilizações”, como Amartya Sen e Benazir Bhutto, dividir as pessoas em função da sua religião ou cultura, obtendo uma

²⁸¹ Ahmed Abbadi, em entrevista a JNP ao jornal *Expresso*, Marrocos, Março de 2015.

²⁸² SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 226.

miniaturização das mesmas, pode contribuir para acicatar sectarismos entre as populações mundiais, alimentar o fundamentalismo islâmico, e no caso da “Guerra Fria” no Médio Oriente pode contribuir para o agravar do distanciamento entre as facções, perpetuando o conflito pelo ganho de influência, espaço e poder na região.

O Islão permite a coexistência de muçulmanos com uma postura conflituosa da religião, e muçulmanos com posições tolerantes face às diferenças, sendo que ambos têm igual fé, contudo, se o descontentamento activista muçulmano, somente se orgulhar da pureza do Islão e não da riqueza multifacetada da sua história, torna-se previsível que a religião vai remeter as pessoas para uma “identidade única”. Uma pessoa pode ser muçulmana, mas não possuir apenas essa identidade. A discussão entre ter identidades muçulmanas e islâmica é gerada por questões ambíguas, onde a confiança total nas categorias civilizacionais faz a diferença²⁸³. A tese, que impõe limites à percepção das pessoas, afirma que não podemos invocar critérios de comportamento racional que não ocorram na nossa própria comunidade. Assim, uma pessoa deve reger-se pelos valores e normas da sua comunidade, o que impede que existam outras normas para além da identidade que assumimos nessa comunidade, não permitindo compreender e aceitar as normas de comportamento e as instituições de diferentes culturas e sociedades, “minando” a possibilidade dum intercâmbio cultural²⁸⁴. Quando as pessoas definem a sua identidade em termos culturais e religiosos, vêem um “nós” versus “eles”, fomentando a ilusão da “identidade única”, apreciada pelos líderes que pretendem o confronto e a violência.

Como alternativa ao “Choque de Civilizações”, consideramos que não é correcto aceitar as civilizações como critério primário para distinguir as populações mundiais. Depois de analisarmos temas como o Islão, Islamismo, Choque de Civilizações, Fundamentalismo islâmico, sentimos a obrigação de compreender a liberdade do Homem, e de promover a paz e solidariedade num mundo não se coíbe de optar pela instabilidade, conflito, guerra e desrespeito pelos direitos humanos.

O século onde estamos vai ser palco de um confronto entre fundamentalismo e tolerância cosmopolita. Se por um lado os cosmopolitas adoptam e aceitam a complexidade cultural que põe a claro as diferenças entre as várias civilizações, por

²⁸³ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 141.

²⁸⁴ SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, p. 65.

outro temos os fundamentalistas que defendem que esta complexidade cultural é perigosa e perturbadora. Para lutar contra isto adoptam um comportamento baseado na tradição renovada e pura, e por vezes também assente na violência. “Para fazermos a história, temos de a compreender²⁸⁵”.

²⁸⁵ GIDDENS, Anthony – *O mundo na era da globalização*, p. 15.

10 – Bibliografia

- AHMED, AKBAR S. – *O Islão*, Lisboa, Bertrand Editora, 2003;
- ALMEIDA & SILVA, Teresa – *Islão e fundamentalismo islâmico – das origens ao século XXI*, Lisboa, Pactor, 2011;
- BAUER, Alain – *A globalização do terrorismo*, Lisboa, Prefácio, 2003;
- BHUTTO, Benazir – *Reconciliação: O islão, a democracia e o Oriente*, Cruz Quebrada, Casa das letras, 2008;
- BONIFACE, Pascal – *Atlas das relações internacionais*, Lisboa, Plátano Editora, 2009;
- BURKE, Jason – *Al Qaeda – A história do Islamismo Radical*, Lisboa, Quetzal editores, 2003;
- COCKBURN, Patrick – *O novo estado islâmico*, Lisboa, Self, 2014;
- COSTA, Hélder Santos – *Martírio no islão*, Lisboa, ISCSP-UTL, 2003;
- COSTA, Hélder Santos – *Xiismo iraniano: uma abordagem histórico – sociológica*, Lisboa, ISCSP, 2000;
- DELUMEAU, Jean – *As grandes religiões do mundo*, Barcarena, Editorial presença, 2002;
- DOUGHERTY, James E. – *Relações internacionais – As teorias em confronto*, Lisboa, Gradiva, 2003;
- FRIEDMAN, George – *The next 100 years*, Nova Iorque, double day, 2009;
- FUKUYAMA, Francis, *O fim da história e o último homem*, Lisboa, Gradiva, 1992;
- GONÇALVES, Francisco – *O Islamismo Radical e o Combate às suas Ameaças: da Dawa à Jihad*, Lisboa, Diário de Bordo, 2001;
- GUEDES, Armando Marques – *Ligações Perigosas – Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes*, Coimbra, Almedina, 2007;
- GIDDENS, Anthony – *O mundo na era da globalização*, Barcarena, Editorial presença, 2006;
- HASSIN, Marcel – *O Afeganistão secreto*, Lisboa, Editorial Estampa, 2007;

- HUNTIGTON, SAMUEL – *O Choque das civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, 2ª Edição, Lisboa, Gradiva, 2001;
- LARA, António Sousa – *Ciência Política – Estudo da ordem e da subversão*, Lisboa, ISCSP, 2004;
- LEWIS, Bernard – *A Crise no Islão*, Lisboa, Relógio d'Água, 2006;
- LIMA, Bernardo Pires – *A Síria em pedaços*, Lisboa, Tinta-da-china, 2015;
- LUNDE, Paul – *O Islão – Fé, Cultura, História*, Porto, Dorling Kindersley / Civilização Editores, 2006;
- MENDES, Nuno Canas – *Enciclopédia das relações internacionais*, Alfragide, D. Quixote, 2014;
- MOREIRA, Adriano - *Ciência Política*, Coimbra, Almedina, 1993;
- PINTO, Jaime Nogueira, *O Islão e o Ocidente – A grande discórdia*, Alfragide, Publicações D. Quixote, 2015,
- RAMONET, Ignacio – *Guerras do século XXI, novos medos, novas ameaças*, Lisboa, Campo das letras, 2002;
- ROGEIRO, Nuno - *Na rua Árabe – Causas e Consequências das revoltas no Médio Oriente*, Lisboa, D. Quixote, 2011;
- SAID, Edward – *Orientalismo*, Lisboa, Cotovia, 2004;
- SCRUTON, Roger – *O Ocidente e o resto: Globalização e ameaça terrorista*, Lisboa, Guerra e paz, 2006;
- SEN, Amartya – *Identidade e Violência: A ilusão do destino*, Lisboa, Tinta-da-china, 2007;
- SILVA, Augusto Santos, PINTO, José Madureira, *Metodologia das Ciências Sociais*, 10ª Edição, Porto, Biblioteca das Ciências do Homem, 1986;
- VAISSE, Maurice – *As relações internacionais desde 1945*, Lisboa, Edições 70, 2005;
- WALTZ, Kenneth N., *Teoria das Relações Internacionais*, Gradiva Publicações, 2002;
- ZAKARIA, Fareed – *O futuro da liberdade*, Lisboa, Gradiva, 2004;

Internet

- <http://observador.pt/opiniao/choque-de-civilizacoes/> -
- <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1993-06-01/clash-civilizations>
- <http://www.washingtonpost.com/wpsrv/style/longterm/books/chap1/clashofcivilizations.htm>
- <http://revistaforum.com.br/digital/159/oito-pontos-para-entender-historia-hamas-e-islao-politico/>
- <http://RevistaForum.com.br>
- <http://foreignpolicy.com/2014/03/17/al-qaeda-core-a-short-history/>
- (<http://www.theatlantic.com/features/archive/2015/02/what-isis-really-wants/384980/>)
- <http://www.foreignaffairs.com/articles/142403/louise-shelley/blood-money>
- <http://observador.pt/opiniao/choque-de-civilizacoes/>
- <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=31>
- <http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-05-20-O-Islao-esse-grande-medo>
- <Http://www.au.af.mil>
- <http://www.jihadwatch.org/2014/04/muslim-brotherhood-launches-its-own-u-s-political-party>
- <http://www1.eeg.uminho.pt/riap/>
- <http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-05-20-O-Islao-esse-grande-medo>
- <http://observador.pt/2015/01/07/charlie-hebdo-um-ataque-muito-profissional-contra-liberdade-de-imprensa/>
- <http://observador.pt/2015/06/12/2-500-mortos-conflito-no-iyemen-destruiu-monumentos-reconhecidos-pela-unesco/>
- <http://observador.pt/2015/06/26/motivou-os-ataques-na-tunisia-franca-no-kuwait/>

- <http://www.publico.pt/mundo/noticia/tunisia-detem-grupo-de-suspeitos-com-ligacoes-ao-atentado-em-sousse-1700516>
- <http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Papers/2014/07/22%20beyond%20sectarianism%20cold%20war%20gause/English%20PDF.pdf>
- <http://www.brookings.edu/research/opinions/2015/07/06-power-transitions-saudi-arabia-riedel>
- http://www.indexmundi.com/saudi_arabia/demographics_profile.html
- http://www.indexmundi.com/iran/demographics_profile.html
- <http://foreignpolicy.com/2015/08/26/the-human-carnage-of-saudi-arabias-war-in-yemen/>
- https://www.google.pt/search?q=free+siria+army&rlz=1C1OPRB_enPT552PT552&oq=free+siria+army&aqs=chrome..69i57.5807j0j7&sourceid=chrome&es_sm=93&ie=UTF-8
- <http://www.brookings.edu/research/topics/yemen>
- <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2002-03-01/reluctant-imperialist-terrorism-failed-states-and-case-american>
- <https://www.foreignaffairs.com/articles/2002-07-01/failed-states-world-terror>
- <http://pt.danielpipes.org/6411/a-guerra-fria-do-oriente-medio>
- <https://www.stratfor.com/weekly/20110307-bahrain-and-battle-between-iran-and-saudi-arabia>
- <http://www.csmonitor.com/2001/0927/p1s1-wogi.html>
- <https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/1998-11-01/turkeys-kurdish-question>
- <http://time.com/3276567/how-isis-is-recruiting-women-from-around-the-world/>
- <https://foreignpolicy.com/2015/07/21/are-we-witnessing-the-birth-of-a-new-mideast-order/>
- <http://www.publico.pt/mundo/noticia/ja-ha-acordo-sobre-o-nuclear-iraniano-1701956>
- <http://foreignpolicy.com/2009/08/07/the-worlds-10-most-dangerous-countries/>

- <http://time.com/3969596/egypt-isis-sinai/#3969596/egypt-isis-sinai/>
- http://www.huffingtonpost.com/pietros-maneos/the-great-battle-of-dabiq_b_6696936.html
- http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#!/
- <http://www.counterpunch.org/2015/04/02/yemen-saudi-arabias-vietnam/>
- <http://edition.cnn.com/2013/06/07/opinion/abdo-shia-sunni-tension/index.html>
- <http://www.mirror.co.uk/news/world-news/al-qaeda-declares-war-isis-6422015>
- <http://www.ikhwanweb.com/article.php?id=817>
- <http://www.quranicstudies.com/jihad/the-meaning-of-jihad/>
- <http://www.biography.com/people/ayatollah-ruhollah-khomeini-13680544>
- http://www.a2youth.com/articles/history_and_biographies/short_biography_of_imam_ahmad_ibn_taymiyyah/
- http://www.encyclopedia.com/topic/Sayyid_Qutb.aspx
- <http://islamicsupremecouncil.org/understanding-islam/legal-rulings/5-jihad-a-misunderstood-concept-from-islam.html?start=9>
- <http://www.globalsecurity.org/military/world/war/lebanon.htm>
- http://www.nytimes.com/2015/04/25/world/middleeast/un-refugee-official-calls-situation-in-syria-and-iraq-unsustainable.html?_r=0
- <http://www.islamicsupremecouncil.org/understanding-islam/anti-extremism/7-islamic-radicalism-its-wahhabi-roots-and-current-representation.html>
- <http://shianumbers.com/>
- <http://www.smithsonianmag.com/ist/?next=/people-places/iraqs-oppressed-majority-95250996/>
- <http://www.ipri.pt/>

